UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos

ADRIANA DOS SANTOS COSTA

CORRELATOS AMBIENTAIS E ANÁLISES MACROECOLÓGICAS DE SEMENTES E FOLHAS DAS ESPÉCIES LENHOSAS NO SEMIÁRIDO TROPICAL

MACEIÓ-ALAGOAS

Setembro/2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos

ADRIANA DOS SANTOS COSTA

CORRELATOS AMBIENTAIS E ANÁLISES MACROECOLÓGICAS DE SEMENTES E FOLHAS DAS ESPÉCIES LENHOSAS NO SEMIÁRIDO TROPICAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Doutora em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS, na área da Biodiversidade.

MACEIÓ-ALAGOAS

Setembro/2020

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

C837c Costa, Adriana dos Santos.
Correlatos ambientais e análises macroecológicas de sementes e folhas das espécies lenhosas no semiárido tropical / Adriana dos Santos Costa. – 2020.
104 f. : il., figs. e tabs. color.

Orientadora: Ana Claúdia Mendes Malhado.
Coorientadores: Richard Ladle, Juliana Stropp.
Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 87-104.

1. Vegetação. 2. Plantas lenhosas. 3. Florestas secas. 4. Condições climáticas. I. Título.

CDU: 58

Folha de aprovação

Adriana dos Santos Costa

CORRELATOS AMBIENTAIS E ANÁLISES MACROECOLÓGICAS DE SEMENTES E FOLHAS DAS ESPÉCIES LENHOSAS NO SEMIÁRIDO TROPICAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde. Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS na área da Biodiversidade.

Tese aprovada em 11 de setembro de 2020.

Ana Malhado

Dra. Ana Cláudia Mendes Malhado/UFAL

(orientadora)

Julia Caram Sfair

Dr. (ª) Julia Caram Sfair/UFC

Dr. (ª) Bruno Ximenes Pinho/UFPE

Ricardo Aleixo Henriques Correia

Dr. (ª) Ricardo Aleixo Henriques Correia/Uni.of Helsinki

João Vitor C. Silva

Dr. (ª) João Vitor Campos e Silva/UFAL

FRCouto

Dr. (ª) Fabiana Rita do Couto Santos Pereira/UFAL

MACEIÓ - AL
Setembro/ 2020

A presente tese foi realizada no Laboratório de Conservação do Século XXI- (LACOS 21) do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Alagoas, e contou com a supervisão:

Orientação: Drª Ana Cláudia Mendes Malhado

Co-Orientação: Dr. Richard Ladle & Dr.ª Juliana Stropp

Pesquisadora externa: Drª Fernanda Alves-Martins

À minha família querida, que sempre me deu apoio e motivação para a realização dos meus sonhos e metas, grata por todo carinho recebido.

Dedico

In memoriam

De minha avó, mãe, Irene Conceição Costa pelo acolhimento, zelo, conselhos, força e direcionamentos para a minha vida durante sua existência.

Eu sou eu mesmo (a) divêrjo de todo mundo. Eu quase de nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.

Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas

Agradecimentos

Antes de tudo, sou imensamente grata a meu Deus, mediante Jesus Cristo, por me dar força, ânimo e coragem para realizar este trabalho. Agradeço pelo seu amor incondicional e por ter me abençoado muito mais do que eu merecia.

O início dessa jornada não é de agora, não é de ontem, mas de todo sempre. O sonho idealizado desde a graduação, alimentado pelos locais por onde passei, convivi e aprendi, uma ideia fixa na cabeça e muita força de vontade e coragem em persistir. A persistência e a resistência aprimorou meu conhecimento, possibilitou experiências e abriu novas portas para a qualificação profissional e crescimento pessoal. Foram muitas as pessoas que influenciaram e inspiraram a minha trajetória, mas eu sou especialmente grata a minha orientadora Ana Cláudia Mendes Malhado pelo convite, oportunidade, amizade, parceria, disponibilidade e orientação. O acompanhamento em todas as etapas foram fundamentais para a realização e conclusão do trabalho.

Agradeço também aos meus coorientadores, Richard Ladle pelo apoio ímpar e pela credibilidade, Juliana Stropp, pelo interesse no meu trabalho e valiosas contribuições a minha pesquisa, Fernanda Alves-Martins pela ajuda nas análises estatísticas, paciência, dedicação, entusiasmo e motivação. Agradeço a todos pela parceria ética e prazerosa, pelos ensinamentos transmitidos e toda a contribuição no meu processo de aprendizagem.

A Nicolli Albuquerque de Carvalho, bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-LACOS21), menina prodígio da Engenharia Ambiental, pela valiosa ajuda na coleta de dados, informações e a execução dos scripts para software R. Agradeço pelo companheirismo nas etapas inicias do trabalho, foram esses os momentos em que mais eu precisei. A Millena Souza Lima, PIBIC-Júnior, pelo auxilio na coleta de dados na segunda etapa da pesquisa, pelo seu comprometimento precoce com o trabalho acadêmico e desempenho satisfatório.

Aos membro das bancas das qualificações inesquecíveis, Prof. Dr. Sidney Gouveia/UFS, Profa.Dra. Karla Peresque/UFAL, Dr.João Campos e Silva/ UFAL e Dr. Davi Teles/UFAL pelas sugestões de melhoria no desempenho da aula temática. Drª Inara Roberta Leal/UFPE, Dr. Marcelo Freire Moro/UFCE e Dr. Gilberto Costa Justino/UFAL pelas valiosas correções na versão preliminar do primeiro artigo cientifico. Aos membros da terceira qualificação Drª Fabiana Couto/ UFAL, Dr. Gilberto Costa Justino/UFAL e Dr. Ricardo Correia / Universidade de Avieiro-Portugal pela avaliação aprimorada do segundo artigo.

Agradeço a todos os professores do PPG-DIBICT que acrescentaram na minha formação acadêmica, aos coordenadores vigentes Profª Nídia Fabré e Profº Vandick Batista pela incessante busca de melhoria na conceituação do curso, aos membros dos colegiados, comissão de bolsas a secretária do PPG

Julliene Gonçalves por se fazer sempre presente na sua função. Aos colegas de curso, em especial a Paulo Henrique Gonçalves pela amizade, convivência harmoniosa, e cumplicidade durante o curso.

A grande família que compõem o Laboratório de Conservação do Século XXI, pela constante interação virtual, vivências, aprendizado e conversas oportunas. A convivência em um universo diverso e eclético me possibilitou a busca pelo melhor de mim em toda a minha essência.

Agradeço aos parceiros de casa, meus tios queridos Maria José Costa e Cloves Costa pela convivência em tempo integral, pacífica e acima de tudo compreensiva. Obrigado por cuidarem tão bem de mim, da minha vida quando o tempo se tornou escasso e o cansaço diário foi mais forte que a vontade de prosseguir.

Ao prof. de inglês Carlos Barbosa por todo empenho destinado no ensino do idioma, pela credibilidade, paciência infinita, conversas virtuais e pela torcida entusiástica para o meu sucesso nas etapas acadêmicas.

A coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos, pois sem ela não seria possível a permanência no curso.

A todos os não mencionados mas que serão sempre lembrados com carinho e gratidão!

Resumo

A sobrevivência e distribuição das espécies vegetais nas condições ambientais extremas dos ambientes semiáridos é fortemente dependente de características associadas à resistência à seca. O peso das sementes e o tamanho das folhas pode ser particularmente importante, uma vez que são traços capazes de responder a várias condições ambientais sobretudo em ambientes estressantes, como aqueles com grande restrição hídrica. O objetivo da nossa pesquisa e descrever a biogeografia funcional e a fornecer a primeira avaliação biogeográfica do peso das sementes e da área foliar em condições climáticas e edáficas do bioma Caatinga no nordeste do Brasil.Nós utilizamos dados do peso de sementes de 277 espécies lenhosas e o tamanho de folhas de 192 espécies de plantas lenhosas da Caatinga. Modelos de equações estruturais (SEM) foram utilizados para testar efeitos diretos e indiretos entre o peso da semente e as condições climáticas, incluindo temperatura, precipitação, sazonalidade climática, e compactação do solo e as associações das propriedades do solo e o tamanho médio das folhas.Dados de ocorrência de espécies foram recuperados 510 022 registros de ocorrência de espécies de Angiospermas na Caatinga a partir dos portais de dados GBIF e SpeciesLink em novembro de 2016. Nossos resultados indicam que os maiores pesos de sementes de espécies lenhosas na Caatinga são principalmente uma adaptação ao solo compactado, distribuição desigual de chuvas e altas temperaturas. A associação mais forte foi entre o peso da semente e a compactação do solo, com temperatura média do trimestre mais seco e aridez influenciando diretamente a compactação do solo (influenciando indiretamente o peso da semente).Verificamos que 67 % da variação do ph do solo da Caatinga é explicado pela aridez e existe uma relação positiva entre a tamanho das folhas e a disponibilidade de minerais catiônicos do solo. Embora a relação entre a área foliar e disponibilidade de minerais catiônicos seja mais forte que o tamanho médio das folhas e o pH do solo, essa relação pode refletir diferentes estratégias de tolerância à seca. Discutimos que o pH do solo pode ser reconhecido como um fator importante na distribuição de plantas em florestas tropicais.No geral, o esforço de amostragem em toda a Caatinga mostrou cobertura geográfica heterogênea; como indicado pelas grandes áreas do bioma que permanecem sob coleta.Concluímos que às variáveis ambientais favorecem a adaptação de sementes maiores e que as propriedades físico-químicas do solo exercem influência direta sobre o tamanho das folhas.

Palavras-chave: Aridez, Sazonalidade, Compactação, florestas secas, Vegetação, banco de dados

Abstract

The survival and distribution of plant species in the extreme environmental conditions of semiarid environments is strongly dependent on characteristics associated with drought resistance. The weight of the seeds and the size of the leaves can be particularly important, since they are features capable of responding to various environmental conditions, especially in stressful environments, such as those with great water restriction. The aim of our research is to describe functional biogeography and to provide the first biogeographic assessment of the weight of seeds and leaf area in climatic and edaphic conditions of the Caatinga biome in northeastern Brazil. We used seed weight data for 277 woody species and the leaf size of 192 woody plant species in the Caatinga. Structural equation models (SEM) were used to test direct and indirect effects between seed weight and climatic conditions, including temperature, precipitation, climatic seasonality, and soil compaction and associations of soil properties and average leaf size. Species occurrence data were retrieved 510 022 records of occurrence of species of Angiosperms in the Caatinga from the data portals GBIF and SpeciesLink in November 2016. Our results indicate that the highest weights of seeds of woody species in the Caatinga are mainly an adaptation to compacted soil, uneven distribution of rain and high temperatures.The strongest association was between seed weight and soil compaction, with average temperature of the driest quarter and aridity directly influencing soil compaction (indirectly influencing seed weight).We found that 67% of the pH variation of the Caatinga soil is explained by aridity and there is a positive relationship between leaf size and the availability of cationic minerals in the soil.Although the relationship between leaf area and availability of cationic minerals is stronger than the average leaf size and soil pH, this relationship may reflect different drought tolerance strategies. We argue that soil pH can be recognized as an important factor in the distribution of plants in tropical forests. Overall, the sampling effort across the Caatinga showed heterogeneous geographic coverage; as indicated by the large areas of the biome that remain under collection.We conclude that the environmental variables favor the adaptation of larger seeds and that the physical-chemical properties of the soil have a direct influence on leaf size.

Keyword: Aridity, Seasonality, Compaction, dry forests, Vegetation, database

Lista de figuras

Capítulo 1 **pág.**

Capítulo 2 **pág.**

Capítulo 3 **pág.**

Lista de Tabelas

Capítulo 1 pág.

Capítulo 2 pág.

Capítulo 3 pág.

Sumário

Apresentação

Mais da metade das florestas secas tropicais no mundo são localizadas na América do Sul, e são definidas no sentido amplo como um tipo de vegetação tipicamente dominada por árvores decíduas. No Brasil, estas florestas são concentradas no Nordeste do país, ocupa uma área de cerca de 844.453 quilômetros quadrados, o equivalente a 11% do território nacional (MMA, 2020). A região possui uma vegetação conhecida localmente como Caatinga que é constituída predominantemente por árvores e arbustos que perdem suas folhas em determinadas épocas do ano. Nos últimos anos o conhecimento sobre a biodiversidade da Caatinga tem crescido e comprovou-se que é uma região semiárida rica em espécies. Até momento, já foram listados milhares de espécies vegetais para a Caatinga e vários outros grupos de plantas vasculares, peixes répteis, anfíbios, pássaros e mamíferos foram apontados para a região. Tudo isso, além do elevado nível de endemismo nas ecorregiões biodiversas que a constituem.

A Caatinga, assim como as demais florestas secas, sofre com os distúrbios humanos crônicos e agudos e com às mudanças climáticas globais. Os distúrbios crônicos provocados pelas ações moderadas vem se acumulando em grandes impactos ecológicos. Outra ameaça importante é referente as mudanças climáticas, visto que pesquisas recentes indicam que 94% da região Nordeste brasileira está sob moderada a elevada susceptibilidade à desertificação (VIEIRA et al., 2015) e que as zonas semiáridas podem ser as mais vulneráveis às secas de longo prazo no futuro (RAMMIG; MAHECHA, 2015). Assim podemos concluir que a vulnerabilidade da Caatinga está associada às mudanças ecológicas e climáticas que podem refletir nos ecossistemas e nas suas espécies. Dessa forma, através do uso das ferramentas espaciais aplicadas à biogeografia tentamos descrever e explicar a distribuição das características morfológicas das espécies lenhosas da Caatinga e suas possíveis relações com os fatores ambientais que podem identificar padrões funcionais dessas características e ajudar no entendimento das ameaças à Caatinga a desertificação e ao desmatamento.

Sabemos que os traços morfológicos das espécies vegetais são amplamente utilizados para identificar padrões gerais da distribuição de plantas ao longo de gradientes ambientais na vegetação.Nesse presente estudo, selecionamos folhas e sementes por serem considerados, em termos funcionais, os órgãos vegetais mais importantes das plantas e por possuir vários atributos funcionais que podem funcionar como respostas adaptativas quando condicionados a diferentes ambientes.Para atender essa abordagem foi construído um banco de dados inédito para a Caatinga, como potencial de testar as hipóteses e responder aos objetivos do trabalho.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho foi utilizar a Biogeografia funcional para descrever e explicar a distribuição de características funcionais nas árvores da Caatinga com o intuito de suprir a deficiência Raunkiæran no conhecimento sobre os traços das espécies e suas funções (HORTAL et al., 2015) e indicar os padrões das características funcionais de folhas e sementes que poderão limitar a distribuição geográfica de determinados táxons.

O presente trabalho está dividido em três capítulos:

I) **Revisão da literatura**, apresenta ao leitor a discussão atual sobre relação entre atributos e variáveis ambientais.

II) **Capítulo 2 – apresentado em formato de artigo científico:** ***Environmental correlates of seed weight of tropical semi-arid woody species***, amplia o conhecimento sobre a biogeografia da sementes da Caatinga, permitindo assim um melhor entendimento da influência do clima para a adaptação functional de sementes de espécies lenhosas da Caatinga.

III) **Capítulo 3 – proposta de artigo científico:** ***Macroecological analysis of physiological activity of Neotropical semi-arid woody species***, faz uso da abordagem biogeográfica para tentar compreender as relações iniciais entre o tamanho de folhas e as propriedades do solo da Caatinga.

1.REVISÃO DA LITERATURA

1.1- *Trade-offs* em sementes e folhas

Os *trade-offs* são considerados uma característica fundamental das estratégias ecológicas e tem como uma de suas possíveis traduções para o português a expressão “demandas conflitantes” (SOUZA, 2015; ZANELATO, 2012), ou seja, toda vez que um organismo destina recursos a um fim, esse recurso fica indisponível para outro fim (BEGON et al.2007). Processos evolutivos preveem *trade-off* entre dormência da semente, peso da semente e dispersão espacial da semente, e esses processos podem evoluir em respostas a condições ambientais desfavoráveis (REES, 1993).A alocação diferencial de recursos ocorre entre crescimento, armazenamento e reprodução (BARRERE et al., 2019; VILELA et al., 2008) e tem um efeito definido entre a quantidade e o tamanho das sementes (FIGUEIREDO et al., 2015).

Os mecanismos que operam dentro do modelo de *trade-off* entre o tamanho *vs.* número das sementes demonstram mudanças no tamanho das sementes pronunciada pela disponibilidade de recursos (VENABLE, 1992), e consiste na premissa entre produzir uma menor quantidade de sementes grandes contra uma maior quantidade de sementes pequenas em espécies de plantas que abrangem várias formas de crescimento e uma variedade de hábitos (LEISHMAN, 2001). O *trade-off* tamanho vs. número de sementes pode ser interpretado ecologicamente de diferentes formas, e atua também como um fator determinante no processo de competição *vs.* colonização, por permitir que sementes de tamanho grande proporcione uma maior capacidade competitiva nos locais de estabelecimento das mudas (TURNBULL et al.; 1999).Estudos abrangentes consideraram traços relevantes de tolerância ao estresse e os diferentes níveis de fecundidade capazes de explicar o *trade-off* entre fecundidade *vs.* tolerância ao estresse encontrados em espécies que co-ocorrem com diferentes tamanhos de sementes em ambientes estressantes (VILLELLAS; GARCÍA, 2013)

A limitação de recursos pode afetar o *trade- off* tamanho/ número de sementes entre anos de alto e baixo investimento reprodutivo em espécies tropicais arbóreas (MENG et al., 2014; SOUZA et al.; 2015). Além disso, existem correlações genéticas entre o tamanho das sementes e traços vegetativos, a exemplo dos genótipos de sementes pequenas capazes de produzir mais sementes no total porque atrasam a floração, produzem folhas mais longas, constroem uma roseta maior e, portanto, acumulam mais recursos (PAUL-VICTOR; TURNBULL, 2009). A relação número/peso da semente pode se correlacionar com outros traços da planta como o número dos diásporos produzidos, altura das espécies e a capacidade de propagação lateral (ŠERÁ, 2008). A massa da semente e os traços de reprodução das sementes são correlacionados com o tamanho da planta (PIERCE et al., 2014) e positivamente relacionados com as defesas foliares (KRAFT et al., 2015).

Sementes maiores podem exigir plantas maiores em ambientes competitivos criando uma correlação entre plântulas e crescimento adulto e taxas de sobrevivência (REES; VENABLE, 2007). A existência de *trade-off* entre a redução da dormência das semente e o aumento da longevidade de plântulas adultas também foram testadas, essa redução parece ser generalizada nas comunidades vegetais de plantas temperadas (REES, 1993). Há evidência que o tamanho das semente é resultante da seleção estabilizadora (RIDLEY, 2007),mantém a constância do tamanho médio das sementes no curso do processo evolutivo, mas também sujeito a seleção natural (SILVERTOWN, 1989). HAIG (1989) acrescenta que ambientes diferentes tem sementes de diferentes tamanhos no qual estaria de acordo com a evolução de uma “estratégia condicional” que consiste no tamanho da semente como uma resposta ao ambiente parental. Portanto, a variação no tamanho das sementes entre ambientes é compatível com a seleção estabilizadora no tamanho das sementes dentro de um ambiente.

Os *trade-off* tamanho de semente *vs.* número podem ser correlacionar com padrões de distribuição espacial, temporal e abundancia das espécies (GUO et al., 2000). A produção de muitas sementes pequenas pode ser uma resposta adaptativa para aumentar a dispersão (MOLES;WESTORBY, 2004). A associação entre tamanho da semente e habitat sombreado na flora britânica revelou que espécies associadas a habitats sombreados tendem a ser maior que as sementes de espécies associadas a espécies de habitat abertos (HODKINSON et al., 1998). Sementes de tamanho maior oferece maiores vantagens no estabelecimento de mudas até a reprodução entre as espécies anuais, e fornece estratégias de apostas em ambientes temporalmente imprevisíveis (METZ et al., 2010). A variabilidade no padrão de distribuição espacial da massa média das sementes em ambientes na zona temperada pode ser explicado pelo ph e umidade do solo, considerados relevantes por modelar a composição de traços de plantas sob mudanças do uso da terra e clima (TAUTENHAHN et al., 2008). A massa da semente ideal depende de uma relação entre a massa da semente e a umidade do solo aliado à suscetibilidade à predação e infestação de sementes, além da quantidade e previsibilidade da queda de chuva (VOLIS; BOHRER, 2013).

Os *trade-offs* também são observados em folhas, e a relação significativamente negativa (isometria) entre o tamanho de folhas *vs.* número é amplamente conservada nas plantas e pode resultar na troca de alocação de recursos de biomassa em espécies lenhosas (YANG et al.,2008). Os *trade-offs* isométricos são considerados um princípio fundamental da teoria da estratégia de ecologia evolutiva (KLEIMAN; AARSSEN, 2007) porque pode levar a adaptação local (HEREFORD, 2009). O *trade-off* pode ser alométrico (desproporcionalidade) em populações de espécies herbáceas, plantas com folhas menores, que tem tamanhos corporais geralmente menores, apresentam uma intensidade de folheação maior devido a necessidade de maximizar adaptabilidade (SCOTT; AARSSEN, 2012). A relação tamanho de folhas e vs. número por unidade de galho anual pode estar relacionado com a perda de água e o tamanho das folhas, ou seja, quanto menor a folha mais rápida é a perda de água para espécies arbóreas de folhas simples desenvolvidas em ambientes quentes (WANG et al., 2019).

As plantas em resposta a seca utilizam os *trade-offs* para manter os benefícios para a manutenção da área foliar em locais com déficit hídrico, os indivíduos que tenham menor área foliar minimizam a perda de água e o aquecimento por radiação (BARKER;CARADUS, 2001). O *trade-off* entre a capacidade fotossintética máxima e a resistência em condições desfavoráveis tem levado as folhas resistir ao estresse ambiental, marcado pelo maior investimento na construção da folha do que na função fisiológica (ZHANG et al., 2017). Adaptações evolutivas e *trade-offs* fisiológicos podem explicar variações nos traços morfológicos das folhas sob diferentes estratégias de crescimento em espécies de leguminosas lenhosas decíduas tolerantes a seca em habitat semiáridos e áridos (QIN et al.,2018). O *trade-off* entre a queda *vs.* manutenção das folhas é visto como uma necessidade para economia de água, perda de carbono e nutrientes em compensação da perda de água e carbono e manutenção de nutrientes, além de funcionar como um escape rápido para fuga de herbívoros (Fig.1,GARCIA et al.; 2017).

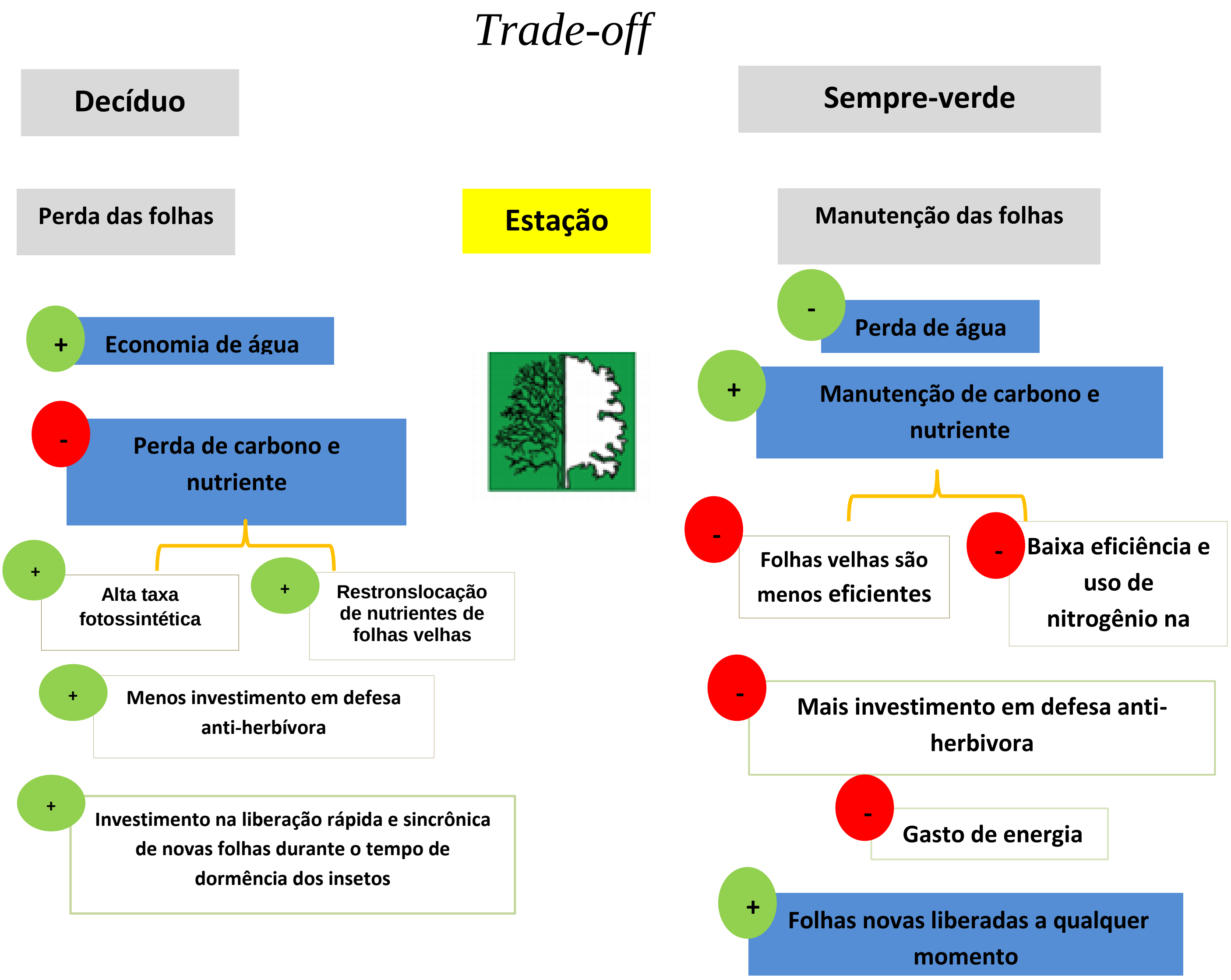


Figura 1-Exemplos de *trade-offs* em plantas em ambientes áridos, resultando na perda e manutenção das folhas e os mecanismos envolvendo demandas conflitantes (Garcia et al. 2017).

1.2- Funções e correlações ambientais do peso das sementes

A massa da semente é um traço que ocupa uma posição central na ecologia de uma espécie, pois liga a ecologia da reprodução e o estabelecimento de plântulas com crescimento vegetativo (LEISHMAN et al., 2000).Existem muitas correlações conhecidas entre os traços das sementes, estratégias reprodutivas e as condições ambientais. Um dos traços mais estudados é o tamanho e peso da semente. O padrão mais geral é: as sementes são maiores em ambientes mais secos (MALHADO et al., 2015a). De acordo com BAKER (1972), o aumento no peso da semente é uma resposta adaptável, pois diferentes circunstâncias ambientais exigem diferentes respostas das sementes a essas condições, a exemplo o aumento do peso das sementes em habitat cada vez mais seco (xêrico) devido ao aumento da espessura do revestimento de semente.

Outro padrão bem conhecido e estudado é referente à correlação entre a massa da semente e a correlação com a fertilidade do solo (Tabela 1).

Tabela 1-Hipóteses do significado adaptativo do tamanho da sementes.

Hipóteses	Local	Referências
A massa das sementes é positivamente correlacionada com a fertilidade do solo.	Alemanha (Zona temperada)	(TAUTENHAHN et al., 2008)
A massa das sementes é negativamente correlacionada com a fertilidade do solo.	Amazônia (Floresta tropical úmida)	(TER STEEGE et al., 2006)
Tamanho grande da semente é uma vantagem em ambientes sombreados.	Reino Unido (Flora Britânica)	(HODKINSON et al., 1998)
A sobrevivência de mudas na sombra aumenta com o tamanho das sementes.	México (Floresta tropical úmida)	(IBARRA-MANRÍQUEZ et al.; 2001)
Sementes grandes e com capacidade de germinação precoce geram mudas com competitividade alta.	Inglaterra (Campo)	(GRIME et al., 1981)
Sementes maiores produzem mudas mais vigorosas que suportam melhor danos físicos e bióticos.	México (Floresta tropical úmida)	(IBARRA-MANRÍQUEZ et al., 2001)
Sementes grandes são uma adaptação para a maior altura da planta.	Peru (Floresta tropical úmida)	(KELLY, 1995)
Espécies florestais maduras possuem sementes maiores do que espécies pioneiras.	Peru (Floresta tropical úmida)	(KELLY, 1995)
Sementes maiores possuem bancos de sementes menos persistentes.	Europa e América do Norte (Flora Europeia e Americana)	(VERHEYEN et al., 2003)
Em ambientes susceptíveis a incêndios, sementes maiores têm mais vantagem de estabelecimento.	Austrália Ocidental (Flora do Mediterrâneo)	(HANLEY et al., 2003)
Existe uma forte correlação entre o tamanho da semente e a morfologia funcional dos cotilédones.	México (Floresta Tropical úmida)	(IBARRA-MANRÍQUEZ et al., 2001)

Outro padrão bem conhecido e estudado é referente à correlação entre a massa da semente e a correlação com a fertilidade do solo (Tabela 1).

1.3- Padrões biogeográficos do tamanho de folhas

Folhas é um traço extremamente importante para as plantas capazes de expressivas plasticidades morfológicas em respostas a diferentes condições ambientais (ROZENDAAL et al., 2006). Dentre as proposições defendidas por GIVNISH (1987) sobre a forma das folhas destaca-se a que árvores com folhas compostas são mais comuns em habitats áridos e semiáridos. Um conjunto de hipóteses tem sido amplamente testado na literatura sobre a forma das folhas (Tabela 2).

Tabela 2-Hipóteses dos significado adaptativo do tamanho de folhas

Aspectos	Padrão Macrogeográfico	Referências
Forma da Folha	Alta proporção de árvores com folhas oblongadas no Norte e Nordeste da Amazônia. Região Central e Noroeste contém uma alta proporção de árvores com folhas relativamente estreitas.	(MALHADO et al., 2009a)
Tamanho da Folha	Parcelas ao Noroeste da Amazônia possuem uma maior proporção de folhas de tamanho grande (> 20,25 cm²) do que parcelas de outras regiões; O Norte e o Sudoeste da Amazônia exibem uma menor proporção de árvores com folhas grandes (folhas grandes são menos abundante), já o Noroeste e a Amazônia Centro-Oriental exibem uma maior proporção de árvores com folhas grandes (folhas grandes são mais abundantes).	(MALHADO et al., 2009a)
Tamanho da folha e fertilidade do solo	No Noroeste da Amazônia não foi encontrado qualquer correlação significativa entre o tamanho da folha e a fertilidade do solo. No Sudoeste da Amazônia, ao contrário, houve uma correlação negativa entre as proporções de árvores com folhas grandes e fertilidade do solo	(MALHADO et al., 2009b)
Tamanho da folha e fertilidade do solo	Presença forte de árvores com folhas compostas no Norte da região do que em outras regiões. Regiões Centrais e Leste da Amazônia com mais árvores com folhas compostas do que o Sul e Oeste da região.	(MALHADO et al., 2009b)
Presença de árvores com folhas compostas	Claro agrupamento de gêneros e árvores com folhas compostas em regiões de floresta da Venezuela e Guiana e baixa frequência em áreas no Sul da Amazônia. Embora haja também variações consideráveis dentro de cada região, por exemplo, são encontrados parcelas com baixa quantidade de árvores com folhas compostas na região do Escudo das Guianas.	(MALHADO et al., 2010)

Presença da Ponta de Gotejamento	Árvores e espécies com pontas de gotejamento foram mais prevalentes na Amazônia Central – Leste do que em outras regiões. Pontas de gotejamento também foram associadas com espécies arbóreas que têm alturas máximas e diâmetro de tronco menor. A proporção de espécies e indivíduos com as pontas de gotejamento foi mais fortemente correlacionada com a precipitação do trimestre mais chuvoso do que com a precipitação total anual ou a duração da estação seca; Rebelo & Williamson (1996) demonstraram que as pontas de gotejamento são mais prevalentes nas comunidades de árvores provenientes de solos de argila, propensos a erosão, em comparação com os solos arenosos da Amazônia Central, mais resistentes à erosão.	(MALHADO et al., 2012)

Fonte: (OLIVEIRA-NETO, 2014)

1.4- Florestas tropicais secas

A florestas secas são responsáveis por quase metade das áreas tropicais e subtropicais do mundo, abrangendo grandes áreas da África, América Latina e Ásia Pacífico (Center for International Forestry Research, O'NEILL et al., 2014). Nos trópicos, metade do clima é sazonalmente seco (Figura 2), e desempenham um importante papel no padrão de distribuição das florestas tropicais (PENNINGTON et al., 2018). As florestas tropicais secas são reconhecidas por possuir um tipo de vegetação tipicamente dominado por árvores caducas (pelo menos 50% das árvores presentes são consideradas decíduas), e incluem outros tipos de vegetação associadas que podem ser incluídos na matriz da vegetação de floresta tropical, como savanas, florestas costeiras, florestas de galerias e manguezais (SÁNCHEZ-AZOFEIFA et al., 2005). As florestas secas são tipos de vegetação dominadas por plantas lenhosas, principalmente árvores, cuja copa cobre mais de 10% da superfície do solo em climas com estação seca de três meses ou mais, ou seja, áreas caracterizadas por secas frequentes, inundações ocasionais e vulnerabilidade geral à variabilidade climática (CHIDUMAYO; MARUNDA, 2010).

BLACKIE et al., (2014) fundamentados nos estudos da (FAO, 2001) define as florestas tropicais secas como aquelas que possuem clima tropical, com chuvas de verão, período seco de 5 a 8 meses e a precipitação anual com variação de 500 a 1500 mm. Ainda de acordo com Blackie e colaboradores, as florestas tropicais incluem as florestas de Miombo, florestas do Sudão, Savanas (África), Caatinga e Chaco (América do Sul), e Florestas decíduas secas de Dipterocarpaceaes (Ásia). As florestas secas neotropicais, se estendem por 519.597 Km^2, e 39%

ocorrem na América do Norte e Central, 51% na América do Sul e 9% nas Ilhas do Caribe. O México contém a maior extensão, 181.461 Km^2 (38% do total), das florestas secas neotropicais e, correspondentemente, apresenta um maior número de eco regiões das florestas secas do que qualquer outro país neotropical (PORTILLO-QUINTERO; SÁNCHEZ-AZOFEIFA, 2010). Das 24 360 espécies de plantas vasculares encontradas no México, 10 235 (42%) são endêmicas (SOSA et al., 2018). As florestas secas da América Central apresentaram riqueza de espécies semelhantes quando comparadas com outras florestas neotropicais (GILLESPIE et al., 2000). BUCHER (1982), classificou o Chaco (Argentina) e a Caatinga (Brasil) como “savanas áridas” da América do Sul. Entretanto, a Caatinga é considerada a maior região de floresta seca tropical da América do Sul (SILVA et al.,2017)

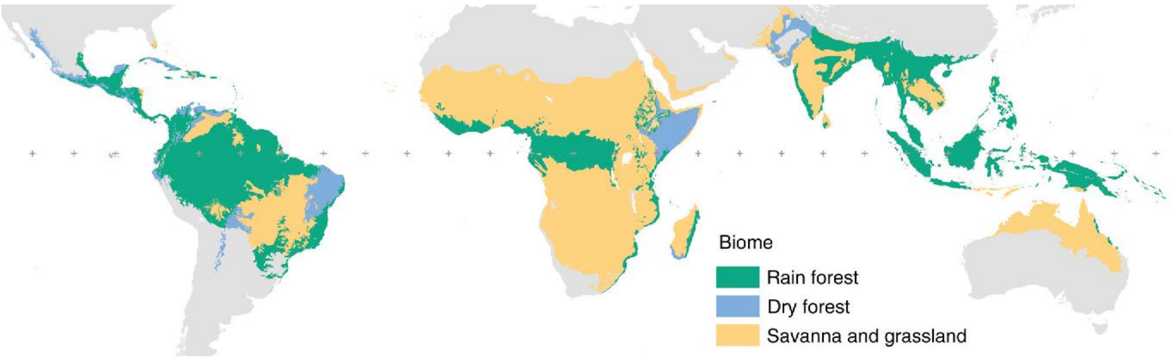


Figura 2-Distribuição das florestas tropicais, úmidas e savanas no mundo (Pennington et al.2018)

Nas florestas tropicais secas certos traços (traços funcionais) das plantas são comumente medidos (ou seja, características de folhas, características de caule e características regenerativas) pois essas características permitem responder a várias condições ambientais (CHATURVEDI; RAGHUBANSHI, 2013). Condições ambientais como mudanças no clima, escassez de água no solo, falta de minerais, que podem ser evidenciadas através de adaptações morfológicas (espinhos, tecidos suculentos, tricomas) ou adaptações fisiológicas (regulação do potencial da água, concentração de nutrientes, etc (SINGH; VERMA, 2020).As florestas tropicais são ambientes sazonais ideal para estratégias adaptativas de germinação de sementes durante a transição entre estações secas e chuvosas (MARTINS et al., 2019). Sementes de muitas espécies lenhosas nas florestas tropicais secas permanecem adormecidas durante a estação seca e emergem com chuvas (RAY; BROWN, 1994). As sementes permanecem no chão da floresta até a próxima estação chuvosa, quando encontra condições favoráveis para germinação e crescimento (CECCON et al., 2006). As florestas secas tropicais são caracterizadas por um número relativamente alto de espécies arbóreas com sementes pequenas, secas e dispersas pelo vento (SCARIOT; VIEIRA, 2006). A variação no tamanho e formas das sementes em espécies de árvores tropicais secas reflete o polimorfismo com o maior sucesso de colonização em uma ampla gama de situações ambientais (KHURANA; SINGH, 2001).A estrutura das florestas secas tropicais podem ser amplamente determinada pelas categorias de tamanho das sementes, isto é, a massa da semente, a frequência e a abundância podem indicar que indivíduos de espécies de sementes pequenas são mais amplamente distribuídos do que aquelas de espécies de sementes grandes (KHURANA ET AL., 2006). Estudos sobre o peso das sementes por forma de vida em florestas tropicais secas mostram diferenças significativas nas médias de peso das sementes entre árvores, arbustos e ervas (do maior para o menor) semelhante aos observados em estudos na zona temperada (ROCKWOOD, 1985).

Além disso, nas florestas tropicais sazonalmente secas as folhas pequenas de espécies arbóreas tendem a ser menos sensíveis às mudanças na disponibilidade de água do que espécies com folhas grandes (GARCÍA-CERVIGÓN et al., 2020). A deciduidade foliar durante a estação seca, períodos em que as árvores provavelmente sofrem severos estresses de água, está fortemente correlacionados com a variação da disponibilidade de água no subsolo (BORCHERT,1994). Diferenciações fenotípicas sazonais encontradas em folhas podem ser respostas adaptativas, pois as folhas produzidas imediatamente antes da estação seca provavelmente experimentam maior disponibilidade de luz durante a vida útil devido à redução da cobertura de nuvens durante a estação seca (KITAJIMA et al., 1997).Variações nos regimes de precipitação em florestas tropicais sazonalmente secas afetam os traços foliares capaz de promover mudanças na aquisição e na abertura ciclo do nitrogênio na planta (ROA-FUENTES e.t al., 2015). Os traços foliares (área foliar, peso foliar, área foliar específica e teor de clorofila) sofrem variabilidade entre locais e refletem a plasticidade fenotípica, levando à adaptação às condições locais no ambiente seco tropical (PANDEY et al., 2009; PANDEY et al., 2013).

As variações dos traços anatômicos lenhosos em árvores tropicais, entre indivíduos da mesma espécie e dentro dos locais, podem ser maior que as variações entre espécies e locais (FICHTLER; WORBES, 2012). Traços foliares xeromórficos são comumente considerados adaptações estruturais que reduzem a perda de água (p.ex. espessura, cutícula, estômatos submersos, papilas e tricomas epidérmicos, papilas estomáticas e estômatos dispostos em sulcos profundos) e sua presença em plantas fósseis é frequentemente usado para indicar aridez paleoambiental (HAWORTH;MCELWAIN, 2008). *Traits* folhas-caules estão intrinsicamente relacionados, por exemplo, espécies com madeira de baixa densidade, flexível, quebrável, hidraulicamente eficiente, mas cavitacionalmente vulnerável perdem suas folhas rapidamente em resposta à seca e apresentam baixa massa foliar por área e teor de massa seca (MARKESTEIJN et al., 2011; MÉNDEZ-ALONZO et al., 2012). Em geral, os traços das folhas adultas nas florestas tropicais secas diferem em relação a tolerância a sombra quando comparado as florestas tropicais úmidas (POORTER, 2009).

1.5- Caatinga

O nome Caatinga significa “floresta branca” na língua Tupi, fazendo menção à penetração da luz até o solo quando as árvores estão desfolhadas durante a estação seca (FERNANDES; QUEIROZ, 2018; PRADO, 2003). A Caatinga apresenta uma alta heterogeneidade espacial e temporal na dinâmica da vegetação em virtude, principalmente, de fatores climáticos (SILVA et al., 2017), é reconhecida como o maior núcleo contínuo de Florestas e Arbustais Tropicais Sazonalmente Secos da América do Sul (DE QUEIROZ et al., 2017; FERNANDES; QUEIROZ, 2018). Segundo (GIULIETTI et al., 2004) a vegetação da Caatinga é constituída por um conjunto de características tais como: a) vegetação submetida a um clima quente e semi-árido, circundado por clima mais úmido; b) possui espécies que apresentam adaptações à deficiência hídrica (caducifólia, herbáceas anuais, suculência, acúleos e espinhos, predominância de arbustos e árvores de pequeno porte, cobertura descontínua da copa) e c) a existência de espécies endêmicas. A vegetação da Caatinga muda previsivelmente em resposta à precipitação e fertilidade do solo e são mediadas por traços funcionais, ou seja, espécies com combinação de características particulares tendem a responder de maneira semelhante a uma combinação de fatores (PINHO et al., 2019a). A produtividade da vegetação da Caatinga está intimamente ligada à variabilidade da precipitação (SALIMON; ANDERSON, 2018), e cerca de 70% da precipitação anual retorna à atmosfera (PINHEIRO et al., 2016). A precipitação tem um efeito mais forte na assembleia de espécies, quando comparados aos distúrbios humanos agudos (por exemplo, perda da floresta) e crônicos (sobrepastoreio extração de lenha) sobre espécies lenhosas da vegetação da Caatinga brasileira (RITO et al., 2017).

OLIVEIRA-FILHO et al., (2006) afirmam que períodos crescentes de escassez de água, com aumento da fertilidade do solo e temperatura marcam a transição das florestas semidecíduas (Floresta úmida) para as caducifólias e depois para as formações semiáridas, tanto para as Caatingas (tropicais) quanto as Chaco (subtropicais). A flora lenhosa da Caatinga exibe uma ampla variação de traç*o*s inter e intraespecíficos, isto é a variação intraespecífica dos *traits* explica pelo menos um terço da variação total. Essa variação não é distribuída aleatoriamente dentro das comunidades, mas varia de acordo com as condições de precipitação e intensidade de perturbação (ZORGER et al., 2018). Além disso, inventários florísticos recentes revelam a formação de dois principais grandes grupos florísticos na região, classificados de acordo com os tipos de solos existentes, que constituem a Caatinga Cristalina e a Caatinga Sedimentar (Costa et al. 2015). A descrição de novas biorregiões descritas na Caatinga contribuem para uma melhor compreensão dos padrões biogeográficos nos neotrópicos (COLLI-SILVA et al., 2019).

Velloso e colaboradores (VELLOSO et al., 2002) identificaram oito ecorregiões para a biota Caatinga e as definiram como: "é uma unidade relativamente grande de terra e água delineada pelos fatores bióticos e abióticos que regulam a estrutura e função das comunidades naturais que lá se encontram". Nesse sentido cada ecorregião pode ser vista como uma unidade biogeográfica (DINERSTEIN et al., 1995). As definições das ecorregiões na Caatinga proporcionaram um levantamento geoambiental para auxiliar na criação das Unidades de Conservação na região (FREIRE, 2015). Entretanto, apenas 5% do território da Caatinga é coberto por Unidades de Conservação Federal, e com poucas coleções da flora amostrada (MAGDALENA et al., 2019).Atualmente algumas ecorregiões apresentam menos de 1% de sua área protegida por unidade de conservação na Caatinga (TEIXEIRA, 2018). Mesmo assim, (MORO et al., 2016) através de comparações fitogeográficas da Caatinga tendo por base dados florísticos e fitossociológicos classificaram nove tipos de ecoregiões na região. Recentemente, (SILVA et al.;2017) propõem um novo mapa das ecorregiões da Caatinga diferindo de (VELLOSO et al., 2002) que consiste na retirada da ecorregião Campo Maior e acréscimo de uma nova ecorregião denominada de São Francisco-Gúrgéia, devido destacada singularidade dentre as ecorregiões estudadas.

Os estudos realizados na escala de paisagem, apoiam as unidades de paisagem como preditoras da distribuição, abundância, riqueza e diversidade de plantas lenhosas da Caatinga (SILVA et al., 2003). Padrões de composição florísticas de famílias botânicas (por exemplo, Boraginales, Boraginaceae *s.l*) estão relacionados às Ecorregiões e aos substratos oriundos do embasamento cristalino e bacias sedimentares (SILVA-MATOS et al, 2020; VIEIRA et al., 2015). As ecorregiões da Caatinga são ricas em espécies endêmicas, ou seja, que não são encontradas em nenhuma outra região do mundo (TABARELLI et al., 2018). Ecorregiões tais como o Raso da Catarina (PE e BA) e Chapada Diamantina (BA) destaca-se pelo expressivo número de espécies vegetais endêmicas (AMORIM; BAUTISTA, 2016; VARJÃO et al.; 2013, VALENTE et al., 2013). Novos registros taxonômicos das espécies vegetais são frequentemente descritos nas ecorregiões (CARNEIRO-TORRES et al., 2011) e ajudam a elevar o número de táxons endêmicos ao Brasil e exclusivos para a Caatinga (SILVA et al., 2018; LIMA et al., 2019). A singularidade da biodiversidade das ecorregiões da Caatinga está associada a fauna local, a exemplo de algumas espécies de angiospermas associadas a abelhas nos estratos herbáceo e lenhoso (TROVÃO et al., 2009). Três ecorregiões da Caatinga refletem o padrão de endemismo de lagartos (dunas paleoclimáticas do rio São Francisco, Chapada Diamantina e Raso da Catarina), enquanto outras duas ecorregiões da Caatinga (Depressões Sertanejas e Planalto da Borborema) apesar de demonstrarem alguma heterogeneidade no clima e na geomorfologia, não influenciam a fauna de lagartos (MESQUITA et al., 2017).

A Caatinga vem ao longo dos anos sofrendo com a perda da biodiversidade e degradação ambiental no Brasil (BUSTAMANTE; METZGER, 2019). As perturbações antrópicas, como a extração da madeira e pressão de animais (pastejo de cabras e gado), associado a variáveis ambientais (solo e precipitação) tem afetado a vegetação da Caatinga (SFAIR et al., 2018). Milhões de pessoas vivem na Caatinga e utilizam seus recursos para atender as suas necessidades em termos de subsistência e necessidades adicionais (ALBUQUERQUE et al., 2017). A utilização recorrente das “queimadas” como técnica agrícola de limpeza para o manuseio do solo pelos agricultores e o desmatamento tem contribuído para extinção de várias espécies da fauna e flora (TAVARES, 2018). Essas práticas agrícolas tradicionais de corte-e-queima e cultivo itinerante intensificados na região nos últimos três séculos tem reduzido significativamente a densidade e a diversidade do banco de sementes do solo da Caatinga (MAMEDE; DE ARAÚJO, 2008). A regeneração da Caatinga é afetada pelo uso histórico da terra, achando-se incapaz de se recuperar completamente após períodos curtos do abandono da terra, isto é., pousio, e sofre alterações no perfil estrutural, taxonômico e funcional das assembleias de plantas (SOBRINHO et al., 2016). O pastoreio pesado principalmente de caprinos e bovinos tem reduzido significativamente o estoque de carbono orgânico no solo (SCHULZ et al., 2016). Os estoques de carbono e a atividade microbiana em solos das florestas secas da Caatinga são fortemente influenciados pelos tempos de corte das florestas e refletem perdas significativas de carbono associado a esse tipo de manejo (ARAÚJO FILHO et al., 2018).

Além disso, o consumo de folhas e taxas de herbivoria por formigas cortadeiras são maiores nas áreas mais perturbadas com maior consumo foliar durante a estação seca (SIQUEIRA et al., 2018). Folhas, flores, frutos e sementes são recursos alimentares importantes durante a estação seca na Caatinga (ARAÚJO FILHO et al.,1998). A remoção da biomassa associada a degradação ambiental da Caatinga vem a favorecendo a formação dos processos de desertificação nas áreas mais susceptíveis na região (FIGUEIREDO et al., 2012).Estudos recentes indicam que a perda cobertura vegetal na Caatinga aumentaram no período de 2000-2017, sobretudo em áreas de pastagem, e essa expansão foi mais acentuada devido à seca severa que ocorreu em 2011 (TOMASELLA et al., 2018). Devido à forte relação entre clima e vegetação, cenários de mudanças climáticas atuais e futuras evidenciam que as regiões ocupadas pela Caatinga podem não suportar altos índices de aridez (RODRIGUES et al., 2015). A redução das chuvas correlacionada a aridez favorece a mastigação de folhas por herbívoros na Caatinga (ANDRADE et al., 2020). Modelos térmicos descreve que a redução precipitação, mais que a temperatura, irá afetar a germinação e o recrutamento de espécies endêmicas da Caatinga (OLIVEIRA et al., 2019; DANTAS et al., 2019). Enfim, ampliação da área de distribuição da Caatinga pode ocorrer, sendo mais resistentes que outras biotas, mas nesse meio tempo a região também seria afetada pelas perdas de seus enclaves de florestas fechada e espécies endêmicas ou habitat-específico (ZANINI et al., 2017;SIMÕES et al., 2020).

Capítulo I

2- Manuscript published in the Plant and Soil

Title: Environmental correlates of seed weight of tropical semi-arid woody species

Adriana dos Santos Costa[a],∗, Juliana Stropp[a], Nicolli Albuquerque de Carvalho[a], Fernanda Alves-Martins[b], Richard J. Ladlea, Ana C.M. Malhado[a]

[a] Institute of Biological and Health Sciences, Federal University of Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL 57072-900, Brazil.

[b] Departament of Biogeography and Global Change, Museo Nacional de Ciencias Naturales (MNCN-CSIC) C/ José Gutiérrez Abascal 2, 28006, Madrid, Spain.

*adrianacostabio@gmail.com; telephone: 55 82 3214 1681

Electronic Supplementary Material Table S2

2- Title: Environmental correlates of seed weight of tropical semi-arid woody species

Adriana dos Santos Costa[a,*], Juliana Stropp[a], Nicolli Albuquerque de Carvalho[a], Fernanda Alves-Martins[b], Richard J. Ladle[a], Ana C.M. Malhado[a]

[a] Institute of Biological and Health Sciences, Federal University of Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL 57072-900, Brazil.
[b] Departament of Biogeography and Global Change, Museo Nacional de Ciencias Naturales (MNCN-CSIC) C/ José Gutiérrez Abascal 2, 28006, Madrid, Spain.
*adrianacostabio@gmail.com; telephone: 55 82 3214 1681

Abstract

Aims: The survival and distribution of plant species in the extreme environmental conditions of semi-arid regions is strongly dependent on traits associated with drought resistance. Seed weight may be particularly important, since larger seeds arepredicted to promote survival in harsh environments, especially those of low soil moisture. Here, we test this hypothesis using data on the seed weight of 277 woody plant species in the semi-arid Caatinga biome of northeast Brazil.
Methods: We used Structural Equation Models (SEM) to test for associations between seed weight and biophysical conditions, including temperature, precipitation, climatic seasonality, soil-vegetation interaction and soil compaction.
Results: Species occurrence data were geographically biased due to large areas of the biome that remain under-collected. The strongest statistical association was between seed weight and soil compaction, with mean temperature of the driest quarter and aridity directly influencing soil compaction (and indirectly influencing seed weight).
Conclusions: We conclude that the larger seeds of woody species in the Caatinga are primarily an adaptation to compacted soil, uneven distribution of rainfall and high temperatures, intrinsic conditions of the Caatinga biome.

Keywords: Arid and Semi-arid, Dry forest, Seasonality, Compaction, Rainfall, Vegetation

Acknowledgements

This study was funded by the Brazilian Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES) - Finance Code 001. Ana Malhado and Richard Ladle are supported by Brazilian National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) grants (#310953/2014-6, #310349/2015-0, #309980/2018-6). JS was funded by the CNPq pos-doctoral fellowship (#434391/2016-6). FAM was funded by a CAPES post-doctoral fellowship (#120147/2016-01). We would like to thank Dr. Marcelo Freire Moro and Dr. Inara Roberta Leal for valuable comments and suggestions.

2 .1-Introduction

Seed weight is one of the most studied functional traits in ecology, being easy to measure and strongly influencing survival and distribution (STEARNS, 1992). Indeed, the size of a seed influences almost all aspects of plant regeneration and pattern establishment (MOLES, 2018), including the size of the seedling (HENRY; WAYNE, 1982). Consequently, seed weight is predicted to vary considerably across environmental gradients especially those related to stress (CHAPIN III; AUTUMN; PUGNAIRE, 1993). In general, small-seeded species produce more seeds per unit area of the canopy per year (JAKOBSSON; ERIKSSON, 2000) and more per unit above-ground dry biomass per lifetime (AARSSEN; JORDAN, 2001). Smaller seeds are also more likely to have dormancy (DE CASAS et al., 2017) and to have higher survival in the soil (THOMPSON; BAND; HODGSON, 1993), but also to produce smaller seedlings with lower survivorship (BERGHOLZ et al., 2015; LEBRIJA-TREJOS et al., 2016). Larger seeds, in contrast, are predicted to produce larger seedlings with higher survivorship reviewed in Moles (2018); MOLES and WESTOBY(2004) and establishment, especially on compacted soils where there may be mechanical barriers that impede the penetration of the radicle (SHELDON, 1974).

In addition to its direct selective significance under different environmental conditions, seed mass has been observed to co-vary with tree height and wood density, creating complex selective trade-offs that are currently poorly understood (MOLES; WESTOBY, 2006). The complex ecological costs and benefits of small versus large seeds and the physiological trade-offs associated with either strategy generate enormous variation within and between species and assemblages along environmental gradients (e.g. DeMALACH and KADMON 2018; METZ et al.,2010). Nevertheless, several patterns have emerged at different spatial scales that provide insights into the adaptive significance of seed size under different environmental conditions. For example, species from wet and warm environments tend to be characterized by larger seeds (e.g. MALHADO et al., 2015). Overall, there are also clear relationships with rainfall at large spatial scales, with larger seeds associated with areas with high rainfall such as tropical forests (FOSTER, 1986). The strength of this relationship is strongly related to the length of the environmental gradient, with studies using shorter gradients often finding weak or even negative relationships (CORNWELL AND ACKERLY 2009 ;COSTA -SAURA C et al., 2016; DUBOIS et al. 2013; ŠÍMOVÁ et al. 2015; SIMPSON ET AL. 2016; STROMBERG AND BOUDELL 2013). Pronounced seasonality (precipitation and temperature) also tends to be associated with lower seed masses (MURRAY et al., 2004).

Geographic patterns of seed weight size variation and their biophysical drivers have generally been less studied in semi-arid areas, despite the pronounced gradients in water stress, temperature and soil surface characteristics. Soil surface properties may be particularly important determinants of seed mass, through their influence on processes such as runoff, infiltration, seed germination, and seedling establishment (MAESTRE et al., 2003). The semi-arid Caatinga of northeast Brazil is well-suited to studies of climatic effects on seed weight, being characterized by strong environmental gradients, high spatio-temporal variation in precipitation and temperature (AB´SÁBER, 1974) and high levels of plant endemism (BRAZILIAN FLORA GROUP, 2015; QUEIROZ et al., 2017). In the mosaic of dry forest and scrub vegetation found in the Caatinga (SILVA; LEAL; TABARELLI, 2017), a significant part of the Caatinga`s flora is made up of non-woody species (MORO et al., 2016b). Nevertheless, woody species are well represented in botanical collections (MORO et al., 2015) and many have the unusual ability to remain dormant in the seed bank for several years until there is sufficient moisture for germination. Smaller-seeded dry tropical forest species, which are generally dispersed by wind, are more widely distributed in comparison with larger-seeded species (KHURANA; SAGAR; SINGH, 2006).

The objective of this study was to test the hypothesis that larger seeds are associated with more compacted soils in the semi-arid Caatinga biome, northeast Brazil. Our hypothesis is based on the fact that compacted soils are characterized by decreased porosity and correspondingly increased mechanical impedance (COLOMBI et al., 2016). Soil compaction therefore limits germination by reducing the availability of microsites and by making it more difficult for new roots to penetrate the surface layer (Chambers and MacMahon 1994; Sheldon 1974). Even when a seedling is established, soil compaction can negatively influence root development by decreasing oxygen availability and increasing soil strength (BASSETT; SIMCOCK; MITCHELL, 2005), once again favoring larger seedlings (from larger seeds). Soil compaction itself, is influenced by several climatic variables (e.g. precipitation, aridity, vegetation cover) that we would predict to be statistically associated with larger seeds in the Caatinga. We test this hypothesis using structural equation models and distributional data from 277 woody plant species.

2.2- Methods

2.2.1- *Study area*

The study area was defined by the geographic limits of the Caatinga, the largest semi-arid tropical ecoregion in South America, as mapped by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2004). The Caatinga has a semi-arid climate with gradients in rainfall, distinct soil types and a distinct soil-water gradient (MORO et al., 2016b). The biome covers more than 912,529 km^2 of northeast Brazil and experiences a seasonal climate, with a highly variable dry season lasting from 6-11 months each year. Most areas typically receive less than 1,000 mm of annual precipitation, with some areas receiving less than 500 mm per year (IBGE 2002; NIMER 1972, 1989). The soils tend to be either shallow, clayey, rocky and fertile, usually being classified as lithosols, regosols and non-calcic brown soils, or deep, sandy with low fertility, classified as latosol, podzolic and quartz sand soils (SAMPAIO, 1995).

2.2.2- *Species data*

We retrieved 510,022 records of species occurrence of Angiosperms collected in the Caatinga from the data portals GBIF and SpeciesLink on November 2016. From both data portals, were retrieved only records which specimens had original geographic coordinates. We applied a protocol to evaluate data consistence to these records. We aimed to exclude records with: 1) implausible geographic coordinates, 2) missing and/or implausible date of collection, 3) invalid species names based on the Taxonomic Name Resolution Service software (TNRS) version 4.0 (BOYLE et al., 2013) and 4) duplicate records that originate from different data providers. This filtering led to a database containing 225,735 records of plants collected in the Caatinga between 1818 and 2016 (see Electronic supplementary material S1 for details on data filtering).

2.2.3- *Selection of woody species in the Caatinga*

We compiled a single list of plant species registered for the Caatinga using data from Moro et al. (2014) and Siqueira-Filho et al., (2012); these studies represent a recent and relatively complete compilation of plants belonging to this biome. We standardized plant names originally present in MORO et al., (2014) AND SIQUEIRA-FILHO et al., (2012) by submitting all names to the TNRS in May 2017. We then selected only ‘accepted’ names for analysis. Finally, we selected from that list only woody species, that is, those whose stem has consistency of wood, such as trees, shrubs, lianas subshrubs and woody creepers. Information about life-form were extracted from the Brazilian Flora Checklist (BRAZILIAN FLORA 2020) using the 'flora' package (CARVALHO, 2017).

2.2.4- *Seed size data collection*

We collected seed weight data for woody species from the Caatinga from two sources; i) the academic literature, and; ii) the Kew Gardens Seed Information Database (SID) (LORENZI 2008; LORENZI 2009; LORENZI 2016; SID, ROYAL BOTANIC GARDENS 2017). The SID provides seed weight expressed as the average weight in grams (g) of 1000 seeds, that is, the average of three observations for a thousand seeds, whereas LORENZI (2016) provides seed weight in kilograms (kg) of 1000 seeds.

Seed weight retrieved from SID and LORENZI (2008, 2009, 2016) were standardized to the same weight unit of the data compiled from the SID (i.e. average weight in g of 1000 seeds).

After compiling information on seed weight, we extracted records of woody species for which information of seed weight was available from the species occurrence database. Our final dataset contained 28,857 occurrences belonging to 277 woody species with information on seed weight recorded as average weight expressed in grams of 1,000 seeds (Table S2). Finally, we mapped seed weight using a rectangular grid at a spatial resolution of 5 km. The choice of a 5 × 5 km grid for analysis was based on the assumption that it is a reasonable area to show small variance of values of seed weight within each grid cell and still is large enough to be botanically explored. Values of seed weight for individual grid cells were calculated as the median seed weight documented for species recorded within it.

2.2.5- *Accounting for uneven sampling effort*

We quantified the inventory completeness of grid cells of 5 km x 5 km. To this end, we used the cumulative number of occurrences and species documented for individual grid cells to fit species accumulation curves. The slope at the last point of the species accumulation curves (SACs) of individual cells was used as a proxy for inventory completeness (HORTAL et al., 2004; LOBO et al., 2018) A flat slope (i.e. slope values close to zero) indicates saturation in the sampling and thus high inventory completeness. Thus, to control for the uneven sampling effort across the study area, we only included well-inventoried grid cells, i.e. cells with number of occurrences greater than 15 and slope smaller than 0.05; that is, collecting additional 20 records would result in 1 new species added (see HORTAL ET AL. 2004). Smoothed SACs were calculated with the method ‘exact’ of the function ‘specaccum’ in the R package vegan (OKSANEN et al., 2013).

2.2.6- *Environmental data*

Our choice of explanatory environmental variables was based on the reasoning that climate can exert both a direct and indirect effect on seed weight. Specifically, we defined indirect effects as those that are caused by the influence of climate on soil properties and vegetation cover. First, we extracted a wide range of variables from the WorldClim database (DEBLAUWE ET AL. 2016) that would be expected to have a direct/indirect effect on seed weight. We performed Spearman correlations to identify statistically independent variables ($r<0.7$). Based on this analysis, the final variables chosen for statistical analysis were: 1) Mean Temperature of Driest Quarter; 2) Precipitation of Warmest Quarter (seasonality); 3) Percentage of Non-Tree Cover was obtained from the MOD44B product (DIMICELI et al., 2015); 4) Aridity was retrieved from CGIAR-CSI (www.cgiar-csi.org); 5) Soil Nutrient level, and; 6) Soil bulk density (compactness) were obtained from World Soil Information Database(HENGL et al., 2017).

All layers of environmental variables were downloaded in January 2017 and re-sampled at spatial resolution of 5 km (Table S1 in Electronic supplementary material). Layers were manipulated using the R environment with the R raster package.

2.2.7-Data Analysis

We used Structural Equation Models (SEM) to test for direct and indirect effects of environmental variables on seed weight in the Caatinga biome. SEM is a statistical framework that puts together at least two linear models in the same framework to test both direct and indirect effects among a set of variables of interest. In our initial model we explored the influence of climate on soil properties and vegetation cover, and the influence of vegetation cover and soil on seed weight. We included spatial filters in our SEM to control for spatial autocorrelation (Spatial Eigenvector Mapping – (BAUMAN et al., 2018; GRIFFITH and PERES-NETO, 2006), i.e. to control for the trend that species located in close proximity tend to have seeds of similar (or dissimilar) weight due to a purely spatial effect

(LEGENDRE, 1993). Data on seed weight was log-transformed to fit a linear model. We estimated a separate variance-covariance matrix for each piecewise model to evaluate the adequacy of this initial model against the observed data (LEFCHECK, 2016). Then, we added new paths (i.e. new relationships) to the hypothesized model until it fitted the observed data (reached by a $p > 0.05$, (SHIPLEY, 2009) and excluded non-significant paths to reach a more parsimonious model (see Calatayud et al. 2016 for a similar approach). After run SEM, we inspected model residuals and they were homocedastic and normally distributed. We also checked the Variance Inflation Factors (VIF´s) in the final model and all of which had values of less than 4.The SEM analysis was conducted using the packages piecewise SEM and lme4 in R environment.

2.3- Results

2.3.1-*Geographical and taxonomic coverage of seed weight*

As expected, sampling effort across the Caatinga was highly heterogeneous, with many areas remaining under collected (Fig.1). Moreover, information on seed weight was found for only 30 % (N = 277) of all woody species present in the species occurrence database. The top five families in terms of number of species with information on seed weight in our database were Fabaceae (Number of species = 91), Malvaceae (N = 24), Myrtaceae (N = 18), Apocynaceae (N = 16), Convolvulaceae (N = 16). Seed weight varied by from 0.0002 g per 1000 seeds (*Ficus enormis,* Moraceae) to 4087 g per 1000 seeds (*Anacardium occidentale;*Anacardiaceae) (Table S2).

2.3.2- *Environmental effects on seed weight*

After accounting for the potential confounding effect of heterogeneous sampling effort, we found that 82% of variability in soil compaction was explained by climatic predictors, % of non-tree cover, aridity and soil nutrients (r^2= 0.82, $p < 0.001$). Mean temperature of the driest quarter (Standardized Path Coefficient $\beta = 0.48$, $p = 0.02$) and precipitation of the warmest quarter ($\beta = 0.15$; $p = 0.02$) had a positive effect on bulk density. Percentage of non-tree cover also had a positive significant effect on soil compaction ($\beta = 0.20$; *p* <0.001). Soil nutrient (CEC, $\beta = -0.32$; *p* <0.001) and aridity ($\beta = -0.35$; *p* <0.001) had negative effects on soil compaction. We found a positive direct effect of soil compaction (bulk density, $\beta = 0.31$; *p* <0.001) and geographical distance ($\beta = 0.25$; *p* <0.01) on seed weight ($r^2=0.12$, $p<0.01$) (Fig. 2).

2.4-Discussion

Most seeds from species that inhabit dry tropical forests such as the Caatinga are tiny, wind-dispersed and have very high drought tolerance (GALINDO-RODRIGUEZ; ROA-FUENTES, 2017). This is not universally true and, as we show in this study, there is abundant variation in seed size in woody plants. This variation is likely to be closely linked to the strong abiotic selective pressures in this environment that exert an influence on all aspects of a plant’s life cycle, including seeds and seedlings. High temperatures, long periods of drought and infrequent, intense periods of precipitations have all shaped the physical characteristics of seeds and the general and specialized germination strategies that they adopt to survive in these harsh conditions (BARGA; DILTS; LEGER, 2017). Due to the temporal unpredictability of precipitation in the Caatinga, a common strategy is for the seed to remain dormant within the seedbank. Even though buried seeds are somewhat buffered against the biophysical conditions on the surface, the environmental characteristics within the seedbank will continue to exert an influence on influence seed traits. Indeed, previous studies indicate that about 43% of the variation in species richness and density of seeds within seedbanks in the Caatinga are attributable to depth of soil (litter and mineral soil) and precipitation in previous season (DA SILVA et al., 2012).

Seedling mortality is extremely high due to the extreme climate conditions and seedling establishment is difficult, with newly emerged seedlings often encountering high levels of mechanical soil impedance (MERINO-MARTÍN et al., 2017) which can slow or prevent penetration by seedling roots and decrease infiltration rates (ATWELL, 1993). Consequently, rates of seedling recruitment are typically very low in semi-arid environments (JAMES ET AL. 2011; MARINO-MARTIN ET AL. 2017), greatly limiting the efficacy of restoration measures. Given the ecological importance of soil surface characteristics in semi-arid ecosystems, we hypothesized that soil compaction might be a key variable favoring larger-seeded species. This was supported by our structural equation models which show that soil compaction is positively associated with seed weight. There are two potential reasons for this: 1) larger seeds may be less likely to beremoved prior to germination. In arid and semi-arid ecosystems seeds may be removed from the top surface of compacted soil by surface runoff (MAESTRE et al. 2003), and larger seeds may more difficult to displace due to their higher mass (BOCHET, 2015). Smaller seeds may be displaced to (and germinate in) areas with lower topography, though this would be difficult to pick up at the spatial resolution used for our analysis; 2) the conditions for establishment on compacted soils may favor larger seeds post-germination. This agrees with the finding that larger seeds have greater vigor and a higher probability in seedling establishment and transition to adulthood, providing a competitive superiority over smaller seeds (VOLIS; MENDLINGER; WARD, 2002).

Compacted soils may offer particular challenges for rooting, restricting root penetration and development, and reducing infiltration of water into soils thereby limiting nutrient uptake and gas exchange by the roots (HEILMAN, 1981; UNGER; KASPAR, 1994). Correspondingly, seedlings from small seeds may be less able to penetrate into the deeper layers of soil reducing their ability to establish (SHELDON 1974). More generally, large seeds appear to be better prepared to cope with stress early in life, or loss of aerial biomass from their young seedlings due to herbivory action and/or adverse weather conditions (BONFIL, 1998). It is also possible that germination of smaller seeds was impeded in compacted soil, though this is more likely to have been a result of the lower water content (due to reduced infiltration) of compacted soils.

Overall, our results show that several factors (temperature, rainfall, soil nutrients, percentage of tree cover and aridity) have an indirect effect on seed weight, presumably mediated through their influence soil compaction. This is not necessarily surprising: Jolly and Running (2004) noted that plants in semi-arid areas do not respond directly to precipitation events, but rather to the influence of these events on soil water potential. Our results are also concordant with those of DENG ET AL. (2016) who observed that vegetation cover had a direct effect on the moisture content of the surface soil, and that the productivity of the plant communities was mainly influenced by the soil moisture. That surface soil should play such a critical role is unsurprising given that the soil surface layer supplies up to 90% of the atmospheric water demand in the Caatinga (PINHEIRO; DE VAN LIER; BEZERRA, 2017). Our results are also broadly supportive of MUENCHOW ET AL. (2013), who revealed that soil, rather than annual mean rainfall, is the most important environmental variable structuring vegetation communities in dry tropical forest.

One of the main confounding factors in our analysis was the higher collection effort in the center and south of the Caatinga. The higher number of records in these areas probably reflects the ease of access for data collection (e.g. presence of roads, distance to research centres)(CORREIA et al., 2019)leading to a higher frequency of floristic and phytosociological inventories (MORO et al., 2015). Away from these well-sampled areas there were considerable gaps in data confirming the commonly stated observation that the Caatinga is one of the least known major biomes in South America (Silva et al. 2014). More generally, our study supports the utility of digitized species-occurrence data (available through open-access biodiversity databases) for identifying macroecological patterns when the original data is filtered, the autocorrelations corrected and the values of species richness are not obviously underestimated (GARCÍA-ROSELLÓ et al., 2015). Taking into consideration the above limitations, our data indicate that larger seeds predominate in the northern part of the Caatinga.

In conclusion, we clearly demonstrate a strong association between a key functional trait (seed weight) and soil characteristics (especially compaction) in the semi-arid Caatinga biome of northeast Brazil. These results have some interesting implications when viewed in the light of the rapid environmental change that is currently engulfing the region, especially related to the transformation of native forest to agriculture and the associated impacts on soil quality, hydraulic characteristics and erosion (LEITE et al., 2018). A recent study showed that deforested areas in the Caatinga have lower productivity in response to low levels of precipitation (ACOSTA SALVATIERRA et al., 2017). The loss of forest cover has led to the depletion of the soil through the desertification processes that result in the weakening of the hydrological cycle: precipitation, evapotranspiration, moisture convergence and runoff reduction (OYAMA; NOBRE, 2004). It is likely that these anthropogenic changes will influence the seed weight of woody species in affected areas through their effect on soil compaction. Based on our study we would predict that woody species with larger seeds are more likely to survive and thrive on compacted soil with uneven rainfall and high temperatures. Human population density and livestock density are the main factors driving changes in plant communities in the Caatinga (RIBEIRO et al., 2015).These disturbances along with changes in other environmental variables (soil fertility and precipitation) will strongly affecting taxonomic composition, functional composition and the distribution of traits in plant species (SFAIR; DE BELLO; FRANÇA, 2018).

Fig. 1- Geographical coverage of records of Magnoliopsida and Liliopsida (a and b) and woody species (c and d) retrieved from GBIF and SpeciesLink in November 2016, in the Caatinga, Northeast Brazil. Map (a) depict all 510 022 records retrieved from both data portals, whereas map (b) depict 225 735 validate records, i.e. records for which geographical location, date of collection, and validity of species names were verified and duplicates were excluded (see S1 for detailed description on data filtering). Map (c) depict 81 666 records of 951 species woody species that occur in the Caatinga according to Siqueira-Filho (2012) and Moro et al. (2014). Map (d) depict 28 857 records of 277 woody species for which information on seed weight was compiled (Table S2; electronic supplementary material). Inlet in (d) highlight well-sampled grid cells, i.e. cells with number of records greater than 15 and slope smaller than 0.05. In all maps, squares indicate grid cells of 5 km x 5 km; areas within the Caatinga biome with no data are indicate in dark grey.

Fig. 1

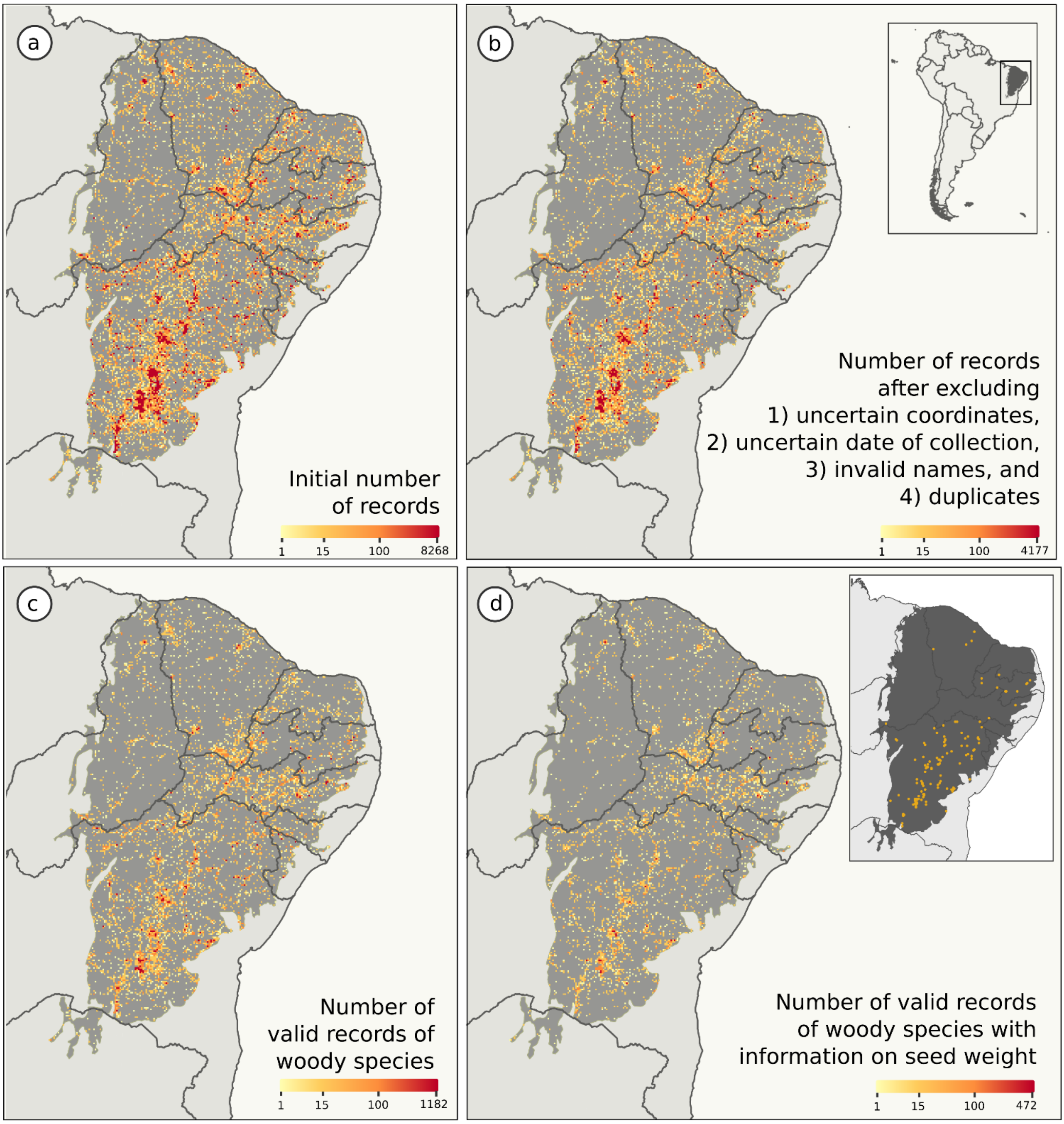
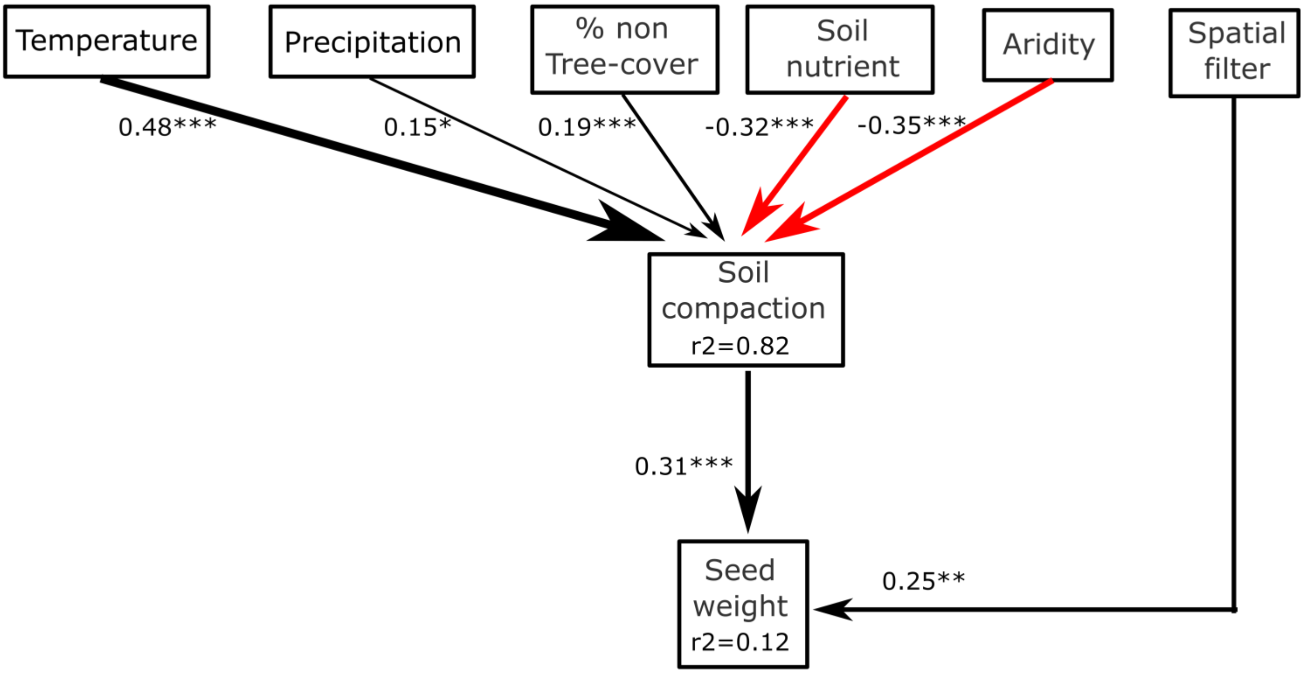

a
Initial number of records
1
15
100
8268
b
Number of records after excluding 1) uncertain coordinates, 2) uncertain date of collection, 3) invalid names, and 4) duplicates
1
15
100
4177
c
Number of valid records of woody species
1
15
100
1182
d
Number of valid records of woody species with information on seed weight
1
15
100
472

Fig. 2-Structural Equation Model describing the relationship between seed-weight and environmental, vegetation and soil predictors. The arrows indicate the significant paths with their respective standardised coefficients (numbers), the strength of interaction (arrow width) and the significance; red arrows indicate a negative effect, black arrows indicate a positive effect. r^2 values indicate the overall variability explained by the linear models and statistically significant P values: $^{*}P < 0.05$; $^{**}P < 0.01$; $^{***}P < 0.001$.

Fig. 2


Temperature
Precipitation
% non Tree-cover
Soil nutrient
Aridity
Spatial filter
0.48***
0.15*
0.19***
-0.32***
-0.35***
Soil compaction r2=0.82
0.31***
Seed weight r2=0.12
0.25**

Manuscript submitted to Plant and Soil

Title: *Environmental correlates of seed weight of tropical semi-arid woody species*

Adriana dos Santos Costa[a,*], Juliana Stropp[a], Nicolli Albuquerque de Carvalho[a], Fernanda Alves-Martins[b], Richard J. Ladle[a], Ana C.M. Malhado[a]

[a] Institute of Biological and Health Sciences, Federal University of Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL 57072-900, Brazil.
[b] Departament of Biogeography and Global Change, Museo Nacional de Ciencias Naturales (MNCN-CSIC) C/ José Gutiérrez Abascal 2, 28006, Madrid, Spain.
*adrianacostabio@gmail.com; telephone: 55 82 3214 1681

Electronic Supplementary Material S1

S1.1 Description of data filtering

We retrieved from GBIF and SpeciesLink 510 022 records of species occurrence of Magnoliopsida and Liliopsida in the Caatinga. We applied to these records a data filtering that aimed to identify records with 1) implausible geographic coordinates, 2) missing and/or implausible date of collection, 3) invalid species names and 4) duplicate records, i.e. records with duplicate unique combination of species name, geographic coordinates and date of collection. This filtering led to a database containing 28,857 records collected in the Caatinga between 1818 and 2016 (Fig. S1 for an overview of workflow).

Verifying the geo-referencing

We verified the geo-referencing according to three criteria. We considered records possessing uncertain geographical coordinates all records that 1) had no decimals or only zeros as decimal places in their geographic coordinates (N = 49 804), 2) occurred outside the political borders of Brazil (N = 40 408), and 3) whose coordinates coincide with the political location of cities and villages in the Caatinga (N= 6044). For the later, we used the reference data for the location of cities and villages provided by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE).

Verifying the date of collection

We considered records to be subject to a high uncertainty in the year of collection if they were collected by the same collector in a time span larger than 50 years. We consider this period as representative of the active life of a botanist (see e.g. Koek-Noorman 2004). Thus, before assessing the uncertainty in the year of collection, we standardized the spelling of botanist names and assessed the plausibility of the names stored in the fields ‘Recordedby,’ (in GBIF) and ‘collector’ (in SpeciesLink). In our dataset, these two fields together stored 25 909 unique names of single or multiple collectors or implausible names, such as ‘unknown’ and ‘sem nome’. In order to assess the time span in which records were collected by a single collector, we created a new field in our dataset, which stores only the name of the first collector; we refer to this field as ‘first collector’. In this field, we stored the name of the first collector following the standard format adopted by Harvard Index of Botanists (HUH, 2017), in which the initials, spelled with capital letters and separated by a full stop, are followed by the surname, spelled with only the first letter capitalized.

In order to create the field ‘first collector’ we applied functions for string manipulation available in R in the packages stringi and stringr. Our automated string manipulation reduced the initial number of unique names of first collectors from 9,027 to 4 544, which we manually checked to ensure that our standards of initials followed by surname were met and that obvious spelling and errors are removed. During this manual check, we kept the original information as much as possible and only merged different collector names, when we were confident that the difference between names results from a spelling error, for instance replacing ‘Feirrera’ by ‘Ferreira’. Unfortunately, we were unable to infer whether slightly different names indeed belonged to different collectors or whether the same collector was indeed represented by different names. The latter was particularly the case for surnames such as ‘Silva’ and ‘da Silva’. In our dataset, the collectors A. G. Silva (N = 141 records) and A. G. da Silva (N = 878 records) are stored as two different collectors, although it is likely that they belong the same collector. After this manual checking, the number of unique names of the first collector decreased to 4 357.

After standardizing the name of the first collectors, we identified collectors for which the time span of collection was larger than or equal to 50 years. For these first collectors (N = 43), we retrieved from the Harvard Index of Botanists (HUH, 2017) the year of birth, year of death and/or year of first collection. This information, together with 1) number of records collected per year by the first collector, and 2) sequence of years in which the first collector was active, was used to identify years that were likely to be wrongly assigned to records. Finally, all records wrongly assigned to a specific year and first collector were considered as records possessing high uncertainty regarding the year of collection. For four out of the 43 first collectors, for which the time span of collection was larger than or equal to 50 years, we were unable to infer whether the name of the first collector referred to multiple collectors with the same name (e.g., E. de Melo; time span 403 years; 351 records). We therefore considered all records collected by these four collectors (N = 25 698 records) as uncertain.

Three additional criteria were used to assess the uncertainty in the year of collection. First, while exploring our dataset, we noticed that errors in the year of collection were more frequent for records collected before the 1900s. Therefore, we checked for these records collected whether the year of collection was plausible given the lifetime or year of first collection (HUH, 2017) of the respective first collector. If implausible years were found, we considered these records as having a high uncertainty on the year of collection.

Second, we assessed for each data provider, i.e. Herbaria providing data to GBIF and/or SpeciesLink (‘dataProvider’ in GBIF and ‘dataprovider’ in SpeciesLink), the time span of year of collection. We found that for one data provider (UFPB) nearly all records were assigned to the year 1900, although several first collectors are still active botanists. We considered all records collected in 1900 and assigned to the data provider UFPB as being highly uncertain regarding the year of collection.

Third, our approach to assess uncertainty in the year of collection is based on an attribute, i.e., name of first collector, that may be subject to errors. To account for this shortcoming, we identified records that may have the name of the first collector wrongly assigned. For this, we quantified the number of first collectors by data provider. In case a single first collector was assigned to all records of one data provider, we considered that the first collector is likely to bewrongly assigned and, therefore, the time span of year of collection cannot be properly assessed. All these records were considered as records possessing high uncertainty on the year of collection.

Standardization of taxonomic names and verification of species occurrence in the Caatinga

We assessed the validity of plant names retrieved from GBIF and SpeciesLink (N = 15 327) by submitting in January 2017 all names to the Taxonomic Name Resolution Service (TNRS) version 4.0 (Boyle et al., 2013). We considered records bearing a valid species name as those for which the name of species and/or subspecies (not genus or family) matched those provided by the TNRS with an overall match score >= 0.9 and with a taxonomic status as ‘Accepted’ or ‘Synonym’. In order to determine records that were identified at least at the species level, we highlighted those that had at least two strings in the field ‘Accepted name’ returned by the TNRS. Match scores provided by the TNRS output range from zero to one, where a score of one indicates a complete match between the string to be checked and a valid taxa name in the core database and a score of zero indicates no match. In order to determine records that were identified at least to species level, we highlighted those that had at least two strings in the field ‘Accepted name’ returned by the TNRS.

Tabela 1-Eletronic Suplementary Material Table S2

Id	Family	Species name and author	Grams (g) of 1000 seeds*	Reference
1	Fabaceae	Albizia inundata (Mart.) Barneby & J.W. Grimes	54,70	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
2	Fabaceae	Albizia polycephala (Benth.) Killip ex Record	0,04	Árvores Brasileiras, 2008
3	Sapindaceae	Allophylus edulis (A. St.-Hil., A. Juss. & Cambess.) Hieron. ex Niederl.	0,03	Árvores Brasileiras, 2008
4	Rubiaceae	Alseis floribunda Schott	0,0003	Árvores Brasileiras, 2009
5	Amaranthaceae	Alternanthera pungens Kunth	0,49	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
6	Lamiaceae	Amasonia campestris (Aubl.) Moldenke	10,26	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
7	Fabaceae	Amburana cearensis (Allemão) A.C. Sm.	0,61	Árvores Brasileiras, 2008
8	Bignoniaceae	Amphilophium crucigerum (L.) L.G. Lohmann	55,79	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
9	Anacardiaceae	Anacardium occidentale L.	4087,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
10	Fabaceae	Anadenanthera colubrina var. cebil (Griseb.) Altschul	82,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
11	Fabaceae	Andira surinamensis (Bondt) Splitg. ex Amshoff	1052,00	Árvores Brasileiras, 2016
12	Convolvulaceae	Aniseia martinicensis var. ambigua Hallier f.	39,42	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
13	Annonaceae	Annona coriacea Mart.	0,69	Árvores Brasileiras, 2008
14	Annonaceae	Annona glabra L.	213,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
15	Annonaceae	Annona leptopetala (R.E. Fr.) H. Rainer	0,11	Árvores Brasileiras, 2016
16	Araliaceae	Aralia warmingiana (Marchal) J.Wen	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
17	Apocynaceae	Aspidosperma cuspa (Kunth) Blake	0,05	Árvores Brasileiras, 2009
18	Apocynaceae	Aspidosperma discolor A. DC.	0,17	Árvores Brasileiras, 2008
19	Apocynaceae	Aspidosperma parvifolium A. DC.	0,20	Árvores Brasileiras, 2008
20	Apocynaceae	Aspidosperma polyneuron Müll. Arg.	0,07	Árvores Brasileiras, 2008
21	Apocynaceae	Aspidosperma pyrifolium Mart.	0,33	Árvores Brasileiras, 2009
22	Apocynaceae	Aspidosperma riedelii Müll. Arg.	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
23	Apocynaceae	Aspidosperma subincanum Mart.	0,30	Árvores Brasileiras, 2008

24	Anacardiaceae	Astronium fraxinifolium Schott	31,70	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
25	Malpighiaceae	Banisteriopsis muricata (Cav.) Cuatrec.	49,42	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
26	Alstroemeriaceae	Bomarea edulis (Tussac) Herb.	45,94	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
27	Fabaceae	Bowdichia virgilioides Kunth	26,78	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
28	Moraceae	Brosimum gaudichaudii Trécul	166,67	Árvores Brasileiras, 2009
29	Moraceae	Brosimum lactescens (S.Moore) C.C.Berg	1000,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
30	Combretaceae	Buchenavia tetraphylla (Aubl.) R.A. Howard	586,04	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
31	Combretaceae	Buchenavia tomentosa Eichler	266,67	Árvores Brasileiras, 2009
32	Malpighiaceae	Byrsonima crassifolia (L.) Kunth	2,94	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
33	Malpighiaceae	Byrsonima sericea DC.	0,15	Árvores Brasileiras, 2009
34	Meliaceae	Cabralea canjerana (Vell.) Mart.	980,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
35	Vochysiaceae	Callisthene fasciculata Mart.	0,08	Árvores Brasileiras, 2009
36	Vochysiaceae	Callisthene major Mart.	0,59	Árvores Brasileiras, 2009
37	Vochysiaceae	Callisthene minor Mart.	0,36	Árvores Brasileiras, 2009
38	Myrtaceae	Campomanesia dichotoma (O. Berg) Mattos	0,03	Árvores Brasileiras, 2016
39	Myrtaceae	Campomanesia eugenioides (Cambess.) D.Legrand ex Landrum	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
40	Fabaceae	Canavalia brasiliensis Mart. ex Benth.	485,55	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
41	Sapindaceae	Cardiospermum corindum L.	36,90	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
42	Caryocaraceae	Caryocar brasiliense Cambess.	689,66	Árvores Brasileiras, 2008
43	Salicaceae	Casearia aculeata Jacq.	23,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
44	Salicaceae	Casearia arborea (Rich.) Urb.	1,65	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
45	Salicaceae	Casearia decandra Jacq.	88,10	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
46	Salicaceae	Casearia javitensis Kunth	40,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
47	Salicaceae	Casearia sylvestris Sw.	3,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
48	Lauraceae	Cassytha filiformis L.	40,95	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
49	Urticaceae	Cecropia pachystachya Trécul	0,85	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
50	Meliaceae	Cedrela fissilis Vell.	0,05	Árvores Brasileiras, 2008

51	Meliaceae	Cedrela odorata L.	17,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
52	Malvaceae	Ceiba erianthos (Cav.) K. Schum.	0,06	Árvores Brasileiras, 2009
53	Malvaceae	Ceiba glaziovii (Kuntze) K. Schum.	0,05	Árvores Brasileiras, 2009
54	Malvaceae	Ceiba pubiflora (A.St.-Hil.) K. Schum.	0,20	Árvores Brasileiras, 2009
55	Malvaceae	Ceiba speciosa (A.St.-Hil.) Ravenna	57,67	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
56	Cannabaceae	Celtis iguanaea (Jacq.) Sarg.	0,25	Árvores Brasileiras, 2009
57	Fabaceae	Cenostigma macrophyllum Tul.	0,50	Árvores Brasileiras, 2009
58	Fabaceae	Centrolobium microchaete (Mart. ex Benth.) H.C. Lima	208,33	Árvores Brasileiras, 2009
59	Fabaceae	Centrolobium sclerophyllum H.C. Lima	909,09	Árvores Brasileiras, 2016
60	Fabaceae	Centrosema pascuorum Mart. ex Benth.	10,64	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
61	Amaranthaceae	Chamissoa altissima (Jacq.) Kunth	3,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
62	Rubiaceae	Chiococca alba (L.) Hitchc.	8,90	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
63	Fabaceae	Chloroleucon mangense (Jacq.) Britton & Rose	45,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
64	Vitaceae	Cissus erosa Rich.	12,89	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
65	Ranunculaceae	Clematis dioica L.	1,87	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
66	Melastomataceae	Clidemia hirta (L.) D. Don	0,06	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
67	Clusiaceae	Clusia nemorosa G. Mey.	0,03	Árvores Brasileiras, 2016
68	Euphorbiaceae	Cnidoscolus pubescens Pohl	588,24	Árvores Brasileiras, 2009
69	Euphorbiaceae	Cnidoscolus urens (L.) Arthur	234,45	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
70	Polygonaceae	Coccoloba mollis Casar.	283,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
71	Bixaceae	Cochlospermum vitifolium (Willd.) Spreng.	28,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
72	Rhamnaceae	Colubrina glandulosa Perkins	0,02	Árvores Brasileiras, 2008
73	Combretaceae	Combretum leprosum Mart.	0,17	Árvores Brasileiras, 2009
74	Burseraceae	Commiphora leptophloeos (Mart.) J.B. Gillett	0,19	Árvores Brasileiras, 2009
75	Asteraceae	Conyza sumatrensis (Retz.) E.Walker	0,05	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
76	Boraginaceae	Cordia alliodora (Ruiz & Pav.) Cham.	33,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
77	Boraginaceae	Cordia glazioviana (Taub.) Gottschling & J.S. Mill.	0,27	Árvores Brasileiras, 2009

78	Boraginaceae	Cordia oncocalyx Allemão	133,33	Árvores Brasileiras, 2008
79	Boraginaceae	Cordia superba Cham.	0,36	Árvores Brasileiras, 2008
80	Boraginaceae	Cordia trichotoma (Vell.) Arráb. ex Steud.	0,03	Árvores Brasileiras, 2008
81	Rubiaceae	Cordiera sessilis (Vell.) Kuntze	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
82	Rubiaceae	Coutarea hexandra (Jacq.) K.Schum.	4,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
83	Capparaceae	Crateva tapia L.	230,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
84	Fabaceae	Crotalaria holosericea Nees & Mart.	10,40	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
85	Euphorbiaceae	Croton blanchetianus Baill.	6,99	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
86	Cucurbitaceae	Cucumis dipsaceus Ehrenb.	5,03	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
87	Sapindaceae	Cupania racemosa (Vell.) Radlk.	0,77	Árvores Brasileiras, 2016
88	Sapindaceae	Cupania vernalis Cambess.	0,39	Árvores Brasileiras, 2008
89	Dilleniaceae	Curatella americana L.	18,89	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
90	Fabaceae	Dalbergia catingicola Harms	72,91	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
91	Fabaceae	Dalbergia cearensis Ducke	0,38	Árvores Brasileiras, 2016
92	Fabaceae	Dalbergia frutescens (Vell.) Britton	162,75	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
93	Euphorbiaceae	Dalechampia scandens L.	22,06	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
94	Rubiaceae	Declieuxia fruticosa (Willd. ex Roem. & Schult.) Kuntze	1,13	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
95	Fabaceae	Desmodium glabrum (Mill.) DC.	3,40	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
96	Fabaceae	Desmodium tortuosum (Sw.) DC.	2,90	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
97	Fabaceae	Dimorphandra gardneriana Tul.	0,32	Árvores Brasileiras, 2016
98	Fabaceae	Diptychandra aurantiaca Tul.	0,59	Árvores Brasileiras, 2008
99	Sapindaceae	Dodonaea viscosa Jacq.	8,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
100	Verbenaceae	Duranta erecta L.	35,40	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
101	Fabaceae	Enterolobium contortisiliquum (Vell.) Morong	253,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
102	Fabaceae	Enterolobium timbouva Mart.	200,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
103	Fabaceae	Erythrina velutina Willd.	546,45	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
104	Erythroxylaceae	Erythroxylum deciduum A.St.-Hil.	0,10	Árvores Brasileiras, 2009

105	Erythroxylaceae	Erythroxylum pulchrum A.St.-Hil.	0,23	Árvores Brasileiras, 2016
106	Rutaceae	Esenbeckia febrifuga (A.St.-Hil.) A. Juss.ex Mart.	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
107	Myrtaceae	Eugenia biflora (L.) DC.	97,92	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
108	Myrtaceae	Eugenia candolleana DC.	0,67	Árvores Brasileiras, 2016
109	Myrtaceae	Eugenia dysenterica (Mart.) DC.	0,63	Árvores Brasileiras, 2009
110	Myrtaceae	Eugenia florida DC.	0,83	Árvores Brasileiras, 2009
111	Myrtaceae	Eugenia luschnathiana (O. Berg) Klotzsch ex B.D. Jacks.	11,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
112	Myrtaceae	Eugenia pyriformis Cambess.	0,85	Árvores Brasileiras, 2008
113	Myrtaceae	Eugenia uniflora L.	258,29	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
114	Moraceae	Ficus enormis Mart.ex Miq.	0,00	Árvores Brasileiras, 2009
115	Celastraceae	Fraunhofera multiflora Mart.	0,03	Árvores Brasileiras, 2016
116	Fabaceae	Galactia striata (Jacq.) Urb.	23,59	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
117	Rubiaceae	Genipa americana L.	103,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
118	Bignoniaceae	Godmania dardanoi (J.C. Gomes) A.H. Gentry	0,04	Árvores Brasileiras, 2016
119	Amaranthaceae	Gomphrena celosioides Mart.	2,90	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
120	Fabaceae	Goniorrhachis marginata Taub.	0,91	Árvores Brasileiras, 2009
121	Nyctaginaceae	Guapira graciliflora (Mart. ex Schmidt) Lundell	0,14	Árvores Brasileiras, 2009
122	Nyctaginaceae	Guapira opposita (Vell.) Reitz	0,14	Árvores Brasileiras, 2009
123	Malvaceae	Guazuma ulmifolia Lam.	47,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
124	Rubiaceae	Guettarda viburnoides Cham. & Schltdl.	0,42	Árvores Brasileiras, 2009
125	Bignoniaceae	Handroanthus chrysotrichus (Mart. ex DC.) Mattos	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
126	Bignoniaceae	Handroanthus heptaphyllus (Vell.) Mattos	0,03	Árvores Brasileiras, 2008
127	Bignoniaceae	Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos	0,11	Árvores Brasileiras, 2008
128	Bignoniaceae	Handroanthus ochraceus (Cham.) Mattos	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
129	Bignoniaceae	Handroanthus serratifolius (Vahl) S.O. Grose	0,04	Árvores Brasileiras, 2008
130	Malvaceae	Helicteres guazumifolia Kunth	1,66	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
131	Chrysobalanaceae	Hirtella ciliata Mart. & Zucc.	0,12	Árvores Brasileiras, 2009

132	Fabaceae	Hymenaea courbaril L.	3678,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
133	Fabaceae	Hymenaea martiana Hayne	384,62	Árvores Brasileiras, 2016
134	Fabaceae	Hymenaea stigonocarpa Mart. ex Hayne	2725,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
135	Fabaceae	Indigofera suffruticosa Mill.	3,10	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
136	Fabaceae	Inga capitata Desv.	227,27	Árvores Brasileiras, 2016
137	Fabaceae	Inga laurina (Sw.) Willd.	188,68	Árvores Brasileiras, 2009
138	Convolvulaceae	Ipomoea alba L.	99,98	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
139	Convolvulaceae	Ipomoea carnea Jacq.	79,20	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
140	Convolvulaceae	Ipomoea hederifolia L.	12,76	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
141	Convolvulaceae	Ipomoea purpurea (L.) Roth	27,50	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
142	Convolvulaceae	Ipomoea sericophylla Meisn.	13,68	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
143	Bignoniaceae	Jacaranda brasiliana (Lam.) Pers.	0,03	Árvores Brasileiras, 2009
144	Convolvulaceae	Jacquemontia tamnifolia (L.) Griseb.	4,30	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
145	Lythraceae	Lafoensia glyptocarpa Koehne	0,02	Árvores Brasileiras, 2008
146	Chrysobalanaceae	Licania rigida Benth.	0,77	Árvores Brasileiras, 2016
147	Fabaceae	Lonchocarpus sericeus (Poir.) Kunth ex DC.	180,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
148	Malvaceae	Luehea candicans Mart. & Zucc.	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
149	Malvaceae	Luehea divaricata Mart. & Zucc.	0,00	Árvores Brasileiras, 2008
150	Malvaceae	Luehea grandiflora Mart. & Zucc.	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
151	Malvaceae	Luehea paniculata Mart. & Zucc.	0,00	Árvores Brasileiras, 2009
152	Fabaceae	Luetzelburgia auriculata (Allemão) Ducke	490,54	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
153	Fabaceae	Machaerium brasiliense Vogel	0,14	Árvores Brasileiras, 2009
154	Fabaceae	Machaerium opacum Vogel	0,40	Árvores Brasileiras, 2009
155	Fabaceae	Machaerium scleroxylon Tul.	0,22	Árvores Brasileiras, 2008
156	Fabaceae	Machaerium stipitatum Vogel	0,16	Árvores Brasileiras, 2008
157	Fabaceae	Machaerium villosum Vogel	0,48	Árvores Brasileiras, 2008
158	Moraceae	Maclura tinctoria (L.) D. Don ex Steud.	0,00	Árvores Brasileiras, 2008

159	Fabaceae	Macroptilium gracile (Poepp.ex Benth.) Urb.	4,45	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
160	Sapindaceae	Magonia pubescens A.St.-Hil.	223,71	Árvores Brasileiras, 2008
161	Malvaceae	Malvastrum americanum (L.) Torr.	1,49	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
162	Euphorbiaceae	Manihot carthagenensis (Jacq.) Müll. Arg.	261,98	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
163	Euphorbiaceae	Manihot carthagenensis subsp.glaziovii (Müll. Arg.) Allem	372,03	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
164	Sapotaceae	Manilkara salzmannii (A. DC.) H.J. Lam	0,26	Árvores Brasileiras, 2009
165	Euphorbiaceae	Maprounea guianensis Aubl.	11,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
166	Apocynaceae	Marsdenia altissima (Jacq.) Dugand	55,04	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
167	Sapindaceae	Matayba guianensis Aubl.	0,21	Árvores Brasileiras, 2016
168	Apocynaceae	Matelea maritima (Vell.) Fontella	0,81	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
169	Celastraceae	Maytenus rigida Mart.	0,05	Árvores Brasileiras, 2016
170	Malvaceae	Melochia tomentosa L.	1,47	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
171	Convolvulaceae	Merremia aegyptia (L.) Urb.	54,20	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
172	Convolvulaceae	Merremia cissoides (Lam.) Hallier f.	19,97	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
173	Convolvulaceae	Merremia dissecta (Jacq.) Hallier f.	129,60	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
174	Convolvulaceae	Merremia macrocalyx (Ruiz & Pav.) O'Donell	25,21	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
175	Convolvulaceae	Merremia umbellata (L.) Hallier f.	44,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
176	Fabaceae	Mimosa caesalpiniifolia Benth.	0,05	Árvores Brasileiras, 2008
177	Fabaceae	Mimosa ophthalmocentra Mart.ex Benth.	9,99	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
178	Fabaceae	Mimosa tenuiflora (Willd.) Poir.	12,32	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
179	Melastomataceae	Mouriri pusa Gardner	0,21	Árvores Brasileiras, 2016
180	Anacardiaceae	Myracrodruon urundeuva Allemão	0,02	Árvores Brasileiras, 2008
181	Myrtaceae	Myrcia guianensis (Aubl.) DC.	0,06	Árvores Brasileiras, 2008
182	Myrtaceae	Myrcia multiflora (Lam.) DC.	0,02	Árvores Brasileiras, 2008
183	Myrtaceae	Myrcia splendens (Sw.) DC.	173,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
184	Myrtaceae	Myrcia tomentosa (Aubl.) DC.	0,27	Árvores Brasileiras, 2009
185	Fabaceae	Myroxylon peruiferum L.f.	284,98	SID; Royal Botanic Gardens, 2017

186	Lauraceae	Nectandra membranacea (Sw.) Griseb.	0,77	Árvores Brasileiras, 2009
187	Lauraceae	Nectandra nitidula Nees	0,21	Árvores Brasileiras, 2009
188	Convolvulaceae	Operculina macrocarpa (L.) Urb.	485,94	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
189	Fabaceae	Parkia platycephala Benth.	0,48	Árvores Brasileiras, 2009
190	Sapindaceae	Paullinia elegans Cambess.	110,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
191	Malpighiaceae	Peixotoa jussieuana Mart.ex A. Juss.	72,15	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
192	Fabaceae	Peltogyne confertiflora (Mart.ex Hayne) Benth.	0,83	Árvores Brasileiras, 2009
193	Fabaceae	Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.	197,35	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
194	Fabaceae	Periandra coccinea (Schrad.) Benth.	34,97	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
195	Fabaceae	Piptadenia gonoacantha (Mart.) J.F. Macbr.	42,28	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
196	Fabaceae	Piptadenia stipulacea (Benth.) Ducke	39,21	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
197	Fabaceae	Piptadenia viridiflora (Kunth) Benth.	33,43	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
198	Fabaceae	Pithecellobium diversifolium Benth.	0,23	Árvores Brasileiras, 2016
199	Fabaceae	Plathymenia reticulata Benth.	0,03	Árvores Brasileiras, 2008
200	Myrtaceae	Plinia cauliflora (Mart.) Kausel	0,30	Árvores Brasileiras, 2016
201	Fabaceae	Poecilanthe ulei (Harms) Arroyo & Rudd	254,06	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
202	Fabaceae	Poiretia punctata (Willd.) Desv.	3,71	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
203	Sapotaceae	Pouteria gardneriana (A. DC.) Radlk.	0,30	Árvores Brasileiras, 2016
204	Salicaceae	Prockia crucis P. Browne ex L.	0,00	Árvores Brasileiras, 2016
205	Malvaceae	Pseudobombax grandiflorum (Cav.) A.Robyns	54,21	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
206	Malvaceae	Pseudobombax marginatum (A.St.-Hil.) A. Robyns	0,26	Árvores Brasileiras, 2009
207	Malvaceae	Pseudobombax simplicifolium A. Robyns	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
208	Myrtaceae	Psidium acutangulum DC.	75,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
209	Myrtaceae	Psidium guineense Sw.	8,73	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
210	Myrtaceae	Psidium myrtoides O. Berg	136,99	Árvores Brasileiras, 2009
211	Myrtaceae	Psidium sartorianum (O. Berg) Nied.	0,36	Árvores Brasileiras, 2009
212	Fabaceae	Pterocarpus rohrii Vahl	178,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017

213	Vochysiaceae	Qualea grandiflora Mart.	0,19	Árvores Brasileiras, 2008
214	Vochysiaceae	Qualea parviflora Mart.	0,03	Árvores Brasileiras, 2008
215	Rhamnaceae	Rhamnidium elaeocarpum Reissek	0,05	Árvores Brasileiras, 2008
216	Fabaceae	Rhynchosia minima (L.) DC.	13,10	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
217	Acanthaceae	Ruellia geminiflora Kunth	5,68	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
218	Polygonaceae	Ruprechtia laxiflora Meisn.	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
219	Vochysiaceae	Salvertia convallariodora A.St.-Hil.	0,13	Árvores Brasileiras, 2008
220	Sapindaceae	Sapindus saponaria L.	767,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
221	Euphorbiaceae	Sapium glandulosum (L.) Morong	34,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
222	Euphorbiaceae	Sapium haematospermum Müll. Arg.	40,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
223	Anacardiaceae	Schinopsis brasiliensis Engl.	167,50	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
224	Euphorbiaceae	Sebastiania brasiliensis Spreng.	0,02	Árvores Brasileiras, 2009
225	Fabaceae	Senegalia polyphylla (DC.) Britton & Rose	0,10	Árvores Brasileiras, 2008
226	Fabaceae	Senna alata (L.) Roxb.	38,50	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
227	Fabaceae	Senna macranthera (DC.ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby	0,04	Árvores Brasileiras, 2008
228	Fabaceae	Senna multijuga (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	7,10	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
229	Fabaceae	Senna obtusifolia (L.) H.S. Irwin & Barneby	23,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
230	Fabaceae	Senna occidentalis (L.) Link	17,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
231	Fabaceae	Senna spectabilis (DC.) H.S. Irwin & Barneby	21,30	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
232	Fabaceae	Senna spectabilis var. excelsa (Schrad.) H.S. Irwin & Barneby	36,16	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
233	Fabaceae	Senna trachypus (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	5,89	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
234	Malvaceae	Sida acuta Burm. f.	2,50	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
235	Malvaceae	Sida glomerata Cav.	0,81	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
236	Malvaceae	Sida spinosa L.	2,40	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
237	Malvaceae	Sidastrum micranthum (A.St.-Hil.) Fryxell	1,23	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
238	Malvaceae	Sidastrum paniculatum (L.) Fryxell	1,76	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
239	Sapotaceae	Sideroxylon obtusifolium (Humb.ex Roem. & Schult.) T.D. Penn.	0,50	Árvores Brasileiras, 2009

240	Simaroubaceae	Simaba floribunda A.St.-Hil.	363,64	Árvores Brasileiras, 2016
241	Simaroubaceae	Simarouba amara Aubl.	0,27	Árvores Brasileiras, 2008
242	Simaroubaceae	Simarouba versicolor A.St.-Hil.	151,52	Árvores Brasileiras, 2009
243	Solanaceae	Solanum capsicoides All.	2,30	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
244	Solanaceae	Solanum crinitum Lam.	5,51	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
245	Anacardiaceae	Spondias tuberosa Arruda	204,08	Árvores Brasileiras, 2008
246	Malvaceae	Sterculia apetala (Jacq.) H.Karst.	1899,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
247	Malvaceae	Sterculia striata A.St.-Hil. & Naudin	250,00	Árvores Brasileiras, 2008
248	Bignoniaceae	Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	0,15	Árvores Brasileiras, 2008
249	Bignoniaceae	Tabebuia roseoalba (Ridl.) Sandwith	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
250	Apocynaceae	Tabernaemontana catharinensis A.DC.	0,15	Árvores Brasileiras, 2016
251	Apocynaceae	Tabernaemontana hystrix Steud.	0,07	Árvores Brasileiras, 2008
252	Sapindaceae	Talisia esculenta (Cambess.) Radlk.	714,29	Árvores Brasileiras, 2008
253	Combretaceae	Terminalia fagifolia Mart.	0,04	Árvores Brasileiras, 2009
254	Rubiaceae	Tocoyena formosa (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	23,37	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
255	Cannabaceae	Trema micrantha (L.) Blume	7,00	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
256	Meliaceae	Trichilia hirta L.	51,45	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
257	Polygonaceae	Triplaris gardneriana Wedd.	0,06	Árvores Brasileiras, 2009
258	Polygonaceae	Triplaris weigeltiana (Rchb.) Kuntze	0,05	Árvores Brasileiras, 2008
259	Malvaceae	Triumfetta semitriloba Jacq.	21,27	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
260	Sapindaceae	Urvillea ulmacea Kunth	8,16	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
261	Fabaceae	Vatairea macrocarpa (Benth.) Ducke	142,86	Árvores Brasileiras, 2009
262	Asteraceae	Verbesina macrophylla (Cass.) S.F. Blake	0,50	SID; Roya Botanic Gardens, 2017
263	Lamiaceae	Vitex cymosa Bertero ex Spreng.	0,54	Árvores Brasileiras, 2009
264	Lamiaceae	Vitex gardneriana Schauer	0,26	Árvores Brasileiras, 2016
265	Lamiaceae	Vitex polygama Cham.	0,45	Árvores Brasileiras, 2008
266	Malvaceae	Waltheria rotundifolia Schrank	1,40	SID; Royal Botanic Gardens, 2017

267	Malvaceae	Wissadula amplissima (L.) R.E. Fr.	3,31	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
268	Annonaceae	Xylopia aromatica (Lam.) Mart.	0,09	Árvores Brasileiras, 2008
269	Annonaceae	Xylopia sericea A.St.-Hil.	0,06	Árvores Brasileiras, 2008
270	Salicaceae	Xylosma ciliatifolia (Clos) Eichler	0,01	Árvores Brasileiras, 2016
271	Rutaceae	Zanthoxylum fagara (L.) Sarg.	10,18	SID; Royal Botanic Gardens, 2017
272	Rutaceae	Zanthoxylum monogynum A.St.-Hil.	0,06	Árvores Brasileiras, 2009
273	Rutaceae	Zanthoxylum rhoifolium Lam.	0,01	Árvores Brasileiras, 2008
274	Rutaceae	Zanthoxylum riedelianum Engl.	0,02	Árvores Brasileiras, 2008
275	Bignoniaceae	Zeyheria tuberculosa (Vell.) Bureau ex Verl.	0,07	Árvores Brasileiras, 2008
276	Rhamnaceae	Ziziphus joazeiro Mart.	0,58	Árvores Brasileiras, 2008
277	Fabaceae	Zornia latifolia Sm.	1,31	SID; Royal Botanic Gardens, 2017

Tabela 2-Description of environmental variables used in this study Table S2

Variables	**Author**	**Short description**	**Resolutions used (?)**	**Original spatial resolution**	**Temporal coverage**
Aridity values	(Zomer et al.,2007, 2008)	The aridity values for the study region were calculated using the Global Potential EvapoTranspiration (Global-PET) set of rasters layers, which is the measure of the atmosphere's ability to remove water through Evapotranspiration (ET) and Global Aridity Index (Global-Aridity), used to quantify precipitation availability in relation to the demand of atmospheric water		at 30 arc seconds (~ 1km at equator)	Anual (?)
Soil properties	("SoilGrids" (www.SoilGrids.org),	Bulk density (fine earth) in kg, cation exchange capacity in cmolc / kg, Soil PH x	1km	250 m	2000 to 2016

		10 in H2O, coarse fragments volumetric in percentage values (%).The depth standard was 0.05m for all variables			
Bio_9	Deblauwe et al. (2016).	Mean temperature of driest quarter		3 arc-minutes and 6 arcminutes	2000-2014
Bio_18	Deblauwe et al. (2016)	Precipitation of warmest quarter		3 arc-minutes and 6 arcminutes	2000-2014

Tabela 3-Descriptive statistics of environmental variables used in this study

	Soil bulk density	BIO09	% non-tree-cover	CEC	BIO18	Median Seed Weight
Min 1st	1254	18,67	48,34	7.45	8,33	0,11
Quartil	1356	21,73	62,97	12,47	118,83	0,62
Median	1405	23,79	67,58	13,80	184,21	2,29
Mean 3rd	1403	24,12	67,52	13,64	176,25	12,71
Quartil	1446	26,23	70,35	15,00	223,95	12,12
Max	1524	33,4	126,16	20,26	378,45	234,45
SD	60,07	3,13	8,38	2,26	82,81	32,22

Capítulo II

3- Title: Macroecological analysis of physiological activity of Neotropical semi-arid woody species

Adriana dos Santos Costa[a,*],Fernanda Alves-Martins[b], Juliana Stropp[a], Richard J. Ladle[a], Ana C.M. Malhado[a]

[a] Institute of Biological and Health Sciences, Federal University of Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro do Martins, Maceió, AL 57072-900, Brazil.
[b] Departament of Biogeography and Global Change, Museo Nacional de Ciencias Naturales (MNCN-CSIC) C/ José Gutiérrez Abascal 2, 28006, Madrid, Spain.
*adrianacostabio@gmail.com; telephone: 55 82 3214 1681

Abstract

Aims: Macroscale studies are of fundamental importance to understand the distribution of leaf traits and their relationship with environmental conditions. Here, we evaluate the influence of aridity and soil physico-chemical properties on the mean size of woody plant leaves in the Caatinga.

Methods
We use a model of structural equations (SEM) to evaluate the direct and indirect effect of aridity and soil properties on the average leaf size.

Results: Our results indicate that aridity influences soil pH, that together with cation exchange affect leaf size.

Conclusions: The environmental variables linked to the physical and chemical properties of the soil most affect leaf area of woody plant species of the Caatinga

Keywords: Leaf size, Arid and Semi-arid, Dry forest, Vegetation, Caatinga, Databases

3.1-Introduction

Leaves are among the most important organs of the a plant. They first form as rod-like structures protruding from the shoot's apical meristema (RODRIGUEZ et al., 2014) and develop diverse morphologies that reflect a wide variety of functions (TORRE, 2004; WALDHOFF; PAROLIN, 2010). They show considerable intraspecific and interspecific trait variability in, for example, area, thickness, shape, capacity for gas exchange and drought tolerance (LAUTERBACH et al., 2016; SACK et al., 2003). Leaves are by far the most studied plant organ due to their importance in photosynthesis (OGUCHI et al., 2005; SMITH et al., 1997).Chloroplasts are distributed across the leaf surface and are responsible for light absorption by the leaf (TERASHIMA et al., 2011) and leaves are the main route for the diffusion of CO_2 through the mesophyll (PEGUERO-PINA et al.; 2017 ; PIERUSCHKA et al.; 2005).Leaves are also responsiblefor a substantial part (≥30%) of the water flow through plants due to transpiration (SACK et al., 2003).

As in other biomes, in dry tropical forests the leaf characteristics of woody species, such as leaf area, weight, specific leaf area (SLA) and chlorophyll content, reflect the variability of local conditions (PANDEY et al., 2009). Due to frequent droughts in such environments, there is strong selection for woody species with small leaves that minimize water loss resulting on a correlation between leaf area and water availability (XU et al., 2008, 2009). This is because stomatal conductivity is strongly correlated with a leaf area, so plants that can reduce the conductance under water stress have better physical conditioning (NICOTRA; DAVIDSON, 2010).Similarly, at high altitudes where environmental conditions can be very severe, leaf area correlates positively with average annual rainfall (SUN et al., 2016).

Ecotones from hosting (humid to semi-arid environments) are often characterized by woody species that are able to adapt to arid conditions by decreasing leaf area, thus reducing water loss (BORGES et al., 2016; QIN et al., 2019). Some woody species from arid and semi-arid environments also have greater rooting depth, allowing them to acquire water from deeper soil layers during water stress(LIU et al., 2010; LOPEZ-IGLESIAS et al., Consequently, species originating from arid and semi-arid environments under high water deficit conditions often use more water when compared to temperate species under the same conditions (GOEDHART; PATAKI, 2012). Responses to saline stress in these environments also result in a range of morphological, physiological and biochemical responses, including reduction of leaf area (BACHA et al., 2017; TOSCANO et al., 2019).

The Caatinga semiarid ecosystem of northeast Brazil is characterized by a mosaic of scrubs and patches and is the largest seasonally dry ecosystems of South America (SANTOS et al., 2011). In this ecosystem, plant species are strongly influenced by the interaction of their functional traits with rainfall gradients and soil conditions (PINHO et al., 2019). Macroclimatic factors (e.g. aridity) and geomorphological factors (e.g. soil chemistry) can affect the availability of nutrients and modify the pH of the soil. Some of these nutrients, such as potassium (K+), can act on the leaves of plant, regulating the opening and closing of stomata, thus influencing the exchange of gases and rate of photosynthesis. This type of regulation is very important in arid and semi-arid environments where there is a trade-offs between the controlling of water loss and maximization of growth under different climatic and edaphic conditions. To explore this relationship in more depth, we evaluated the influence of aridity and soil physic-chemical properties on the mean size of woody plant leaves in the Caatinga.

3.2-Methods

3.2.1-Study area

The Caatinga biome is characterized by a seasonal climate marked by irregular and often prolonged periods of drought, high evaporation rates, high average temperatures (around 27° C), normally low relative humidity, and rainfall levels of 250mm to 750mm per year (EMBRAPA-1986,1988) crystalline origin, being shallow, stony and fertile. A smaller portion of Caatinga is covered by sedimentary soils, which are deep, sandy and oligotrophic (GIONGO et al., 2011; SILVA et al., 2017). The flora of Caatinga is extremely diverse, formed by a mosaic of vegetation types, typically deciduous, xerophious and thorny, which are usually associated with soil characteristic and climate (NOGUEIRA FERRAZ et al., 2003; PEREIRA et al., 2003; SANTOS et al., 2012; SIQUEIRA-FILHO et al., 2012)

3.2.2-Selection of woody species

The list of woody plant species of the Caatinga was generated from the lists of Moro et al. (2014) and (SIQUEIRA-FILHO et al., 2012).Woody species include trees, shrubs, lianas subshrubs and woody climbers (Brazilian Flora 2020,CARVALHO 2017). We checked the spelling and synonyms with the Taxonomic Name Resolution Service software (TNRS) version 4.0 (BOYLE et al., 2013) and retained only accepted names (i.e., illegitimate, invalid, misapplied, rejected names and synonyms were excluded from the analysis). Our final list of woody species of the Caatinga contained 1,147 species, 434 genera and 83 families.

3.3-Database Construction

3.3.1-Digital Imagens of dry herbarium specimens

In May 2017 we retrieved a total of 999,322 occurrence records of Angiosperms from the (GBIF; SpeciesLink 2017). First, we identified 33,569 occurrence records (6,725 species) with digital images available through these platforms. We then checked these 6,725 names using the TNRS. After removing the duplicate records and only considering valid names we identified 6,134 species with digital images. This species list with digital imagens was cross-checked against the list of woody species to generate a final list of 716 species with digital images for Caatinga. Occurrence records from GBIF were retrieved using the package rgbif (CHAMBERLAIN, 2016) for the software (TEAM, 2017).

We download 4,715 hyperlinks of digital images of dried herbarium specimens through three international virtual herbaria Kew Royal Botanic Gardens (n= 3311/site: http;//specimes. kew.org. herbarium), Muséu National D´ Histoire Naturalle of France (n= 787 /site: http://coldb.mnhn.fr/catalognumber/mnhn) and the Smithsonian National Museum of Natural History (n=617/ site https://collections.nmnh.si.edu/search/). A total of 192 species had digital images that the met our inclusion criteria, i.e. images with minimum 600 dpi resolution and height of 2000 pixels. Images that did not provide geographical coordinates indicating where the specimen had been collected, a date of collection, damaged or overlapping leaves, and without a complete description of the local collection were excluded from the analysis.

3.3.2-Metrics of leaves

The digital images of the exsiccatae were processed using the free software Adobe® Photoshop® CS3 (Adobe Systems In.). We removed all additional information from digital exsiccatae and the files were converted to black and white images. Digital exsiccatae with damaged, overlapping leaves or with doubtful collection data were excluded. Digital images of leaves were processed using Leaf Area package (KATABUCHI, 2015) on ImageJ (imagej. nih.gov/ ij/download). Leaf area estimates were processed using the run.ij()function. To calibrate the function parameters we used the distance.pixel=47 know argument.distance=1. Initial description of the qualitative shape characterisctics was achieved by use by the Illustrated morphology dictionary (GONÇALVES; LORENZI, 2011) and size classes followed (RAUNKIAER, 1934).

3.3.3- Environmental variables and data analysis

To maximize occurrence data two data sources were used: Costa et al. (2019) and our own database (Table S1 supplementary material) with the area measures leaf. The environmental variables used were aridity and soil properties, both with a spatial resolution of 30°. The environmental variables were resized to a spatial resolution of 0.5 decimal degree (from the calculation of the average of the values). Subsequently, the average (and variance) of the leaf area of the Caatinga woody plants was calculated for cells of 0.5 decimal degree.

To evaluate the direct and indirect effects of aridity and soil properties on average leaf size, we used a structural equation model, based on three equations, to quantify:

- the influence of the size of the soil fragment on the cation exchange capacity:

(Eq. 1) cation_exchange ~ coarse_fragments

- the influence of aridity and cation exchange capacity on soil pH

(Eq. 2) soil_pH ~ aridity + cation_exchange

- the influence of pH and cation exchange capacity on the average leaf size

(Eq. 3) mean_leaf_log ~ cation_exchange + soil

3.4-Results

3.4.1- Characterization of leaves

Among the 192 woody species from the Caatinga in our digital image database, 57.81% (N=111) had simple leaves and 42.19% (N=81) had compound leaves (Fig.3). Within the *Fabaceae* family 20.59% of the compound leaves are trifoliolate. The shape of the leaves varied considerably (Table S1 suplementary material) among species studied: 32.81% are ovate, 9.89 % obovate and oblong either and 6.77% lanceolate. The families with the greatest variety of shape of leaves were the Fabaceae and the Apocynaceae.

3.4.2- Leaf Metrics

We measured 2,400 leaves belonging to 24 botanical families and 192 woody species from the Caatinga. Caatinga species have a great divesristy in the leaf size and shape: the species with the largest leaf areas were *Ipomoea megapotamica* (60.987 cm^2 ± 0.216) and *Tabebuia aurea* (47.474 cm^2 ± 6.233), while *Aeschynomene martii* (0.747±0.032) and *Enterolobium timbouva* (0.727 ±0.020) had the smallest leaf areas (Table S1 suplementary material). The dominant leaf size class in the Caatinga (Fig.4) was Nanophyll (0.25-2.2.25 cm^2), which is widely distributed across botanical families (Fig.5) and ecoregions (Fig.6).

3.4.3-Leaf size and environmental variables

The availability of cations in the soil is positively related to the availability of coarse fragments- “coarse fragments” **(**$r^2 = 0.28$). In addition, 67% of the Caatinga pH variation is explaned by aridity, which prevents nutrient leaching by rain, and by the availability of cations (“cation exchange”) in the soil ($r^2 = 0.67$). We found a positive relationship between the leaf area mean (Table 1, Fig.1) with the availibility of cationic minerals (i.e “cation exchange”) and a negative relationship between average leaf size and the soil pH ($r^2= 0.6$). Despite the low predictive power, $r^2 = 6\%$, the relationship with leaf size, the availibility of cationic minerals in the soil, and pH values, may reflect the relationship between these minerals and the stomata (see discussion).We also calculate the distribution of mean temperature distribution and aridity index for the region (Fig.2)

3.5- Discussion

Our results indicate that leaf area in woody plant species of in the Caatinga is directly influenced by soil pH through the action of "coarse fragments" and "Cation Exchange".Soil pH has been recognized as an important factor effecting the distribution of plants in tropical dry seasonal forests and savannahs (VIANI et al., 2014).In these environments, the variation in nutrients in new and evergreen leaves is closely aligned with general measures of soil fertility (MIATTO et al., 2016).In the present study, the *Fabaceae* have the greatest variety in leaf area and are also the most abundant (in terms of species) family in the Caatinga. Due to its high number of taxa and the distribution patterns of its species, *Fabaceae* thus represent a model group for the analysis of biogeographic hypotheses related to Caatinga (DE QUEIROZ, 2006).The *Fabaceae* has a high frequency of species with compound leaves (almost 50% in the study area) and tend to be found in areas such as the Caatinga with high temperatures and low rainfal (STOWE; BROWN, 1981). Though the adaptive significance of compound leaves is complex and reflects a number of selective pressures (GIVNISH, 1978; MALHADO et al., 2010), they seem to confer some advantage in dry environments such as improved light capture, reduced overheating and loss of water (AARSSEN, 2012). In the *Fabaceae*, this might be reflected in functional differences between simple and compound-leaved species resulting in higher relative growth rates of leaves in arid conditions (WU et al., 2019).Hydraulic efficiency and carbon assimilation capacity are also higher in compound leaves when taking into account the size of the leaf area (SONG et al., 2018).

The variation in leaf area was lower among the *Fabaceae* when compared to other families. This may be a consequence of the leaflet structure, and thus small size of compound leaves (SINHA, 1997). However, it is by no means clear whether leaflets of compound leafs should be treated as analagous to simple leaves or whether all the leaflets within a leaf unit are functionally equivalent to a single simple leaf (CHAMPAGNE; SINHA, 2004).If the latter is true they may be gaining some of the advantages of larger leaves (e.g. expanded area of light capture) without some of the associated costs (e.g. increased water loss). In any case, leaves and leaflets are smaller in species from arid and semi-arid environments when compared to species that occur in humid environments (GIBSON, 1998). The effect of water stress on leaf area reported on the whole leaf scale is the same as that reported for the diferent leaflets that make up a compound leaf (KOCH et al., 2018). Many of the Caatinga species in our study possessed trifoliate (20.59%) compound leaves, probably as an adaptation to the xeric environment: narrow leaves reduce evaporation by reducing the size of the boundary layer (XU et al., 2009). The *Fabaceae* of the Caatinga possess compound pinnate, alternative, petiolate, leaves that are evergreen and with trichomes (CARDOSO; QUEIROZ, 2008; GOMES et al., 2018; TERRA; GARCIA, 2016).

The shape of the dominat leaf blade in the Caatinga was ovate (32.81%) with the widest blade shape close to the base, differing only in the length versus width ratio (GONÇALVES; LORENZI, 2011). SHUDE et al., (2004) demonstrated that species with ovate and lanceolate formas were more tolerant to drought because they have well-developed xeromorphic structures (*i.e* thickened epidermal layer, hypodermis, stoma with substomacal chambre and mucilage cells). The lanceolate leaves in the presente study are narrow when compared to ovate leaves. This is expected given that arid conditions seem to favor the selection of small, narrow leaves divided into parts (LEIGH et al., 2017). This explains the close relationship between leaf size and shape in soils with low nutrient content in humid tropical forests (MALHADO et al., 2009b). Leaf size and shape will also be moulded by the necessity for leaf auto-thermoregulation, especially influencing leaf thickness (NICOTRA; DAVIDSON, 2010). The wide variety in blade shape of the Fabaceae in our analysis is largely due to the divison of the leaf limbus. Generally, dissected leaves are found in more xerophytic phylogenetic clades and are thought to represent an evolucionary response to extreme abiotic factors (JONES et al., 2009).

Among the ecoregions within our study area, four have the largest number of species in our data: Caatinga (120 sp), Atlantic Dry Forest (32 sp.), Campos Rupestres Montane Savanna (15sp); Pernambuco Coastal Forests (8sp.) and three families, Fabaceae, Solanaceae, Pernambuco Coastal Forests (8 sp) and three families, Fabaceae, Solanaceae and Erythroxylaceae.There are many subtypes of plant communities in the Caatinga ecoregion. Moro et al.2014 classified as a semi-arid region of the South American in nove ecoregions on the type of plants existing (MORO et al.,2014). A recente classification (SILVA et al., 2017) of Caatinga differs from previous studies, but based on na initial classification by (IBGE, 2004), this edition was done with exclusion, renaming and adding new regions.

Aridity indices associated with current productivity are associated with floristic variability in the nine biogeographic regions of the Caatinga (SILVA; SOUZA, 2018). In certain ecoregions of the Caatinga, the dominance of the *Fabaceae* is a clear consequence of their preference for climatic components such as temperature and precipitation over geographical proximity (LIMA et al., 2012). The four regions of the Caatinga with more representative assemblies of woody species have a higher proportion of Microphyll leaves (followed by Nanophyll). Small leaves are considered adaptations to the stress caused by the lack of water in tropical forests (MEDINA, 1983). The Caatinga ecoregion in particular is characterized by: i) a considerable number of endemic species and genera; ii) a large number of new occurrence records for the region, and; iii) a high frequency of threatened species (SILVA et al, 2018). Ecoregions such as the rocky grasslands (campos rupestres) also have a high number of exclusive taxa for the northeast semi-arid Caatinga (VALENTE; PÔRTO; BASTOS, 2013).

In summary, we observed considerable variation in the leaf area among taxonomic families, with the *Fabaceae* contributing significantly to the richness and diversity of leaf forms of woody species in the Caatinga. The families with the largest variation in leaf size are *Solanaceae*, *Convolvulaceae*, *Apocynaceae*, *Vochysiaceae* and *Asteraceae.* Recent biogeographic studies have shown considerable heterogeneity between the main plant communities of the region with the presence of distinct vegetation nuclei (MORO et al., 2016). It appears that different environmental filters operate in coastal and mixed forests in comparasion to the other ecoregions of the Caatinga (which contain more xeromorphic vegetation), such as Caatinga, Bahia interior forests, Pernambuco interior forests, rocky grasslands (campos rupestres) and montane savannah. Although the inventoried species are widely occurring in the semi-arid region, our results produced so far have not yet been able to understand with environmental variable affect the leaf area of the Caatinga woody species.

Tabela 1-Direct and indirect effects of environmental variables and physical-chemical properties of the soil on the leaf size of woody plants in the Caatinga.

Response	Predictor	Estimate	Std.Error	DF	Crit.Value	P.Value	Std.Estimate
cation_exchange	coarse_fragments	0.5248	0.0544	245	96.499	**0.0000**	0.5248
soil_pH	aridity	-0.0005	0.0000	244	-165.369	**0.0000**	-0.6097
soil_pH	cation_exchange	0.4986	0.0369	244	135.234	**0.0000**	0.4986
mean_leaf_log	cation_exchange	0.1569	0.0538	244	29.160	**0.0039**	0.2176
mean_leaf_log	soil_pH	-0.1824	0.0538	244	-33.894	**0.0008**	-0.2529

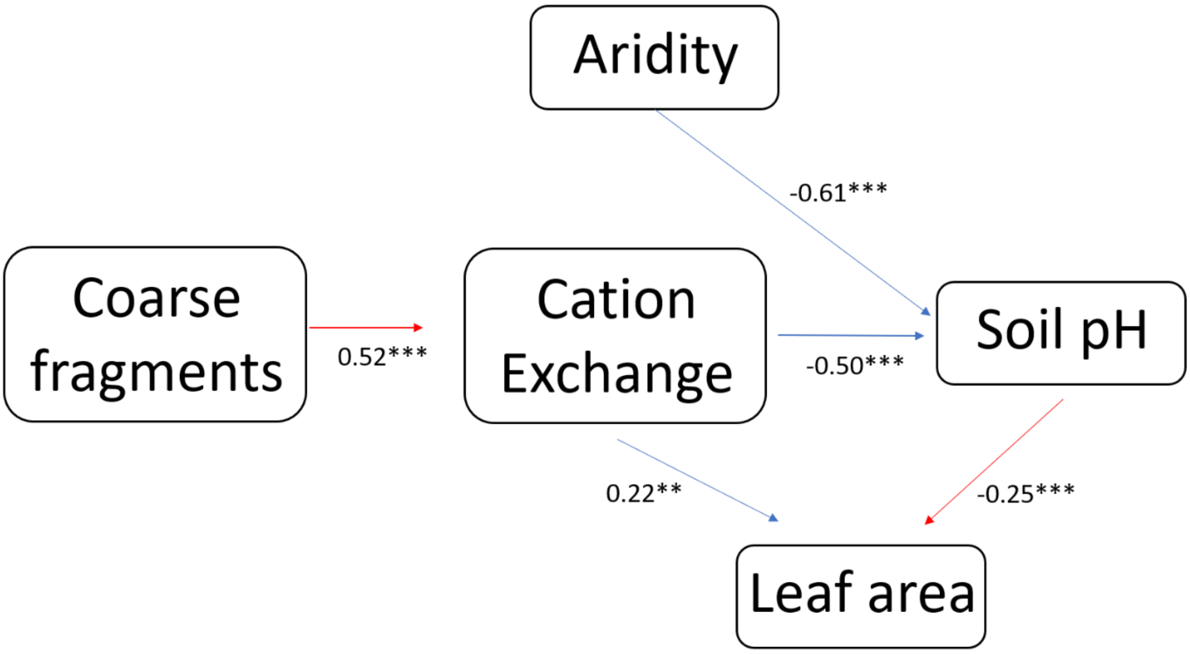


Fig.1-Structural Equation Model (SEM)- relationship between the effect of aridity and physichochemical properties of the soil in leaf size. In our model, aridity influences soil pH, and cátion exchange affect leaf size.

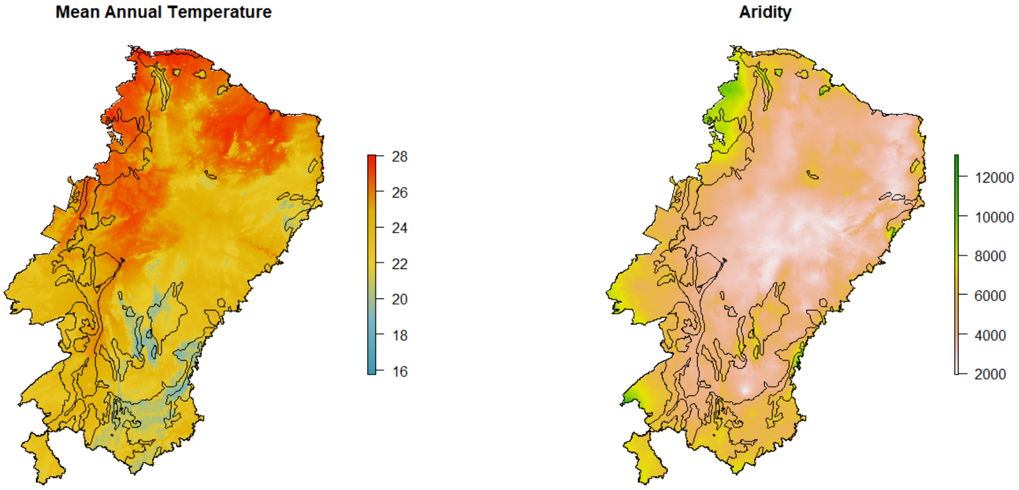


Fig.2 –Spatial distribution of mean anual temperature and aridity in the Caatinga.

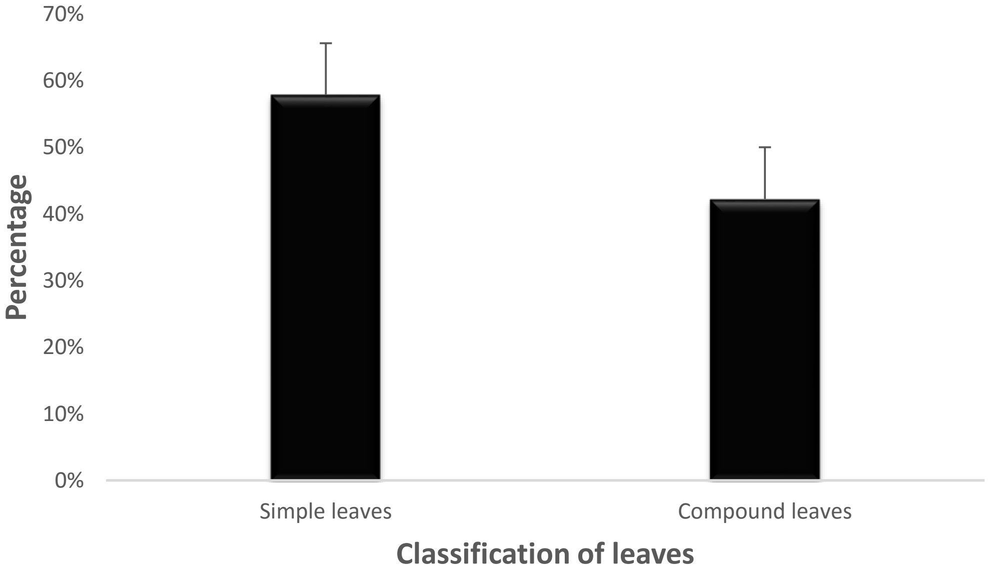


Fig.3-Percentage of simple and compund leaves occurring in the Caatinga.

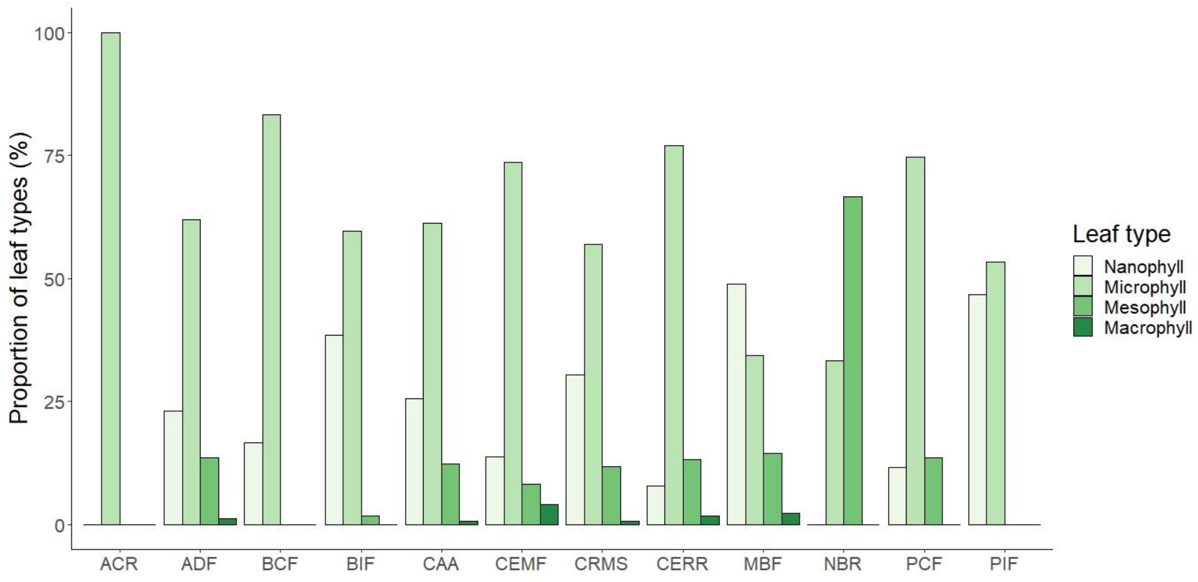


Fig.4-Life size categories (Raunkier 1931) in the different Caatinga ecoregions.

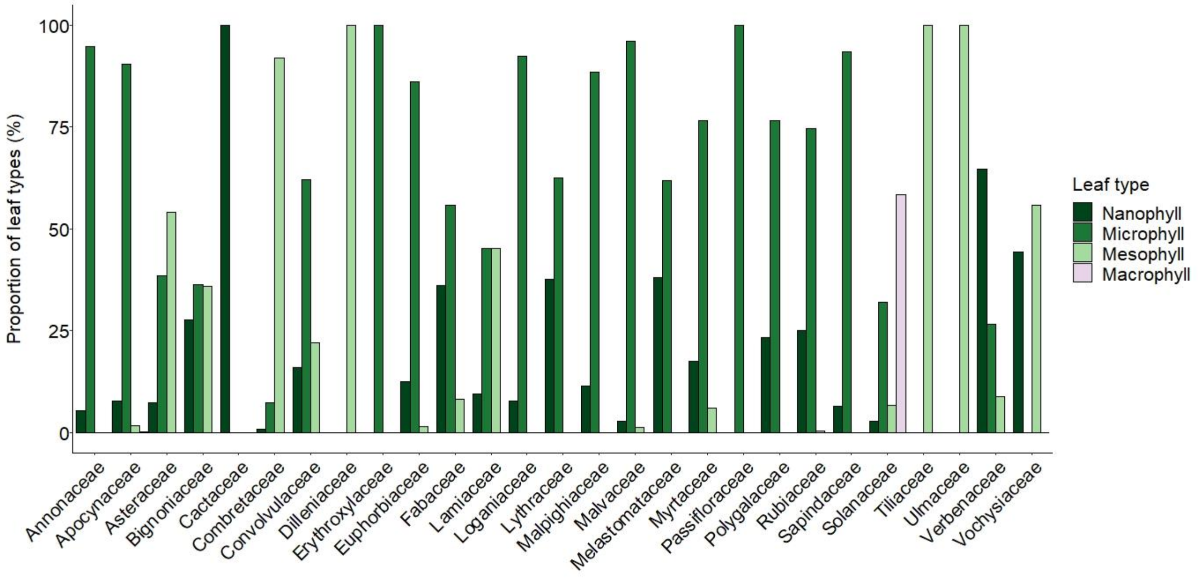


Fig.5-Proportion of leaf types across the taxonomic families of the Caatinga woody plant.

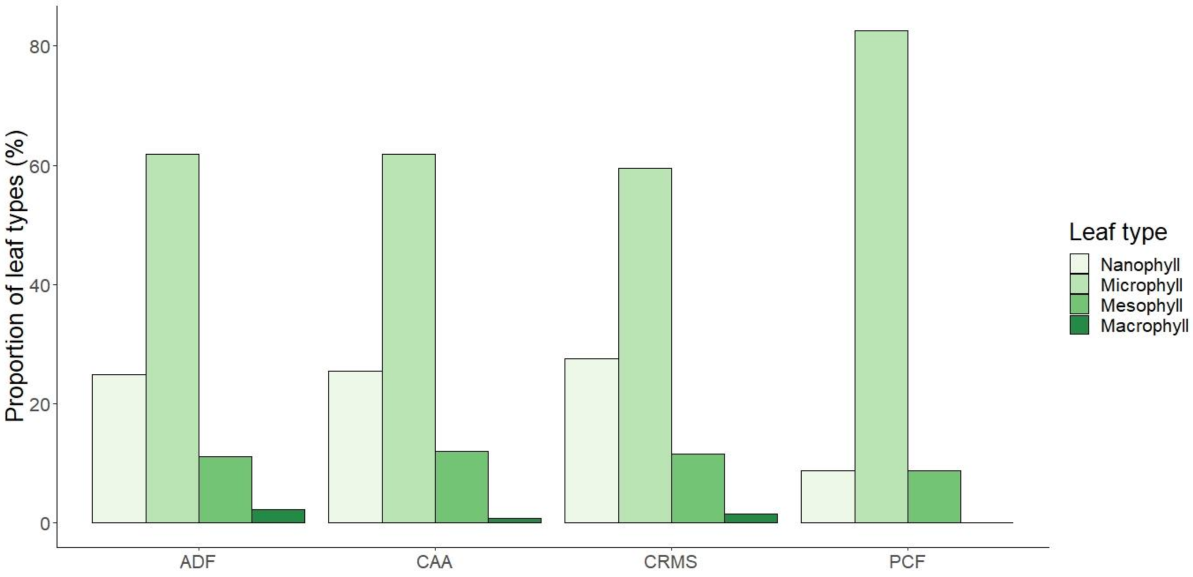


Fig.6 -Proportion of leaf types in four Ecorregions – ADF: Atlantic Dry Forest, CAA: Caatinga, CRMS: Campos ruspestres montane savanna, PCF: Pernambuco Costal Forests.

Tabela 2-Eletronic Suplementary Material Table S1

ID	Herbaria vouchers	Family	Species	Mean Leaf area (cm^2)	Std.Error	Sample unit	Long	Lat	Date	Classification of leaves	Shape leaf
1	184648	Malpighiaceae	Janusia schwannioides W.R. Anderson	1,872	**1,358**	11	41 16 W	10 27 S	07/03/1976	Simple leaves	Elliptic
2	405182	Fabaceae	Hymenaea martiana Hayne	20,838	3,179	5	42 0 W	9 0 S	25/03/1983	Compound leaves	Obovate (Bifoliolate)
3	405873	Fabaceae	Hymenaea courbaril L.	11,141	2,260	14	42 32 W	14 10 S	27/10/1993	Compound leaves	Ovate-oblong
4	407114	Fabaceae	Hymenaea maranhensis Y.T. Lee & Langenh.	19,696	6,311	5	41 15 W	7 7 S	01/01/1907	Compoud leaves	Obovate (Bifoliolate)
5	407961	Fabaceae	Hymenaea eriogyne Benth.	5,256	1,208	18	43 36 4 W	9 22 12 S	17/06/2007	Compoud leaves	Obovate (Bifoliolate)
6	407977	Fabaceae	Hymenaea velutina Ducke.	12,353	4,162	13	41 22 20 W	9 28 44 S	05/10/2003	Compound leaves	Obovate (Bifoliolate)
7	459609	Fabaceae	Luetzelburgia auriculata (Allemão) Ducke	4,236	1,321	16	42 0 W	9 0 S	19/01/1982	Compoud leaves	Ovate (Pinnate, imparipinnate)
8	472042	Fabaceae	Macroptilium martii (Benth.) Maréchal & Baudet	6,986	2,771	9	41 50 W	13 43 S	03/04/1991	Compound leaves	Ovate
9	485116	Asteraceae	Isocarpha megacephala Mattf.	4,180	0,797	4	40 7 15 W	6 36 1 S	01/07/2004	Simple leaves	Lanceolate
10	488491	Convolvulaceae	Ipomoea rosea Choisy	1,668	0,520	7	40 8 W	6 37 S	25/04/1996	Compound leaves	Lanceolate (Trifoliolate)
11	490293	Convolvulaceae	Ipomoea nil (L.) Roth	148,767	-	1	35 52 W	7 46 S	30/06/1990	Simple leaves	Ovate
12	490579	Convolvulaceae	Jacquemontia glaucescens Choisy	5,620	3,108	7	41 49 W	13 18 S	31/01/1992	Simple leaves	Ovate
13	496765	Verbenaceae	Lippia grata Schauer	0,845	0,100	9	37 10 W	8 37 S	05/05/1995	Simple leaves	Ovate
14	496780	Verbenaceae	Lippia magentea T. Silva	40,101	18,584	4	41 20 W	10 22 S	08/03/1974	Simple leaves	Ovate
15	496914	Verbenaceae	Lantana caatingensis Moldenke	1,032	0,343	7	35 49 W	8 12 S	08/02/1996	Simple leaves	Ovate
16	497085	Fabaceae	Indigofera Benth.	1,147	0,254	20	40 15 W	9 55 S	24/02/1974	Compound leaves	Oblong (Pinnate, imparipinnate)
17	497456	Convolvulaceae	Ipomoea incarnata (Vahl) Choisy	21,816	3,939	4	41 22 W	12 30 S	23/05/1980	Simple leaves	Ovate
18	497498	Convolvulaceae	Ipomoea subincana (Choisy) Meisn.	43,978	24,350	6	41 47 W	13 33 S	18/01/1972	Simple leaves	Ovate
19	497511	Convolvulaceae	Ipomoea marcellia Meisn.	17,353	5,959	2	35 52 W	7 46 S	27/07/1990	Simple leaves	Ovate
20	501743	Fabaceae	Machaerium brasiliense Vogel	5,797	5,793	26	41 0 W	11 20 S	17/01/1997	Compound leaves	Ovate (Pinnate, imparipinnate)
21	513899	Verbenaceae	Lantana canescens Kunth	2,326	0,886	6	41 43 W	13 36 S	15/11/1988	Simple leaves	Ovate
22	514052	Verbenaceae	Lantana fucata Lindl.	1,494	0,705	5	40 27 W	13 26 S	00/09/1906	Simple leaves	Ovate

23	549428	Bignoniaceae	Fridericia limae (A.H. Gentry) L.G. Lohmann	3,55	1,205	7	37 10 W	8 37 S	20/05/1995	Compound leaves	Oblong (Trifoliolate)
24	550876	Apocynaceae	Mandevilla funiformis (Vell.) K. Schum.	2,971	0,655	7	41 20 32 W	12 58 30 S	01/02/1994	Simple leaves	Obovate
25	567037	Bignoniaceae	Godmania dardanoi (J.C. Gomes) A.H. Gentry	1,339	0,487	8	40 25 W	7 14 S	15/02/1985	Compound leaves	Elliptic (hand)
26	585190	Bignoniaceae	Jacaranda jasminoides (Thunb.) Sandwith	1,178	0,649	16	40 7 15 W	6 36 1 S	26/01/2005	Compound leaves	Elliptic (Bipinnate/ Pinnate)
27	588711	Apocynaceae	Mandevilla leptophylla (A. DC.) K. Schum.	2,710	1,477	12	40 7 15 W	6 36 1 S	25/01/2005	Simple leaves	Narrow-Elliptic
28	593351	Fabaceae	Machaerium opacum Vogel	6,509	1,784	8	45 36 3 W	11 53 41 S	04/02/2000	Compound leaves	Ovate (Bipinnate)
29	604845	Myrtaceae	Eugenia stictopetala DC.	6,750	4,081	14	41 16 W	10 27 S	05/03/1974	Simple leaves	Ovate
30	610922	Convolvulaceae	Ipomoea brasiliana Meisn.	8,211	4,510	6	38 29 W	9 20 S	06/06/2004	Simple leaves	Ovate
31	610940	Convolvulaceae	Ipomoea megapotamica Choisy	60,987	0,153	2	35 52 W	7 46 S	27/07/1990	Simple leaves	Ovate
32	612954	Malpighiaceae	Galphimia brasiliensis (L.) A. Juss.	1,326	0,589	26	40 15 W	10 23 S	27/02/1974	Simple leaves	Ovate
33	620697	Myrtaceae	Eugenia uniflora L.	2,449	1,199	38	41 53 W	13 16 S	29/02/1992	Simple leaves	Elliptic
34	629142	Myrtaceae	Eugenia candolleana DC.	19,739	5,306	7	40 28 31 W	11 11 47 S	02/04/1996	Simple leaves	Elliptic
35	634486	Myrtaceae	Eugenia florida DC.	10,126	2,647	9	41 48 W	13 18 S	27/12/1992	Simple leaves	Elliptic
36	635935	Myrtaceae	Eugenia dysenterica DC.	19,217	2,652	3	42 54 W	12 19 S	12/10/1981	Simple leaves	Elliptic
37	637705	Myrtaceae	Eugenia punicifolia (Kunth) DC.	3,184	1,050	41	44 2 W	12 7 S	07/07/1983	Simple leaves	Elliptic
38	684419	Bignoniaceae	Fridericia caudigera (S. Moore) L.G. Lohmann	31,988	11,424	6	39 50 W	7 15 S	15/02/1985	Compound leaves	Obovate (Trifoliolate)
39	754738	Rubiaceae	Guettarda angelica Mart.ex Müll. Arg.	3,499	1,273	18	39 52 W	12 54 S	06/03/1977	Simple leaves	Elliptic
40	755413	Rubiaceae	Machaonia acuminata Bonpl.	8,502	4,335	9	42 50 W	10 48 S	25/02/1997	Simple leaves	Elliptic
41	55828	Myrtaceae	Myrcia guianensis (Aubl.) DC.	3,509	1,373	37	39 12 W	6 53 S	1839	Simple leaves	Elliptic
42	55834	Myrtaceae	Myrcia multiflora (Lam.) DC.	4,383	1,674	28	44 28 W	10 13 S	1841	Simple leaves	Elliptic
43	126835	Fabaceae	Chamaecrista cytisoides (DC.ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby	1,425	0,481	43	41 21 W	13 1 S	04/02/1974	Compound leaves	Oblanceolate (Pinnate,paripinnate)
44	214741	Myrtaceae	Alvimiantha tricamerata Grey-Wilson	5,121	3,468	16	41 23 W	10 16 S	07/03/1974	Simple leaves	Ovate
45	412883	Fabaceae	Chamaecrista barbata (Nees & Mart.) H.S. Irwin & Barneby	4,905	3,897	19	41 1 W	11 39 S	04/03/1977	Compound leaves	Ovate (Paripinnate)
46	415625	Fabaceae	Chamaecrista repens (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	0,907	0,276	33	41 28 5 W	12 27 17 S	26/09/1994	Compound leaves	Oblong (Paripinnate)
47	441050	Fabaceae	Albizia inundata (Mart.) Barneby & J.W. Grimes	2,144	0,596	38	41 5 W	12 6 S	1838	Compound leaves	Linear-falcate
48	446420	Rubiaceae	Chiococca alba (L.) Hitchc.	3,220	2,216	20	41 9 32 W	11 37 30 S	10/03/2002	Simple leaves	Ovate
49	453345	Fabaceae*	Amburana cearensis (Allemão) A.C. Sm.	6,534	1,306	14	43 13 W	13 10 S	22/07/1981	Compound leaves	Ovate (Imparipinnate)

50	469415	Fabaceae	Chaetocalyx scandens (L.) Urb.	1,189	0,230	19	39 52 W	12 5 S	03/05/1980	Compound leaves	Obovate (Trifoliolate)
51	470925	Fabaceae	Centrolobium sclerophyllum H.C. Lima	26,103	7,847	8	43 0 W	13 35 S	02/07/1983	Compound leaves	Ovate (imparipinnate)
52	501720	Fabaceae	Canavalia dictyota Piper	25,972	1,907	3	42 30 W	11 24 S	22/02/1977	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
53	501734	Fabaceae	Canavalia brasiliensis Mart. ex Benth.	13,820	1,822	6	39 47 W	12 47 S	02/06/1993	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
54	506532	Fabaceae	Centrosema pascuorum Mart.ex Benth	2,175	0,972	31	41 51 W	13 38 S	28/03/1991	Compound leaves	Lanceolate (Trifoliolate)
55	544387	Apocynaceae	Allamanda blanchetii A. DC.	5,612	3,289	13	38 5 W	10 16 S	21/10/1981	Simple leaves	Obovate
56	545340	Apocynaceae	Aspidosperma discolor A. DC.	5,146	2,154	9	41 46 W	13 18 S	27/02/1992	Simple leaves	Ovate
57	547121	Fabaceae	Aeschynomene martii Benth.	0,747	0,026	3	41 52 W	13 18 S	20/01/1994	Compound leaves	Oblong (Pinnate)
58	548855	Apocynaceae*	Allamanda puberola A.DC	3,130	1,336	8	41 49 W	13 18 S	31/01/1992	Simple leaves	Lanceolate
59	550232	Apocynaceae	Aspidosperma pyrifolium Mart. & Zucc.	4,150	1,041	9	37 9 15 W	8 37 30 S	10/10/1995	Simple leaves	Elliptic
60	565384	Bignoniaceae	Anemopaegma laeve DC.	4,391	1,845	15	41 48 W	13 18 S	27/12/1992	Compound leaves	Ovate (Bifoliate)
61	571835	Fabaceae	Bionia pedicellata (Benth.) L.P. Queiroz	18,580	9,393	9	41 28 15 W	12 27 20 S	26/10/1994	Compound leaves	Oblong (Unifoliolate)
62	575497	Bignoniaceae	Anemopaegma velutinum Mart.ex DC.	19,666	6,380	6	41 57 W	13 33 S	20/03/1977	Compound leaves	Ovate (Trifoliate)
63	578200	Apocynaceae	Blepharodon ampliflorum E. Fourn.	5,716	2,602	9	41 55 W	13 32 S	23/01/1974	Simple leaves	Linear- lanceolate
64	578225	Apocynaceae	Blepharodon manicatum (Decne.) Fontella	2,007	0,903	26	41 45 44 W	13 37 19 S	06/02/2004	Simple leaves	Ovate
65	593563	Asteraceae	Chresta martii (DC.) H. Rob.	15,944	4,011	4	40 13 46 W	10 6 10 S	13/04/2006	Simple leaves	Ovate- rhomboid
66	594012	Annonaceae	Annona sylvatica A. St.-Hil.	8,451	5,126	19	40 10 W	10 23 S	27/02/1974	Simple leaves	Obovate
67	601651	Apocynaceae	Calotropis procera (Aiton) W.T.Aiton	156,252	56,132	3	43 1 W	6 46 S	12/07/1962	Simple leaves	Obovate
68	645956	Fabaceae	Blanchetiodendron blanchetii (Benth.) Barneby & J.W. Grimes	0,834	0,161	42	41 52 W	13 17 S	28/12/1988	Compound leaves	Oblong (Bipinnate)
69	676271	Vochysiaceae	Callisthene minor Mart.	0,832	0,138	5	41 52 W	13 19 S	03/03/1994	Simple leaves	Oblong
70	688989	Solanaceae	Brunfelsia uniflora (Pohl) D.Don	7,794	4,633	12	40 34 29 W	15 15 53 S	25/03/1996	Simple leaves	Ovate
71	745290	Polygalaceae	Bredemeyera brevifolia (Benth.) A.W. Benn.	2,633	1,686	26	41 20 W	10 20 S	06/03/1974	Compound leaves	Elliptic
72	745604	Rubiaceae	Alseis floribunda Schott	7,426	1,947	8	39 20 W	10 27 S	20/02/1974	Simple leaves	Ovate-oblong
73	748895	Rubiaceae	Alibertia edulis (Rich.) A. Rich.	14,364	10,244	7	41 50 W	13 28 S	19/01/1974	Simple leaves	Lanceolate-oblong
74	786079	Lamiaceae	Amasonia campestris (Aubl.) Moldenke	27,104	6,774	5	41 47 W	12 13 S	23/02/1971	Simple leaves	Oblanceolate
75	787569	Lamiaceae	Aegiphila pernambucensis Moldenke	7,987	6,790	7	41 50 W	13 39 S	13/12/1984	Simple leaves	Ovate
76	827750	Myrtaceae	Campomanesia eugenioides (Cambess.) D. Legrand	1,074	0,232	30	40 58 W	13 33 S	27/04/1978	Simple leaves	Elliptic
77	271770	Erythroxylaceae	Erythroxylum simonis Plowman	8,121	3,639	15	35 42 15 W	6 58 12 S	28/11/1980	Simple leaves	Elliptic

78	297987	Asteraceae	Dissothrix imbricata (Gardner) B.L. Rob	3,155	1,361	5	42 8 W	7 1 S	05/1839	Simple leaves	Ovate- lanceolate
79	425678	Fabaceae	Diptychandra aurantiaca Tul.	1,766	0,553	17	42 19 W	13 52 S	28/10/1993	Compound leaves	Ovate (Paripinnate)
80	427207	Fabaceae	Dimorphandra gardneriana Tul.	2,609	0,233	39	41 40 W	6 30 S	09/01/1985	Compound leaves	Ovate (Bipinnate)
81	451231	Fabaceae	Enterolobium timbouva Benth.	0,727	0,016	3	35 42 W	6 58 S	01/12/1980	Compound leaves	Falcate-oblong (Bipinnate)
82	452779	Euphorbiaceae	Croton campestris A. St.-Hil.	8,399	2,765	12	41 27 W	12 27 S	22/05/1980	Simple leaves	Lanceolate-liner
83	463636	Fabaceae	Crotalaria holosericea Nees & C. Mart.	1,412	0,432	9	41 49 W	13 35 S	15/01/1974	Compound leaves	Lanceolate (Trifoliolate)
84	465230	Fabaceae	Crotalaria vitellina Ker Gawl	5,964	1,874	11	35 42 W	6 58 S	08/06/1979	Compound leaves	Lanceolate (Trifoliolate)
85	473283	Fabaceae	Dalbergia cearensis Ducke	1,931	0,660	33	41 20 W	7 25 S	08/01/1985	Compound leaves	Ovate (Bipinnate, imparipinnate)
86	473519	Fabaceae	Dalbergia catingicola Harms	12,053	8,332	13	40 33 27 W	8 6 42 S	14/10/1995	Compound leaves	Oblong-elliptic (Imparipinnate)
87	497036	Fabaceae*	Chloroleucon dumosum (Benth.) G.P. Lewis	1,030	0,343	14	38 13 W	6 8 S	14/05/1984	Compound leaves	Oblong (Bipinnate, paripinnate)
88	497101	Fabaceae	Dioclea violacea Mart.ex Benth.	31,526	9,480	3	41 17 W	10 36 S	13/04/1999	Compound leaves	Orbicular (Trifoliolate)
89	501357	Fabaceae	Dioclea sclerocarpa Ducke	22,026	22,026	3	42 48 W	5 5 S	25/08/1995	Compound leaves	Obovate (Trifoliolate)
90	501663	Fabaceae	Desmodium glabrum (Mill.) DC.	6,410	3,299	7	13 38 W	41 51 S	16/04/1991	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
91	505946	Fabaceae	Cratylia mollis Mart. ex Benth.	9,068	6,150	10	42 0 W	9 0 S	23/01/1982	Compound leaves	Ovate (Trifoliate)
92	505978	Fabaceae	Dioclea grandiflora Mart.ex Benth.	37,842	4,926	3	42 0 W	9 0 S	24/01/1982	Compound leaves	Ovate (Trifoliate)
93	523587	Lamiaceae	Eplingiella fruticosa (Salzm.ex Benth.) Harley & J.F.B. Pastore	0,860	0,086	10	37 10 W	8 37 S	16/09/1994	Simple leaves	Ovate
94	540923	Euphorbiaceae	Ditaxis malpighiacea (Ule) Pax & K. Hoffm.	2,763	1,164	24	41 48 53 W	13 36 56 S	02/02/2004	Simple leaves	Oblong
95	546534	Bignoniaceae	Cuspidaria argentea (Wawra) Sandwith	6,073	2,247	5	39 34 W	10 47 S	22/02/1974	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
96	556426	Euphorbiaceae	Dalechampia scandens L.	16,418	7,276	2	40 10 W	10 23 S	27/02/1974	Simple leaves	Lanceolate (Trilobate)
97	562788	Bignoniaceae	Dolichandra quadrivalvis (Jacq.) L.G. Lohmann	20,058	1,533	3	45 1 W	11 31 S	13/10/1994	Compound leaves	Orbicular (Bifoliolate)
98	572429	Fabaceae	Erythrina velutina Willd.	26,701	5,176	3	43 36 59 W	16 33 50 S	06/07/2001	Compound leaves	Deltoid (Trifoliolate)
99	576971	Euphorbiaceae	Dalechampia pernambucensis Baill.	13,132	1,595	2	40 7 15 W	6 36 1 S	29/04/2004	Simple leaves	Trilobate
100	579096	Apocynaceae	Ditassa oxyphylla Turcz.	1,134	0,317	6	39 52 W	12 54 S	06/03/1977	Simple leaves	Lanceolate
101	581019	Euphorbiaceae	Dalechampia brasiliensis Lam.	4,694	1,624	4	39 51 9 W	12 52 17 S	13/03/2005	Simple leaves	Trilobate
102	606321	Asteraceae	Cyrtocymura harleyi (H. Rob.) H. Rob.	9,068	6,150	10	41 0 4 W	11 37 41 S	03/02/2008	Simple leaves	Ovate
103	606427	Apocynaceae	Cynanchum roulinioides (E. Fourn.) Rapini	4,703	1,028	5	41 52 W	13 18 S	04/06/1994	Simple leaves	Cordate,cordiform

104	638999	Combretaceae	Combretum mellifluum Eichler	25,346	7,496	3	42 29 W	14 9 S	11/04/1980	Simple leaves	Sublanceolate
105	639056	Combretaceae	Combretum monetaria Mart.	3,080	0,849	10	41 23 W	10 16 S	07/03/1974	Simple leaves	Sublanceolate
106	644397	Lythraceae	Cuphea circaeoides Sm. ex Sims	6,745	1,671	6	41 45 54 W	13 37 13 S	07/02/2004	Simple leaves	Ovate
107	644419	Lythraceae	Cuphea campestres Koehne	1,020	0,367	4	43 10 W	9 15 S	15/02/1972	Simple leaves	Oblong- lanceolate
108	663994	Lythraceae*	Cuphea impatientifolia A.St.-Hil.	3,885	2,522	6	38 8 9 W	7 53 57 S	02/04/2001	Simple leaves	Ovate
109	736767	Asteraceae	Dasyphyllum sprengelianum (Gardner) Cabrera	1,745	0,520	9	41 49 W	13 19 S	04/07/1994	Simple leaves	Elliptic
110	765275	Rubiaceae	Declieuxia fruticosa (Willd. ex Roem. & Schult.) Kuntze	1,149	0,410	30	41 46 W	13 23 S	24/01/1994	Simple leaves	Elliptic
111	766387	Rubiaceae	Emmeorhiza umbellata (Spreng.) K. Schum.	4,826	1,426	8	35 49 W	8 12 S	05/10/1995	Simple leaves	Lanceolate
112	440452	Fabaceae	Calliandra leptopoda Benth.	1,811	0,717	19	41 47 W	13 48 S	26/03/1991	Compound leaves	Obovate (Pinnate)
113	506535	Fabaceae	Centrosema arenarium Benth.	19,312	1,806	3	35 42 W	6 58 S	06/11/1980	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
114	540856	Euphorbiaceae	Cnidoscolus urnigerus (Pax) Pax	29,395	-	1	41 57 W	13 32 S	02/01/2000	Simple leaves	5-Palmatilobate
115	560034	Apocynaceae	Aspidosperma multiflorum A. DC.	5,589	1,814	3	40 7 15 W	6 36 1 S	25/01/2005	Simple leaves	Elliptic
116	576983	Euphorbiaceae	Dalechampia fernandesii G.L. Webster	12,114	1,359	3	40 7 15 W	6 36 1 S	09/09/2004	Simple leaves	Trilobate
117	635369	Vochysiaceae	Callisthene fasciculata Mart.	36,258	8,877	3	43 13 W	13 9 S	17/04/1980	Simple leaves	Obovate-suborbiculate
118	126794	Fabaceae	Martiodendron mediterraneum (Mart. ex Benth.) R.C. Koeppen	7,886	3,287	10	42 8 W	7 1 S	03/1839	Compound leaves	Oblong (Pinnate)
119	406228	Fabaceae	Copaifera coriacea Mart.	2,956	1,128	63	43 32 14 W	9 14 42 S	17/06/2007	Compound leaves	Elliptic (Paripennate)
120	226896	Melastomataceae	Tibouchina lithophila Wurdack	2,576	1,100	21	39 52 W	12 54 S	06/03/1977	Simple leaves	Oblong lanceolate
121	407105	Fabaceae	Peltogyne pauciflora Benth	11,868	5,706	5	40 12 W	12 42 S	17/12/1981	Compound leaves	Elliptic (Bifoliate)
122	409954	Fabaceae	Pterogyne nitens Tul.	7,433	1,105	23	41 45 W	13 35 S	06/01/1994	Compound leaves	Oblong (Bipinnate)
123	412638	Fabaceae	Rhynchosia minima (L.) DC.	2,384	0,844	14	36 0 W	8 30 S	01/12/1994	Compound leaves	Rhomboid (Trifoliolate)
124	417411	Fabaceae	Senna macranthera (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby	3,545	1,3901	11	38 58 W	11 25 S	19/07/1962	Compound leaves	Elliptic (Paripennate)
125	418409	Fabaceae	Poeppigia procera C. Presl	0,834	0,105	20	41 40 W	13 14 S	28/12/1991	Compound leaves	Oblong (Paripinnate)
126	418977	Fabaceae	Senna rizzinii H.S. Irwin & Barneby	1,865	4,473	29	41 16 W	10 27 S	05/03/1974	Compound leaves	Elliptic (Tetrafoliate)
127	420376	Fabaceae	Senna splendida (Vogel) H.S. Irwin & Barneby	6,328	3,809	19	37 10 W	8 37 S	18/05/1995	Compound leaves	Lanceolate (Paripinnate)
128	420950	Fabaceae	Senna georgica H.S. Irwin & Barneby	37,281	-	1	35 42 W	6 58 S	02/10/1980	Compound leaves	Ovate (Tetrafoliate)
129	422152	Fabaceae	Senna lechriosperma H.S. Irwin & Barneby	7,485	4,088	8	44 17 W	9 0 S	20/06/1983	Compound leaves	Obovate (Paripinnate)

130	422383	Fabaceae	Senna occidentalis (L.) Link	4,940	2,823	15	35 42 W	6 58 S	07/01/1981	Compound leaves	Lanceolate (Paripinnate)
131	422591	Fabaceae	Senna rugosa (G. Don) H.S. Irwin & Barneby	8,611	2,832	20	39 29 W	7 14 S	30/07/1997	Compound leaves	Oblong- obovate (Paripinnate, bipinnate)
132	423452	Fabaceae	Senna martiana (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	2,410	1,049	16	42 30 W	9 14 S	22/06/1983	Compound leaves	Oblong (Paripinnate)
133	424387	Fabaceae	Senna acuruensis (Benth.) H.S. Irwin & Barneby	2,016	0,509	22	41 40 W	13 16 S	22/09/1992	Compound leaves	Elliptic (Paripennate)
134	425112	Fabaceae	Senna trachypus (Mart. ex Benth.) H.S. Irwin & Barneby	0,995	0,203	102	41 33 W	5 19 S	13/06/1995	Compound leaves	Obovate (Paripinnate)
135	425290	Fabaceae	Senna aversiflora (Herb.) H.S.Irwin & Barneby	0,947	0,122	6	35 49 W	8 12 S	11/10/1995	Compound leaves	Obovate (Paripinnate)
136	425291	Fabaceae	Senna spectabilis (DC.) H.S.Irwin & Barneby	3,844	1,730	24	42 54 50 W	9 35 38 S	02/03/2000	Compound leaves	Oblong (Paripinnate)
137	426516	Fabaceae	Peltophorum dubium (Spreng.) Taub.	0,909	0,140	2	41 47 W	13 48 S	21/03/1991	Compound leaves	Oblong (Bipinnate)
138	430959	Fabaceae	Parapiptadenia zehntneri (Harms) M.P.Lima & H.C.Lima	0,956	0,119	25	38 34 15 W	8 36 0 S	17/09/1995	Compound leaves	Oblong (Bifoliolate)
139	452953	Fabaceae	Trischidium molle (Benth.) H.E. Ireland	5,280	1,727	20	38 42 W	10 55 S	16/06/1994	Compound leaves	Elliptic
140	457436	Fabaceae	Pterodon abruptus (Moric.) Benth.	1,043	0,222	60	41 20 W	7 25 S	08/01/1985	Compound leaves	Widely ovate
141	467346	Fabaceae	Zornia brasiliensis Vogel	0,975	0,211	13	42 13 W	13 33 S	30/11/1988	Compound leaves	Obovate (Tetrafoliolate)
142	467938	Fabaceae	Zornia latifolia Sm.	1,029	0,178	12	41 21 W	12 59 S	25/01/1980	Compound leaves	Oblong
143	485185	Verbenaceae	Stachytarpheta coccinea Schauer	4,651	0,187	4	40 23 W	13 25 S	24/01/1965	Simple leaves	Ovate
144	499405	Cactaceae	Pereskia bahiensis Gürke	0,867	0,091	6	41 49 W	13 45 S	23/11/1988	Simple leaves	Elliptic
145	501633	Fabaceae	Sesbania exasperata Kunth	0,880	0,134	12	39 5 W	12 32 S	ago/80	Compound leaves	Narrow-oblong (paripinnate)
146	502530	Ulmaceae	Trema micrantha (L.) Blume	25,422	2,654	8	41 9 58 W	12 46 17 S	02/03/2003	Simple leaves	Lanceolate
147	506267	Asteraceae	Praxelis clematidea (Griseb.) R.M.King & H.Rob.	5,759	1,284	4	39 52 W	12 54 S	06/03/1977	Simple leaves	Ovate
148	514219	Fabaceae	Tephrosia purpurea (L.) Pers.	1,053	0,238	41	38 19 W	10 23 S	18/12/1993	Compoud leaves	Obovate (Imparipinnate)
149	525403	Euphorbiaceae	Romanoa tamnoides (A.Juss.) Radcl.-Sm.	14,367	3,905	4	42 44 W	11 7 S	25/02/1977	Simple leaves	Cordate,cordiform
150	526356	Euphorbiaceae	Sapium obovatum Klotzsch ex Müll.Arg.	12,169	2,585	5	41 57 W	13 33 S	20/03/1977	Simple leaves	Obovate
151	531566	Apocynaceae	Temnadenia violacea (Vell.) Miers	12,909	5,358	7	41 47 W	13 36 S	25/12/1988	Simple leaves	Elliptic
152	535656	Fabaceae	Muellera obtusa Benth.) M.J. Silva & A.M.G. Azevedo	2,804	1,072	54	41 45 25 W	13 37 38 S	03/02/2004	Compound leaves	Ovate (Imparipinnate)
153	536577	Apocynaceae	Skytanthus hancorniifolius (A.DC.) Miers	3,144	1,034	26	39 2 46 W	12 15 16 S	07/12/1992	Simple leaves	Oblong
154	542033	Euphorbiaceae	Stillingia trapezoidea Ule	2,797	0,872	5	41 20 35 W	10 29 31 S	08/03/1997	Simple leaves	Rhomboid (Trifoliolate)

155	542045	Euphorbiaceae	Stillingia uleana Pax ex K.Hoffm.	4,952	1,520	7	41 55 W	13 15 N	24/02/1992	Simple leaves	Oblanceolate
156	545839	Malvaceae	Sidastrum micranthum (A.St.-Hil.) Fryxell	11,116	11,290	6	41 26 W	12 28 S	27/05/1980	Simple leaves	Cordate,cordiform
157	555099	Asteraceae	Wedelia villosa Gardner	22,417	7,318	3	39 23 W	7 14 S	09/1838	Simple leaves	Ovate
158	555820	Bignoniaceae	Neojobertia candolleana (Mart. ex DC.) Bureau & K.Schum.	3,569	1,504	37	41 45 W	13 37 S	25/12/1988	Simple leaves	Ovate (Imparipinnate)
159	559787	Bignoniaceae	Pyrostegia venusta (Ker Gawl.) Miers	13,604	0,088	2	41 28 20 W	12 27 0 S	30/08/1994	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
160	569001	Bignoniaceae	Tanaecium cyrtanthum (Mart. ex DC.) Bureau & K.Schum.	12,988	5,764	3	40 7 15 W	6 36 1 S	05/11/2003	Compound leaves	Subovade
161	571362	Fabaceae	Periandra coccinea (Schrad.) Benth	12,413	5,612	12	41 22 57 W	12 35 10 S	13/09/1992	Compound leaves	Ovate (Trifoliolate)
162	574671	Apocynaceae	Secondatia floribunda A.DC	3,065	0,910	6	41 45 26 W	13 14 46 S	09/11/1996	Simple leaves	Widely elliptic
163	575626	Bignoniaceae	Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S.Moore	47,474	5,089	3	42 26 W	13 48 S	07/08/1993	Compound leaves	Oblong (Hand)
164	577683	Apocynaceae	Rauvolfia ligustrina Willd.	5,87	2,26	13	35 W	7 57 S	12/07/1990	Simple leaves	Ovate
165	585319	Solanaceae	Solanum rhytidoandrum Sendtn.	8,504	2,961	3	35 42 15 W	6 58 12 S	20/12/1980	Simple leaves	Elliptic
166	589419	Apocynaceae	Petalostelma dardanoi Fontella	6,039	3,701	8	35 52 W	7 46 S	27/07/1990	Simple leaves	Elliptic
167	592860	Apocynaceae	Prestonia bahiensis Müll.Arg.	19,062	3,153	6	41 47 W	13 23 S	12/05/1994	Simple leaves	Ovate
168	601677	Apocynaceae	Schubertia multiflora Mart.	50,400	6,093	4	41 49 W	13 16 S	24/02/1992	Simple leaves	Obovate
169	613702	Loganiaceae	Strychnos rubiginosa A.DC.	4,709	1,334	13	41 21 10 W	9 32 10 S	29/11/2003	Simple leaves	Widely-elliptic
170	618645	Solanaceae	Nicotiana glauca Graham	3,484	1,238	6	35 52 W	7 46 S	30/06/1990	Simple leaves	Elliptic
171	728099	Asteraceae	Trixis vauthieri DC.	7,482	0,231	2	41 24 W	12 57 S	15/07/1996	Simple leaves	Elliptic-oblanceolate
172	733166	Asteraceae	Verbesina macrophylla (Cass.) S.F.Blake	136,466	-	1	41 16 W	12 30 S	11/09/1992	Simple leaves	Elliptic
173	735367	Asteraceae	Tilesia baccata (L.f.) Pruski	25,763	11,874	4	42 33 W	12 39 S	04/02/1999	Simple leaves	Ovate
174	735560	Asteraceae	Wedelia hookeriana Gardner	6,067	2,082	7	41 0 W	11 21 S	01/07/1996	Simple leaves	Ovate
175	735999	Asteraceae	Simsia dombeyana DC.	12,704	5,873	5	44 25 W	13 40 S	24/04/1980	Simple leaves	Deltoid
176	740616	Asteraceae	Trichogonia salviifolia Gardner	14,208	2,573	5	41 1 W	11 39 S	04/03/1977	Simple leaves	Narrow-triangulated
177	745342	Polygalaceae	Securidaca diversifolia (L.) S.F.Blake	15,703	3,240	7	39 28 W	12 51 S	12/03/1993	Simple leaves	widely ovate
178	751595	Rubiaceae	Tocoyena formosa (Cham. & Schltdl.) K.Schum	14,166	4,003	6	41 48 W	13 18 S	30/12/1991	Simple leaves	Elliptic
179	787701	Lamiaceae	Vitex polygama Cham.	22,837	6,254	6	35 49 W	8 12 S	08/02/1996	Simple leaves	Elliptic
180	805982	Passifloraceae	Passiflora foetida L.	3,841	0,412	6	39 41 W	9 40 S	12/08/1983	Simple leaves	Ovate (Trilobed)
181	816187	Passifloraceae	Passiflora cincinnata Mast.	9,919	1,608	2	41 47 W	13 33 S	18/01/1972	Simple leaves	Palmatipartite (Oblong)
182	816193	Passifloraceae	Passiflora luetzelburgui Harms	3,678	0,602	6	41 5 W	11 25 S	18/11/1986	Simple leaves	Ovate

183	818978	Myrtaceae	Psidium guineense Sw.	34,435	7,728	5	41 36 W	12 50 S	07/09/1981	Simple leaves	Elliptic
184	826643	Myrtaceae	Psidium appendiculatum Kiaersk	7,654	3,439	11	41 48 W	13 18 S	30/03/1992	Simple leaves	Oblancolate
185	826675	Myrtaceae	Psidium schenckianum Kiaersk	4,996	2,429	5	40 25 w	13 25 S	07/03/1983	Simple leaves	Large-eliptical
186	903022	Solanaceae	Solanum asperum Vahl	29,584	11,906	5	35 42 0 E	6 58 0 S	1980	Simple leaves	Lanceolate
187	903532	Solanaceae	Solanum crinitum Lam.	192,247	-	1	41 22 0 W	12 33 0 S	21/05/1980	Simple leaves	Ovate
188	904411	Solanaceae	Solanum paludosum Moric.	11,995	5,153	8	35 42 15 E	6 58 0 S	1981	Simple leaves	Ovate
189	904424	Solanaceae	Solanum paniculatum L.	70,156	1,88	2	39 40 0 W	7 8 0 S	27/02/1972	Simple leaves	Ovate
190	907129	Solanaceae	Solanum thomasiifolium Sendtn.	28,873	22,436	2	41 51 W	13 38 S	28/03/1991	Simple leaves	Ovate
191	907279	Solanaceae	Solanum stipulaceum oem. & Schult.	10,384	4,292	6	41 45 0 W	13 35 0 S	25/03/1977	Simple leaves	Elliptic
192	423014	Fabaceae	Apuleia leiocarpa (Vogel) J.F. Macbr.	3,592	1,733	22	42 19 W	13 52 S	28/10/1993	Compound leaves	Ovate

Conclusão

Este trabalho utiliza aspectos da biogeografia espacial e funcional para descrever e explicar a distribuição de características funcionais de sementes e folhas das espécies lenhosas da Caatinga. Nós exploramos a relação das condições climáticas e edáficas na distribuição do pesos das sementes na Caatinga através da combinação de um conjunto de dados abertos e inéditos aliados a uma análise estatística robusta. Assim, verificamos que característica funcional (peso das sementes) está diretamente relacionada a compactação do solo.Em nossas análises a temperatura, mais que a precipitação, exerce forte influência sobre a compactação do solo e indiretamente sobre o peso das sementes na Caatinga. Os padrões investigados no presente estudo indicam que a distribuição espacial do peso das sementes ocorrem nas sub-regiões sertão e agreste da Caatinga devido a maior frequência das coletas botânicas.Entretanto, esses resultados nos permite identificar o padrão de uma maior proporção de sementes maiores em ambientes ensolarados, mais secos e quentes.

Nós consideramos que a relevante conclusão alcançada nessa pesquisa é que a compactação do solo é a principal causa das diferenças no peso das sementes e que os fatores ambientais afetam indiretamente o peso das semente através da compactação do solo. Nossa principal contribuição é auxiliar na compreensão dos fatores que determinam as pressões seletivas sobre os principais traços funcionais, principalmente sobre o tamanho das sementes que permanecem sobre a superfície do solo; e melhorar significativamente o entendimento sobre os mecanismos que envolvem as interações planta-solo. Compreendemos também que ampla abordagem biogeográfica e sem precedentes sobre peso de sementes das espécies lenhosas da Caatinga poderá ter utilidades práticas nas ações de conservação na região. Sementes e mudas das espécies da Caatinga tornam-se mais vulneráveis aos estresses abióticos causados pela redução da precipitação e aumento da temperatura provocados pelas mudanças climáticas globais e as informações geradas na presente pesquisa podem facilitar o desenvolvimento de modelos climáticos de vegetação que auxiliam na recuperação das áreas degradadas e nos serviços ambientais.

Nós investigamos os efeitos diretos e indiretos das propriedades físico-químicas do solo e do pH sobre a área foliar das espécies lenhosas da Caatinga. Em nosso modelo, a aridez influencia o pH do solo e a troca de cátions afeta o tamanho das folhas. Verificamos que as propriedades edáficas exercem influência direta sobre o padrão de distribuição do tamanho das sementes. Por outro lado, diferente do esperado inicialmente não encontramos fortes relações entre as variáveis ambientais, isto é; temperatura e precipitação sobre o tamanho das folhas, o que pode ser explicado pela irregularidade da distribuição desses fenômenos na região. Nossa abordagem macrogeográfica permitiu identificar alguns padrões nas ecorregiões da Caatinga, como as classes de tamanho de folhas amplamente distribuída nas quatro ecorregiões. Nossos resultados nos leva a concluir que apesar do recorte no número das espécies, que está mais ligada à limitação prática de obtenção de dados do que a falha, mas que ainda assim nos fornece indícios de um padrão ecológico para as espécies lenhosas da Caatinga como a evidência do efeito direto e indireto da aridez e das propriedades do solo no tamanho das folhas. Entendemos que o nosso conjunto de dados pode ser o principal indicador do estado atual do conhecimento da distribuição do tamanho de folhas no nível macroecológico para a Caatinga juntamente com um conjunto de dados topográficos. Por fim, essa abordagem pode ajudar a entender como as plantas da Caatinga respondem a ameaças como a desertificação e o desmatamento que inviabiliza a agricultura e põem em risco a biodiversidade.

Finalmente, o presente trabalho pode ser considerado o marco inicial com enfoque biogeográfico envolvendo a biota Caatinga, até então intensamente investigados nas florestas tropicais úmidas, apesar da nossa pesquisa não concluir ou esgotar o tema, mas esperamos que os resultados obtidos na primeira etapa da pesquisa (capítulo2) e complementado na segunda etapa (capítulo 3) abram caminhos para novas pesquisa e conservação da Caatinga.

Referências

AARSSEN, L. W. Reducing size to increase number: a hypothesis for compound leaves. **Ideas in Ecology and Evolution**, v. 5, p. 1–5, 2012.

AARSSEN, L. W.; JORDAN, C. Y. Between-species patterns of covariation in plant size, seed size, and fecundity in monocarpic herbs. **Ecoscience**, v. 8, n. 4, p. 471–477, 2001.

AB´SÁBER, A. N. O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras. **Geomorfologia**, v. 43, n. 1, p. 1–39, 1974.

ACOSTA SALVATIERRA, L. H. et al. Protected areas buffer the Brazilian semi-arid biome from climate change. **Biotropica**, v. 49, n. 5, p. 753–760, 2017.

ALBUQUERQUE, U. P. et al. People and Natural Resources in the Caatinga. In: SILVA, J. M. C. DA; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. (Eds.). **The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. Springer, 2017. p. 303–333.

AMORIM, V. O.; BAUTISTA, H. P. Asteraceae da Ecorregião Raso da Catarina, Bahia, Brasil. **Rodriguesia**, v. 67, n. 3, p. 785–794, 2016.

ANDRADE, J. F. et al. Rainfall reduction increases insect herbivory in tropical herb communities. **Journal of Vegetation Science**, v. 31, n. 3, p. 487–496, 2020.

ARAÚJO FILHO, R. N. DE et al. Recovery of carbon stocks in deforested caatinga dry forest soils requires at least 60 years. **Forest Ecology and Management**, v. 407, n. September, p. 210–220, 2018.

ARAÚJO FILHO, J. A.; LEITE, E. R.; SILVA, N. L. Contribution of woody species to the diet composition of goat and sheep in Caatinga vegetation. **Pastures Tropicales - Embrapa Caprinos e Ovinos-Nota Técnica/Nota Científica (ALICE)**, v. 20, n. 2, p. 41–45, 1998.

ATWELL, B. J. Response of roots to mechanical impedance. **Environmental and Experimental Botany**, v. 33, n. 1, p. 22–40, 1993.

BACHA, H. et al. Impact of salt stress on morpho-physiological and biochemical parameters of Solanum lycopersicum cv. Microtom leaves. **South African Journal of Botany**, v. 108, p. 364–369, 2017.

BAKER, H. G. Seed Weight in Relation to Environmental Conditions in California. **Ecological Society of America**, v. 53, n. 6, p. 997–1010, 1972.

BARGA, S.; DILTS, T. E.; LEGER, E. A. Climate variability affects the germination strategies exhibited by arid land plants. **Oecologia**, v. 185, n. 3, p. 437–452, 2017.

BARKER, D. J.; CARADUS, J. R. Adaptation of forage species to drought. **Proceedings of the XIX International Grassland Congress**, v. 19, n. January 2001, p. 241–246, 2001.

BARRERE, J. et al. The cost of deer to trees: Changes in resource allocation from growth-related traits and phenolic content to structural defence. **Plant Ecology and Evolution**, v. 152, n. 3, p. 417–425, 2019.

BASSETT, I. E.; SIMCOCK, R. C.; MITCHELL, N. D. Consequences of soil compaction for seedling establishment : Implications for natural regeneration and restoration. **Austral Ecology**, v. 30, n. 8, p. 827–833, 2005.

BAUMAN, D. et al. Disentangling good from bad practices in the selection of spatial or phylogenetic eigenvectors. **Ecography**, v. 41, n. 10, p. 1638–1649, 2018.

BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. **Ecologia: de indivíduos a Ecossistemas**. 4ª Edição ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BERGHOLZ, K. et al. Fertilization affects the establishment ability of species differing in seed mass via direct nutrient addition and indirect competition effects.**Oikos**, v. 124, n. 11, p. 1547–1554, 2015.

BLACKIE, R. et al. Tropical dry forests: The state of global knowledge and recommendations for future research. **Center for International Forestry Research, CIFOR,Jawa Barat**, v. 2, p. 1–32, 2014.

BOCHET, E. The fate of seeds in the soil: A review of the influence of overland flow on seed removal and its consequences for the vegetation of arid and semiarid patchy ecosystems. **Soil**, v. 1, n. 1, p. 131–146, 2015.

BONFIL, C. The efffects of Seed Size , Cotyledon Reserves , and Herbivory on Seedling Survival and Growth in Quercus Rugosa and Q. Laurina (Fagaceae). **American Journal of Botany**, v. 85, n. 1, p. 79–87, 1998.

BORCHERT, R. Soil and stem water storage determine phenology and distribution of tropical dry forest trees. **Ecology**, v. 75, n. 5, p. 1437–1449, 1994.

BORGES, J. F. et al. Drought responses, phenotypic plasticity and survival of Mediterranean species in two different microclimatic sites. **International Journal of Laboratory Hematology**, v. 38, n. 1, p. 42–49, 2016.

BOYLE, B. et al. The taxonomic name resolution service: an online tool for automated standardization of plant names. **BMC Bioinformatics**, v. 14, n. 1, p. 1471–2105, 2013.

BRAZILIAN FLORA GROUP. Growing knowledge: An overview of Seed Plant diversity in Brazil. **Rodriguesia**, v. 66, n. 4, p. 1085–1113, 2015.

BUCHER, E. H. Chaco and Caatinga — South American Arid Savannas, Woodlands and Thickets. In: **Ecology of Tropical Savannas**. Berlin, Heidelberg.: Springer, 1982. p. 48–79.

BUSTAMANTE, M. M. .; METZGER, J. P. Tendências e impactos dos vetores de degradação da biodiversidade e dos serviços ecossitêmicos. In: **Embrapa Solos-Capítulo em livro científico (ALICE).** [s.l.] JOLY, C. A.; SCARANO, F. R.; SEIXAS, C. S.; METZGER, J. P.; OMETTO, J. P.; BUSTAMANTE, M. M. C.; PADGURSCHI, M. C. G.; PIRES, A. P. F.; CASTRO, P. F. D.; GADDA, T.; TOLEDO, P. (Ed.). 1° Diagnóstico brasileiro de biodiversidade e serviços ecossistêmicos. S, 2019.

CALATAYUD, J. et al. Glaciations, deciduous forests, water availability and current geographical patterns in the diversity of European Carabus species. **Journal of Biogeography**, v. 43, n. 12, p. 2343–2353, 2016.

CARDOSO, D. B. O. S.; QUEIROZ, L. P. Floristic composition of Seasonally Dry Tropical Forest fragments in central Bahia, northeastern Brazil. **Journal of the Botanical Research Institute of Texas**, v. 2, n. 1, p. 551–573, 2008.

CARNEIRO-TORRES, D. S. et al. Three new species of Croton (Euphorbiaceae s.s.) from the Brazilian Caatinga. **Brittonia**, v. 63, n. 1, p. 122–132, 2011.

CARVALHO, G. **Tools for Interacting with the Brazilian Flora 2020**R package version 0.2.8.https://CRAN.R-project.org/package=flora, 2017.

CECCON, E.; HUANTE, P.; RINCÓN, E. Abiotic factors influencing tropical dry forests regeneration. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, v. 49, n. 2, p. 305–312, 2006.

CHAMBERLAIN, M. S. **Package 'rgbif 'Computer program.**, 2016.

CHAMBERS, J. C.; MACMAHON, J. A. A Day in the Life of a Seed : Movements and Fates of Seeds and Their Implications for Natural and Managed Systems. **Annual review of ecology and systematics**, v. 25, n. 1, p. 263–292, 1994.

CHAMPAGNE, C.; SINHA, N. Compound leaves: Equal to the sum of their parts? **Development**, v. 131, n. 18, p. 4401–4412, 2004.

CHAPIN III, F. S.; AUTUMN, K.; PUGNAIRE, F. Evolution of suites of traits in response to environmental stress. **The American Naturalist**, v. 142, p. 78–92, 1993.

CHATURVEDI, R. .; RAGHUBANSHI, A. S. Phenotypic Plasticity in functional traits of woody species in tropical dry forest. In: VALENTINO, J. B.; HARRELSON, P. C. (Eds.). . **Phenotypic Plasticity: Molecular Mechanisms, Evolutionary Significance and Impact on Speciation**. Inc. 400 Oser Avenue, Suite 1600, Hauppauge, NY 11788 USA.: Nova Science Publishers, 2013. p. 35–66.

CHIDUMAYO, E.; MARUNDA, C. Dry forests and woodlands in sub-Saharan Africa: Context and challenges. In: CHIDUMAYO, E. N.; GUMBO, D. J. (Eds.).**The Dry Forests and Woodlands of Africa: Managing for Products and Services**. London,Washington, DC: [s.n.]. p. 231-259,2010.

COLLI-SILVA, M.; VASCONCELOS, T. N. C.; PIRANI, J. R. Outstanding plant endemism levels strongly support the recognition of campo rupestre provinces in mountaintops of eastern South America. **Journal of Biogeography**, v. 46, n. 8, p. 1723–1733, 2019.

COLOMBI, T. et al. Artificial macropores attract crop roots and enhance plant productivity on compacted soils. **Science of the Total Environment**, v. 574, n. Root-soil interactions,Soil compaction,Soil functions,Soil physical fertility,X-ray computed tomography, p. 1283–1293, 2016.

CORNWELL, W. K.; ACKERLY, D. D. Community assembly and shifts in the distribution of functional trait values across an environmental gradient in coastal California. **Ecological Monographs**, v. in press, n. 1, p. 109–126, 2008.

CORNWELL, W. K.; ACKERLY, D. D. Community Assembly and Shifts in Plant Trait Distributions across an Environmental Gradient in Coastal California. **Ecological Monographs**, v. 79, n. 1, p. 109–126, 2009.

CORREIA, R. A. et al. Using ignorance scores to explore biodiversity recording effort for multiple taxa in the Caatinga. **Ecological Indicators**, v. 106, n. June 2019, p. 105539, 2019.

COSTA-SAURA, J. M. et al. Specific leaf area and hydraulic traits explain niche segregation along an aridity gradient in Mediterranean woody species. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, v. 21, p. 23–30, 1 ago. 2016.

COSTA, A. DOS S. et al. Environmental correlates of seed weight of tropical semi-arid woody species. **Plant and Soil**, v. 446, n. 1–2, p. 369–378, 2019.

DA SILVA, K. A. et al. Spatio-temporal variation in a seed bank of a semi-arid region in northeastern Brazil. **Acta Oecologica**, v. 46, p. 25–32, 2012.

DANTAS, B. F. et al. Rainfall, not soil temperature, will limit the seed germination of dry forest species with climate change. **Oecologia**, v. 192, n. 2, p. 529–541, 2019.

DE CASAS, R. R. et al. Global biogeography of seed dormancy is determined by seasonality and seed size: a case study in the legumes. **New Phytologist**, v. 214, n. 4, p. 1527–1536, 2017.

DE QUEIROZ, L. P. The Brazilian Caatinga: phytogeographical patterns inferred from distribution data of the Leguminosae. In: PENNINGTON, R. T.; RATTER, J. A. (Eds.). **In Neotropical Savannas and Seasonally Dry Forests**.The Systematics Association Special Volume, Series 69. Boca Raton:CRC Press, 2006. p.121–157.

DE QUEIROZ, L. P. et al. Diversity and evolution of flowering plants of the Caatinga Domain. In: SILVA, J. M. C. DA; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. (Eds.).**Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**.Cham: Springe, 2017. p. 23–63.

DEBLAUWE, V. et al. Remotely sensed temperature and precipitation data improve species distribution modelling in the tropics. **Global Ecology and Biogeography**, v. 25, n. 4, p. 443–454, 2016.

DEMALACH, N.; KADMON, R. Seed mass diversity along resource gradients: the role of allometric growth rate and size-asymmetric competition.**Ecology**, v. 99, n. 10, p. 2196–2206, 2018.

DENG, L. et al. **Effect of soil moisture and atmospheric humidity on both plant productivity and diversity of native grasslands across the Loess Plateau, ChinaEcological Engineering.** Elsevier B.V.,2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ecoleng.2016.06.048>

DIMICELI, C. et al. **MOD44B MODIS/Terra Vegetation Continuous Fields Yearly L3 Global 250m SIN Grid V006 [Data set].NASA EOSDIS Land Processes DAAC.doi: 10.5067/MODIS/MOD44B.006** [Data set].NASA EOSDIS Land Processes DAAC.doi: 10.5067/MODIS/MOD44B.006, 2015.

DINERSTEIN, E. et al. **A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean**. Washington, D.C. 20433, U.S.A:1995.

DUBUIS, A. et al. Improving the prediction of plant species distribution and community composition by adding edaphic to topo-climatic variables. **Journal of Vegetation Science**, v. 24, n. 4, p. 593–606, 2013.

EMBRAPA-EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Clima**. Disponível em: <https://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/clima.htm>.

FAO. **Food and Agriculture Organization of the UN. 2001. Global Ecological Zoning for the Global Forest Resources Assessment 2000: Final Report. Rome: FAO**.

FERNANDES, M. F.; QUEIROZ, L. P. DE. Vegetação e flora da Caatinga. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 4, p. 51–56, 2018.

FICHTLER, E.; WORBES, M. Wood anatomical variables in tropical trees and their relation to site conditions and individual tree morphology. **IAWA Journal**, v. 33, n. 2, p. 119–140, 2012.

FIGUEIREDO, A. et al. **Alocação de recursos na produção de sementes em Mucuna urens (Leguminosae).** Curso de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade de São Paulo, 2015.

FIGUEIREDO, J. M. et al. Revegetation of degraded caatinga sites. **Journal of Tropical Forest Science**, v. 24, n. 3, p. 332–343, 2012.

FOSTER, S. A. On the Adaptive Value of Large Seeds for Tropical Moist Forest Trees : A Review and Synthesis. **The Botanical Review**, v. 52, n. 3, p. 260–299, 1986.

FREIRE, N. C. F. **Mapeamento e análise espectro-temporal das unidades de conservação de proteção integral da administração federal no bioma caatinga/Spectro-temporal mapping and analysis of integral protection conservation units of federal administration in the caatinga bi**. Recife: [s.n.]. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/gab/asin/ambp.html>.

GALINDO-RODRIGUEZ, C.; ROA-FUENTES, L. L. Seed desiccation tolerance and dispersal in tropical dry forests in Colombia: Implications for ecological restoration. **Forest Ecology and Management**, v. 404, n. August, p. 289–293, 2017.

GARCÍA-CERVIGÓN, A. I. et al. Climate seasonality and tree growth strategies in a tropical dry forest. **Journal of Vegetation Science**, v. 31, n. 2, p. 266–280, 2020.

GARCÍA-ROSELLÓ, E. et al. Can we derive macroecological patterns from primary Global Biodiversity Information Facility data? **Global Ecology and Biogeography**, v. 24, n. 3, p. 335–347, 2015.

GARCIA, L. C.; BARROS, F. V.; LEMOS-FILHO, J. P. Environmental drivers on leaf phenology of ironstone outcrops species under seasonal climate. **Anais da Academia Brasileira de Ciencias**, v. 89, n. 1, p. 131–143, 2017.

GBIF-GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY. **Occurrence**. Disponível em: <https://www.gbif.org/occurrence/search>.

GIBSON, A. C. Photosynthetic Organs of Desert Plants. **BioScience**, v. 48, n. 11, p. 911–920, 1998.

GILLESPIE, T. W.; GRIJALVA, A.; FARRIS, C. N. Diversity, composition, and structure of tropical dry forests in Central America. **Plant Ecology**, v. 147, n. 1, p. 37–47, 2000.

GIONGO, V. et al. Soil organic carbon in the Brazilian semi-arid tropics. **Dyn. Soil Dyn. Plant**, v. 5, p. 12–20, 2011.

GIULIETTI, A. M. et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga. In: SILVA, J. M. C. DA; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T. (Eds.).**Biodiversidade da Caatinga: área e ações prioritárias para a conservação**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília:p. 382.

GIVNISH, T. . On the adaptative significance of coumpond leaves with special reference to tropical trees. In: TOMLINSON, P. .; ZIMMERMAN, M. . (Eds.). . **Tropical trees as living systems.** Cambridge Univ. Press: Cambridge Univ. Press, 1978. p. 351–380.

GIVNISH, T. J. Comparative Studies of Leaf Form : Assessing the Relative Roles of Selective Pressures and Phylogenetic Constraints. **New Phytologist**, v. 106, n. 1, p. 131–160, 1987.

GOEDHART, C. M.; PATAKI, D. E. Do arid species use less water than mesic species in an irrigated common garden? **Urban Ecosystems**, v. 15, n. 1, p. 215–232, 2012.

GOMES, G. et al. Papilionoideae of an Area of Vegetation in Northeast from Brazil. **Asian Journal of Environment & Ecology**, v. 7, n. 1, p. 1–15, 2018.

GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. J. **Morfologia Vegetal.Organografia e Dicionário Ilustrado de Morfologia das Plantas Vasculares**. 2ª ed. [s.l.] São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2011., 2011.

GRIFFITH, D. A.; PERES-NETO, P. R. Spatial modeling in ecology: the flexibilility of eigenfunction spatial analyses. **Ecology**, v. 87, n. 10, p. 2603–2613, 2006a.

GRIFFITH, D. A.; PERES-NETO, P. R. Spatial modeling in ecology: the flexibility of eigenfunction spatial analyses. **Ecology**, v. 87, n. 10, p. 2603–13, 2006b.

GRIME, J. P. et al. A Comparative Study of Germination Characteristics in a Local Flora. **The Journal of Ecology**, v. 69, n. 3, p. 1017, 1981.

GUO, Q. et al. Constraints of seed size on plant distribution and abundance. **Ecology**, v. 81, n. 8, p. 2149–2155, 2000.

HAIG, D. Seed Size and Adaptation. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 4, n. 5, p. 145–146, 1989.

HANLEY, M. E.; UNNA, J. E.; DARVILL, B. Seed size and germination response: A relationship for fire-following plant species exposed to thermal shock. **Oecologia**, v. 134, n. 1, p. 18–22, 2003.

HAWORTH, M.; MCELWAIN, J. Hot, dry, wet, cold or toxic? Revisiting the ecological significance of leaf and cuticular micromorphology. **Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology**, v. 262, n. 1–2, p. 79–90, 2008.

HEILMAN, P. Root Penetration of Douglas-fir Seedlings into Compacted Soil. **Forest Science**, v. 27, n. 4, p. 660–666, 1 dez. 1981.

HENGL, T. et al. SoilGrids250m: Global gridded soil information based on machine learning. **PLoS one**, v. 12, n. 2, p. 1–40, 2017.

HENRY, F. H.; WAYNE, M. R. Effects of seed size on seedling size in Virola surinamensis; a within and between tree analysis. **Oecologia**, v. 53, n. 3, p. 347–351, 1982.

HEREFORD, J. A quantitative survey of local adaptation and fitness trade-offs. **American Naturalist**, v. 173, n. 5, p. 579–588, 2009.

HODKINSON, D. J. et al. Ecological correlates of seed size in the British flora. **Functional Ecology**, v. 12, n. 5, p. 762–766, 1998.

HORTAL, J. et al. Seven Shortfalls that Beset Large-Scale Knowledge of Biodiversity. **Annual Review of Ecology, Evolution, and Systematics**, v. 46, n. October, p. 523–549, 2015.

HORTAL, J.; GARCIA-PEREIRA, P.; GARCÍA-BARROS, E. Butterfly species richness in mainland Portugal: predictive models of geographic distribution patterns. **Ecography**, v. 27, n. 1, p. 60–62, 2004.

IBARRA-MANRÍQUEZ, G.; MARTÍNEZ RAMOS, M.; OYAMA, K. Seedling functional types in a lowland rain forest in Mexico. **American Journal of Botany**, v. 88, n. 1–12, p. 1801–1812, 2001.

IBGE. **[Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]Mapa de clima do Brasil. IBGE, Rio de Janeiro.Mapa de biomas do Brasil: primeira aproximação. Rio de Janeiro: IBGE,** 2002.

IBGE. **[Instituto Brasileiro de Geografia e estatítica]Mapa de biomas do Brasil: primeira aproximação**Rio de Janeiro, 2004.

JAKOBSSON, A.; ERIKSSON, O. A comparative study of seed number, seed size, seedling size and recruitment in grassland plants. **Oikos**, v. 88, n. 3, p. 494–502, 2000.

JAMES, J. J.; SVEJCAR, T. J.; RINELLA, M. J. Demographic processes limiting seedling recruitment in arid grassland restoration. **Journal of Applied Ecology**, v. 48, n. 4, p. 961–969, 2011.

JOLLY, W. .; RUNNING, S. W. Effects of precipitation and soil water potential on drought deciduous phenology in the Kalahari. **Global Change Biology**, v. 10, n. 3, p. 303–308, 2004.

JONES, C. S. et al. Leaf shape evolution in the South African genus Pelargonium l’ hér. (Geraniaceae). **Evolution**, v. 63, n. 2, p. 479–497, 2009.

KATABUCHI, M. LeafArea: an R package for rapid digital image analysis of leaf area. **Ecological Research**, v. 30, n. 6, p. 1073–1077, 2015.

KELLY, C. K. Seed size in tropical trees: a comparative study of factors affecting seed size in Peruvian angiosperms. **Oecologia**, v. 102, n. 3, p. 377–388, 1995.

KHURANA, E.; SAGAR, R.; SINGH, J. S. Seed size: a key trait determining species distribution and diversity of dry tropical forest in northern India. **Acta Oecologica**, v. 29, n. 2, p. 196–204, 2006.

KHURANA, E.; SINGH, J. S. Ecology of seed and seedling growth for conservation and restoration of tropical dry forest : A review. **Environmental Conservation**, v. 28, n. 1, p. 39–52, 2001.

KITAJIMA, K.; MULKEY, S. S.; WRIGHT, S. J. Seasonal leaf phenotypes in the canopy photosynthetic characteristics and associated traits. **Oecologia**, v. 109, n. 4, p. 490–498, 1997.

KLEIMAN, D.; AARSSEN, L. W. The leaf size/number trade-off in trees. **Journal of Ecology**, v. 95, n. 2, p. 376–382, 2007.

KOCH, G. et al. Are compound leaves more complex than simple ones? A multi-scale analysis. **Annals of Botany**, v. 122, n. 7, p. 1173–1185, 2018.

KRAFT, T. S. et al. Seed size and the evolution of leaf defences. **Journal of Ecology**, v. 103, n. 4, p. 1057–1068, 2015.

LAUTERBACH, M. et al. Evolution of leaf anatomy in arid environments - A case study in southern African Tetraena and Roepera (Zygophyllaceae). **Molecular Phylogenetics and Evolution**, v. 97, p. 129–144, 2016.

LEBRIJA-TREJOS, E. et al. Species with greater seed mass are more tolerant of conspecific neighbours: a key driver of early survival and future abundances in a tropical forest. **Ecology letters**, v. 19, n. 9, p. 1071–1080, 2016.

LEFCHECK, J. S. PIECEWISE SEM : Piecewise structural equation modelling in R for ecology , evolution , and systematics. **Methods in Ecology and Evolution**, v. 7, n. 5, p. 573–579, 2016.

LEGENDRE, P. Spatial autocorrelation: Trouble or new paradigm? **Ecology**, v. 74, n. 6, p. 1659–1673, 1993.

LEIGH, A. et al. The influence of leaf size and shape on leaf thermal dynamics: does theory hold up under natural conditions? **Plant Cell and Environment**, v. 40, n. 2, p. 237–248, 2017.

LEISHMAN, M. R. et al. The evolutionary ecology of seed size. In: FENNER, M. (Ed.). . **Seeds: the ecology of regeneration in plant communities**. 2. ed. New South Wales, Australia:. p. 31–57.

LEISHMAN, M. R. Does the seed size / number plant An assessment of the model mechanisms and structure ? community their generality. **Oikos**, v. 93, p. 294–302, 2001.

LEITE, P. A. et al. The influence of forest regrowth on soil hydraulic properties and erosion in a semiarid region of Brazil. **Ecohydrology**, v. 11, n. 3, p. 1–12, 2018.

LIMA, B. J.; BOVINI, M. G.; CONCEIÇÃO, A. DE S. Bombacoideae, Byttnerioideae, Grewioideae and Helicterioideae (Malvaceae s.l.) in the Raso da Catarina Ecoregion, Bahia, Brazil. **Biota Neotropica**, v. 19, n. 3, 2019.

LIMA, J. R.; MANSANO, V. F.; ARAÚJO, F. S. Coexistence and geographical distribution of Leguminosae in an area of Atlantic forest in the semi-arid region of Brazil. **Journal of Systematics and Evolution**, v. 50, n. 1, p. 25–35, 2012.

LIU, G. et al. Coordinated variation in leaf and root traits across multiple spatial scales in Chinese semi-arid and arid ecosystems. **New Phytologist**, v. 188, n. 2, p. 543–553, 2010.

LOBO, J. M.; , JOAQUÍN HORTAL, JOSÉ LUÍS YELA, ANDRÉS MILLÁN, D. S.-F.; EMILIO GARCÍA-ROSELLÓ, JACINTO GONZÁLEZ-DACOSTA, JUERGEN HEINEE, LUÍS GONZÁLEZ-VILAS, C. G. KnowBR: An application to map the geographical variation of survey effort and identify well-surveyed areas from biodiversity databases. **Ecological Indicators**, v. 91, n. September 2017, p. 241–248, 2018.

LOPEZ-IGLESIAS, B.; VILLAR, R.; POORTER, L. Functional traits predict drought performance and distribution of mediterranean woody species. **Acta Oecologica**, v. 56, p. 10–18, 2014.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil,vol.1.** 5. ed.Nova Odessa: Editora Editora Plantarum, 2008.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil, vol. 2.**Nova Odessa: Editora Plantarum, 2009.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil,vol.3.** Nova Odessa: Editora Plantarum, 2016.

MAESTRE, F. T. et al. Small-scale Environmental Heterogeneity and Spatiotemporal in a Semiarid Degraded Ecosystem Dynamics of Seedling Establishm. **Ecosystems**, v. 6, n. 7, p. 630–643, 2003.

MAGDALENA, U. R. et al. Geographic review on the specimens of the Caatinga Biome in the Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) herbarium. **Biodiversity Data Journal**, v. 7, p. 1–12, 2019.

MALHADO, A. C. M. et al. Spatial trends in leaf size of amazonian rainforest trees. **Biogeosciences**, v. 6, n. 8, p. 1563–1576, 2009a.

MALHADO, A. C. M. et al. Spatial distribution and functional significance of leaf lamina shape in Amazonian forest trees. **Biogeosciences**, v. 6, n. 8, p. 1577–1590, 2009b.

MALHADO, A. C. M. et al. Are compound leaves an adaptation to seasonal drought or to rapid growth? Evidence from the Amazon rain forest. **Global Ecology and Biogeography**, v. 19, n. 6, p. 852–862, 2010.

MALHADO, A. C. M. et al. Drip-tips are Associated with Intensity of Precipitation in the Amazon Rain Forest. **Biotropica**, v. 44, n. 6, p. 728–737, 2012.

MALHADO, A. C. M. et al. Climatological correlates of seed size in Amazonian forest trees. **Journal of Vegetation Science**, v. 26, n. 5, p. 956–963, 2015a.

MALHADO, A. C. M. et al. Climatological correlates of seed size in Amazonian forest trees. **Journal of Vegetation Science**, v. 26, n. 5, p. 956–963, 2015b.

MAMEDE, M. DE A.; DE ARAÚJO, F. S. Effects of slash and burn practices on a soil seed bank of caatinga vegetation in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v. 72, n. 4, p. 458–470, 2008.

MARKESTEIJN, L. et al. Ecological differentiation in xylem cavitation resistance is associated with stem and leaf structural traits. **Plant, Cell and Environment**, v. 34, n. 1, p. 137–148, 2011.

MARTINS, A. A. et al. Rainfall seasonality predicts the germination behavior of a tropical dry-forest vine. **Ecology and Evolution**, v. 9, n. 9, p. 5196–5205, 2019.

MEDINA, E. Adaptations of tropical trees to moisture stress. **Ecosystems of the World 14B: Tropical Rain Forest Ecosystems**, v. 14, p. 225–237, 1983.

MÉNDEZ-ALONZO, A. R. et al. Coordinated evolution of leaf and stem economics in tropical dry forest trees. **Ecology**, v. 93, n. 11, p. 2397–2406, 2012.

MENG, L. H. et al. The trade-off and altitudinal variations in seed weight-number in sinopodophyllum hexandrum (Royle) ying (berberidaceae) populations from the hengduan mountains. **Polish Journal of Ecology**, v. 62, n. 3, p. 413–419, 2014.

MERINO-MARTÍN, L. et al. Interactions between seed functional traits and burial depth regulate germination and seedling emergence under water stress in species from semi-arid environments. **Journal of Arid Environments**, v. 147, p. 25–33, 2017.

MESQUITA, D. O. et al. Species composition, biogeography, and conservation of the Caatinga lizards. In: SILVA, J. M. C. DA; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. (Eds.). . **Caatinga The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. [s.l.] Springer, Cham, 2017. p. 151–180.

METZ, J. et al. Plant survival in relation to seed size along environmental gradients: A long-term study from semi-arid and Mediterranean annual plant communities. **Journal of Ecology**, v. 98, n. 3, p. 697–704, 2010.

MIATTO, R. C.; WRIGHT, I. J.; BATALHA, M. A. Relationships between soil nutrient status and nutrient-related leaf traits in Brazilian cerrado and seasonal forest communities. **Plant and Soil**, v. 404, n. 1–2, p. 13–33, 2016.

Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga.acessed. Julho de 2016>.

MOLES, A. T. Being John Harper: Using evolutionary ideas to improve understanding of global patterns in plant traits. **Journal of Ecology**, v. 106, n. 1, p. 1–18, 2018.

MOLES, A. T.; WESTOBY, M. Seed size and plant strategy across the whole life cycle. **Oikos**, v. 113, n. 1, p. 91–105, 2006.

MOLES, A. T.; WESTORBY, M. Seedling survival and seed size:a synthesis of the literature. **Journal of Ecology**, v. 207, n. 2, p. 372–383, 2004.

MORO, M. F. et al. A catalogue of the vascular plants of the Caatinga Phytogeographical Domain: A synthesis of floristic and phytosociological surveys. **Phytotaxa**, v. 160, n. 1, p. 1–30, 2014.

MORO, M. F. et al. Fitossociologia no Brasil: Métodos e Estudos de Casos. In: EISENLOHR, P. V. et al. (Eds.).**Fitossociologia no Brasil :Métodos e Estudos de Casos- Vol II**. Viçosa: Editora UFV, 2015. p. 412–451.

MORO, M. F. et al. A Phytogeographical Metaanalysis of the Semiarid Caatinga Domain in Brazil. **Botanical Review**, v. 82, n. 2, p. 91–148, 2016a.

MORO, M. F. et al. A Phytogeographical Metaanalysis of the Semiarid Caatinga Domain in Brazil. **Botanical Review**, v. 82, n. 2, p. 91–148, 2016b.

MUENCHOW, J. et al. Woody vegetation of a peruvian tropical dry forest along a climatic gradient depends more on soil than annual precipitation. **Erdkunde**, v. 67, n. 3, p. 241–248, 2013.

MURRAY, B. R. et al. Geographical gradients in seed mass in relation to climate. **Journal of Biogeography**, v. 31, n. 3, p. 379–388, 2004.

NICOTRA, A. B.; DAVIDSON, A. Adaptive phenotypic plasticity and plant water use. **Functional Plant Biology**, v. 37, n. 2, p. 117–127, 2010.

NIMER, E. Climatologia da região Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 34, n. 2, p. 3–51, 1972.

NIMER, E. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

NOGUEIRA FERRAZ, E. M.; NOGUEIRA RODAL, M. J.; SAMPAIO, E. V. S. B. Physiognomy and structure of vegetation along an altitudinal gradient in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Phytocoenologia**, v. 33, n. 1, p. 71–92, 2003.

O'NEILL, J. et al. **Tropical Dry ForestsEcology**, 2014.

OGUCHI, R.; HIKOSAKA, K.; HIROSE, T. Leaf anatomy as a constraint for photosynthetic acclimation: Differential responses in leaf anatomy to increasing growth irradiance among three deciduous trees. **Plant, Cell and Environment**, v. 28, n. 7, p. 916–927, 2005.

OKSANEN, J. et al. **Vegan: Community Ecology Package.**Vegan: Community Ecology Package. R Package Version 2.2-0,2013.

OLIVEIRA-FILHO, A. T.; JARENKOW, J. A.; RODAL, M. J. N. Floristic Relationships of Seasonally Dry Forests of Eastern South America Based on Tree Species Distribution Patterns. In: PENNINGTON, R. T.; RATTER, J. A.; LEWIS, G. P. (Eds.).**Neotropical savannas and dry forests: Plant diversity, biogeography and conservation**. Taylor & Francis CRC Press, Oxford., 2006. p. 159–192.

OLIVEIRA-NETO, J. A. **Biogeografia funcional de sementes de gêneros arbóreos de Terra firme da Amazônia**. [s.l.] Dissertação (mestrado em Diversidade Biólogica e Conservação)-Universidade Federal de Alagoas-.Instituto de Ciências Biológicas e da Sáude.Maceió, 2014.

OLIVEIRA, G. M. DE et al. Environmental stress, future climate, and germination of myracrodruon urundeuva seeds. **Journal of Seed Science**, v. 41, n. 1, p. 32–43, 2019.

OYAMA, M. D.; NOBRE, C. A. Climatic Consequences of a Large-Scale Desertification in Northeast Brazil: A GCM Simulation Study. **Journal of Climate**, v. 17, n. 16, p. 3203–3213, 2004.

PANDEY, S. K.; SINGH, H.; SINGH, J. S. Species and site effects on leaf traits of woody vegetation in a dry tropical environment.**Current Science**, v. 96, n. 8, p. 1109–1114, 2009.

PANDEY, S. K.; SINGH, H.; SINGH, J. S. Contrasting leaf phenology of woody species of dry tropical forest. **Plant Biosystems**, v. 148, n. 4, p. 655–665, 2013.

PAUL-VICTOR, C.; TURNBULL, L. A. The effect of growth conditions on the seed size/number trade-off. **PLoS ONE**, v. 4, n. 9, 2009.

PEGUERO-PINA, J. J.; SANCHO-KNAPIK, D. S.-K.; GIL-PELEGRÍN, E. Ancient cell structural traits and photosynthesis in today's environment. **Journal of Experimental Botany**, v. 68, n. 7, p. 1387–1389, 2017.

PENNINGTON, R. T.; LEHMANN, C. E. R.; ROWLAND, L. M. Tropical savannas and dry forests. **Current Biology**, v. 28, n. 9, p. 635–645, 2018.

PEREIRA, I. M. et al. Use-history Effects on Structure and Flora of Caatinga. **Biotropica**, v. 35, n. 2, p. 154–165, 2003.

PIERCE, S. et al. How well do seed production traits correlate with leaf traits, whole-plant traits and plant ecological strategies? **Plant Ecology**, v. 215, n. 11, p. 1351–1359, 2014.

PIERUSCHKA, R.; SCHURR, U.; JAHNKE, S. Lateral gas diffusion inside leaves. **Journal of Experimental Botany**, v. 56, n. 413, p. 857–864, 2005.

PINHEIRO, E. A. R. et al. Importance of soil-water to the Caatinga biome, Brazil. **Ecohydrology**, v. 9, n. 7, p. 1313–1327, 2016.

PINHEIRO, E. A. R.; DE VAN LIER, Q. J.; BEZERRA, A. H. F. Hydrology of a water-limited forest under climate change scenarios: The case of the Caatinga biome, Brazil. **Forests**, v. 8, n. 3, p. 62, 2017.

PINHO, B. X. et al. Plant functional assembly is mediated by rainfall and soil conditions in a seasonally dry tropical forest. **Basic and Applied Ecology**, v. 40, p. 1–11, 2019a.

PINHO, B. X. et al. Plant functional assembly is mediated by rainfall and soil conditions in a seasonally dry tropical forest. **Basic and Applied Ecology**, v. 40, n. August, p. 1–11, 2019b.

POORTER, L. Leaf traits show different relationships with shade tolerance in moist versus dry tropical forests. **New Phytologist**, v. 181, n. 4, p. 890–900, 2009.

PORTILLO-QUINTERO, C. A.; SÁNCHEZ-AZOFEIFA, G. A. Extent and conservation of tropical dry forests in the Americas. **Biological Conservation**, v. 143, n. 1, p. 144–155, 2010.

PRADO, D. P. As caatingas da América do Sul. **Ecologia e Conservação da Caatinga**, v. 2, p. 3–73, 2003.

QIN, J.; SHANGGUAN, Z.; XI, W. Seasonal variations of leaf traits and drought adaptation strategies of four common woody species in South Texas, USA. **Journal of Forestry Research**, v. 30, n. 5, p. 1715–1725, 2018.

QIN, J.; SHANGGUAN, Z.; XI, W. Seasonal variations of leaf traits and drought adaptation strategies of four common woody species in South Texas, USA. **Journal of Forestry Research**, v. 30, n. 5, p. 1715–1725, 2019.

QUEIROZ, L. P. et al. Diversity and Evolution of Flowering Plants of the Caatinga Do main. In: JOSÉ MARIA CARDOSO DA SILVA, INARA R. LEAL, M. T. (Ed.). . **Caatinga: The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. Springer International Publishing, 2017. p. 23–63.

RAMMIG, A.; MAHECHA, M. D. Ecosystem responses to climate extremes. **Nature**, v. 527, n. 7578, p. 315–316, 2015.

RAUNKIAER, C. The life forms of plants and statistical plant geography; being the collected papers of C. Raunkiaer. 1934.

RAY, G. J.; BROWN, B. J. **Seed Ecology of Woody Species in a Caribbean Dry ForestRestoration Ecology**, 1994.

REES, M. Trade-offs among dispersal strategies in Bristish plants. **Nature**, v. 359, p. 150–152, 1993.

REES, M.; VENABLE, D. L. Why do big plants make big seeds? **Journal of Ecology**, v. 95, n. 5, p. 926–936, 2007.

RIBEIRO, E. M. et al. Chronic anthropogenic disturbance drives the biological impoverishment of the Brazilian Caatinga vegetation. **Journal of Applied Ecology**, v. 52, n. 3, p. 611–620, 2015.

RIDLEY, M. **Evolução**. 3ª Edição ed. Porto Alegre: [s.n.]. v. s7-VII

RITO, K. F. et al. Precipitation mediates the effect of human disturbance on the Brazilian Caatinga vegetation. **Journal of Ecology**, v. 105, n. 3, p. 828–838, 2017.

ROA-FUENTES, L. L.; TEMPLER, P. H.; CAMPO, J. Effects of precipitation regime and soil nitrogen on leaf traits in seasonally dry tropical forests of the Yucatan Peninsula, Mexico. **Oecologia**, v. 179, n. 2, p. 585–597, 2015.

ROCKWOOD, L. L. Seed Weight as a Function of Life Form, Elevation and Life Zone in Neotropical Forests. **Biotropica**, v. 17, n. 1, p. 32+ – 39, 1985.

RODRIGUES, P. M. S. et al. Climate change effects on the geographic distribution of specialist trees of trees of the Brazilian tropical dry forests. **Brazilian Journal of Biology**, v. 75, n. 3, p. 679–684, 2015.

RODRIGUEZ, R. E.; DEBERNARDI, J. M.; PALATNIK, J. F. Morphogenesis of simple leaves: Regulation of leaf size and shape. **Wiley Interdisciplinary Reviews: Developmental Biology**, v. 3, n. 1, p. 41–57, 2014.

ROZENDAAL, D. M. A.; HURTADO, V. H.; POORTER, L. Plasticity in leaf traits of 38 tropical tree species in response to light; relationships with light demand and adult stature. **Functional Ecology**, v. 20, n. 2, p. 207–216, 2006.

SACK, L. et al. The “hydrology” of leaves: Co-ordination of structure and function in temperate woody species. **Plant, Cell and Environment**, v. 26, n. 8, p. 1343–1356, 2003.

SALIMON, C.; ANDERSON, L. How strong is the relationship between rainfall variability and caatinga productivity? A case study under a changing climate. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 90, n. 2, p. 2121–2127, 2018.

SAMPAIO, E. V. S.Overview if the Brazilian caatinga. In: BULLOCK, S. H.; MOONEY, H. A.; MEDINA, E. (Eds.).**Seasonally Dry Tropical Forests**. Cambridge: 2009, 1995. p. 35–63.

SÁNCHEZ-AZOFEIFA, A. G. A. et al. Research Priorities for Neotropical Dry Forests. **Biotropica**, v. 37, n. 4, p. 477–485, 2005.

SANTOS, J. C. et al. Caatinga: The scientific negligence experienced by a dry tropical forest. **Tropical Conservation Science**, v. 4, n. 3, p. 276–286, 2011.

SANTOS, R. M. et al. Identity and relationships of the Arboreal Caatinga among other floristic units of seasonally dry tropical forests (SDTFs) of north-eastern and Central Brazil. **Ecology and Evolution**, v. 2, n. 2, p. 409–428, 2012.

SCARIOT, A.; VIEIRA, D. L. M. Principles of natural regeneration of tropical dry forests for restoration. **Restoration Ecology**, v. 14, n. 1, p. 11–20, 2006.

SCHULZ, K. et al. Grazing deteriorates the soil carbon stocks of Caatinga forest ecosystems in Brazil. **Forest Ecology and Management**, v. 367, p. 62–70, 2016.

SCOTT, S. L.; AARSSEN, L. W. Within-species leaf size-number trade-offs in herbaceous angiosperms. **Botany**, v. 90, n. 3, p. 223–235, 2012.

ŠERÁ, B. Simple traits among diaspore weight/number, plant height and ability of vegetative propagation. **Journal of Integrative Plant Biology**, v. 50, n. 12, p. 1563–1569, 2008.

SFAIR, J. C. et al. Chronic human disturbance affects plant trait distribution in a seasonally dry tropical forest. **Environmental Research Letters**, v. 13, n. 2, p. 1–13, 2018.

SFAIR, J. C.; DE BELLO, F.; FRANÇA, D. Chronic human disturbance affects plant trait distribution in a seasonally dry tropical forest. **Environmental Research Letters**, v. 13, n. 2, p. 025005, 2018.

SHELDON, J. C. The behaviour of seeds in soil: III. The influence of seed morphology and the behaviour of seedlings on the establishment of plants from surface-lying seed. **The Journal of Ecology**, p. 47–66, 1974.

SHIPLEY, B. Confirmatory path analysis in a generalized multilevel context. **Ecology**, v. 90, n. 2, p. 363–368, 2009.

SHUDE, Y. et al. Some differrence of capacity of osmotic regulation between lanceolate and broad--ovate leaves in {\sl Populus euphratica}.**Acta Botanica Boreali-Occidentalia Sinica**, v. 24, n. 9, p. 1583–1588, 2004.

SID, R. B. G. **Seed Information Database (SID). Version 7.1. Available from: http://data.kew.org/sid/**, 2017.

SILVA-MATOS, R. R. S. DA; OLIVEIRA-NETO, E. DIAS DE; SOUZA, G. M. M. DE. **Diversidade de plantas e evolução**. Ponta-Grossa-Paraná-Brasil: Atena Editora, 2020.

SILVA, A. C.; SOUZA, A. F. Aridity drives plant biogeographical sub regions in the Caatinga, the largest tropical dry forest and woodland block in South America. **PLoS ONE**, v. 13, n. 4, p. 1–22, 2018.

SILVA, J. M. C. DA; LEAL, I. R.; TABARELLI, M. **Caatinga The Largest Tropical Dry Forest Region in South America**. Springer International Publishing, 2017.

SILVA, L. R.; DA SILVA-CASTRO, M. M.; CONCEIÇÃO, A. DE S. Bignoniaceae in the raso da catarina ecoregion, bahia, Brazil.**Biota Neotropica**, v. 18, n. 4, p. 1–22, 2018.

SILVA, R. A.; SANTOS, A. M. M.; TBARELLI, M. Riqueza e diversidade de plantas lenhosas em cinco unidades de paisagem da Caatinga. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. DA (Eds.).**Ecologia e Conservação da Caatinga**. Recife: Editora da UFPE, 2003. p. 337–365.

SILVA, S. I. et al. Seed oils of Euphorbiaceae from the Caatinga, a Brazilian tropical dry forest. **Biomass and Bioenergy**, v. 69, p. 124–134, 2014.

SILVERTOWN, J. The paradox of seed size and adaptation. **Trends in Ecology and Evolution**, v. 4, n. 1, p. 24–26, 1989.

SIMÕES, S. DOS S. et al. Spatial niche modelling of five endemic cacti from the Brazilian Caatinga: Past, present and future. **Austral Ecology**, v. 45, n. 1, p. 35–47, 2020.

ŠÍMOVÁ, I. et al. Shifts in trait means and variances in North American tree assemblages: Species richness patterns are loosely related to the functional space. **Ecography**, v. 38, n. 7, p. 649–658, 2015.

SIMPSON, A. H.; RICHARDSON, S. J.; LAUGHLIN, D. C. Soil–climate interactions explain variation in foliar, stem, root and reproductive traits across temperate forests. **Global Ecology and Biogeography**, v. 25, n. 8, p. 964–978, 2016.

SINGH, S.; VERMA, A. K. Plant Functional Traits in Tropical Dry Forests. In: **Handbook of Research on the Conservation and Restoration of Tropical Dry Forests**. IGI Global, 2020. p. 66–88.

SINHA, N. Simple and compound leaves: Reduction or multiplication? **Trends in Plant Science**, v. 2, n. 10, p. 396–402, 1997.

SIQUEIRA-FILHO, J. A. et al. Flora of the Caatingas of the São Francisco River. In: **Flora of the Caatingas of the São Francisco River.Natural History and Conservation**. Rio de Janeiro: Editora Andrea Jakobsson Estúdio Editorial Ltda, 2012. p. 446–542.

SIQUEIRA, F. F. S. et al. Human disturbance promotes herbivory by leaf-cutting ants in the Caatinga dry forest. **Biotropica**, v. 50, n. 5, p. 779–788, 2018.

SMITH, W. K. et al. Leaf Form and Photosynthesis.**BioScience**, v. 47, n. 11, p. 785–793, 1997.

SOBRINHO, M. S. et al. Land use, fallow period and the recovery of a Caatinga forest. **Biotropica**, v. 48, n. 5, p. 586–597, 2016.

SONG, J. et al. Correlation between leaf size and hydraulic architecture in five compound-leaved tree species of a temperate forest in NE China. **Forest Ecology and Management**, v. 418, n. May, p. 63–72, 2018.

SOSA, V.; DE-NOVA, J. A.; VÁSQUEZ-CRUZ, M. Evolutionary history of the flora of Mexico: Dry forests cradles and museums of endemism. **Journal of Systematics and Evolution**, v. 56, n. 5, p. 523–536, 2018.

SOUZA, B. C. DE. **Estratégias Hidraúlicas e Divergencia Funcionais em espécies decíduas e sempre verde da floresta tropical sazonalemnte secas**.Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará-UFCE, 2015.

SOUZA, M. L.; SOLAR, R. R.; FAGUNDES, M. Reproductive strategy of Copaifera langsdorffii (Fabaceae):More seeds or better seeds? **Revista de Biologia Tropical**, v. 63, n. 4, p. 1161–1167, 2015.

SPECIESLINK. **Occurrence**. Disponível em: <http://www.splink.org.br/>.

STEARNS, S. **The evolution of life histories. Oxford University Press Oxford**.:1992.

STOWE, L. G.; BROWN, J. L. A Geographic Perspective on the Ecology of Compound Leaves. **Society for the Study of Evolution**, v. 35, n. 4, p. 818–821, 1981.

STROMBERG, J. C.; BOUDELL, J. A. Floods, drought, and seed mass of riparian plant species. **Journal of Arid Environments**, v. 97, p. 99–107, 2013.

SUN, M. et al. Variations in leaf morphological traits of Quercus guyavifolia (Fagaceae) were mainly influenced by water and ultraviolet irradiation at high elevations on the Qinghai-Tibet Plateau, China. **International Journal of Agriculture and Biology**, v. 18, n. 2, p. 266–273, 2016.

TABARELLI, M. et al. Caatinga: Legado, trajetória e desafios rumo à sustentabilidade. **Ciência e Cultura**, v. 70, n. 4, p. 25–29, 2018.

TAUTENHAHN, S. et al. On the biogeography of seed mass in Germany- distribution patterns and environmental correlates Susanne.**Ecography**, v. 31, n. March, p. 457–468, 2008.

TAVARES, V. C. A percepção ambiental dos agricultores rurais do município de queimadas/PB sobre a degradação do Bioma Caatinga. **ACTA Geográfica**, v. 12, n. 28, p. 74–89, 2018.

TEAM, R. C. **R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.**

TEIXEIRA, L. P. **Análise da Distribuição Espacial e Representatividade Geográfica das Unidades de Conservação do Domínio Fitogeográfico da Caatinga**. [s.l.] Trabalho de Conclusão de Curso(graduação)- Universidade Federal do Ceará, Instituto de Ciências do Mar, Curso de Ciências, Fortaleza, 2018.

TER STEEGE, H. et al. Continental-scale patterns of canopy tree composition and function across Amazonia. **Nature**, v. 443, n. 7110, p. 444–447, 2006.

TERASHIMA, I. et al. Leaf functional anatomy in relation to photosynthesis.**Plant Physiology**, v. 155, n. 1, p. 108–116, 2011.

TERRA, V.; GARCIA, F. C. P. A new species of Senegalia (Leguminosae-Mimosoideae) from the Caatinga Domain, Brazil. **Phytotaxa**, v. 288, n. 2, p. 181–186, 2016.

THOMPSON, K.; BAND, S. R.; HODGSON, J. G. Seed Size and Shape Predict Persistence in Soil. **Functional Ecology**, v. 7, n. 2, p. 236, 1993.

TOMASELLA, J. et al. Desertification trends in the Northeast of Brazil over the period 2000–2016. **International Journal of Applied Earth Observation and Geoinformation**, v. 73, n. June, p. 197–206, 2018.

TORRE, S. Morphology and Anatomy: Leaves. In: ROBERTS, A. . (Ed.). . **Encyclopedia of Rose Science**. London: Academic Press, 2004. p. 497–504.

TOSCANO, S.; FERRANTE, A.; ROMANO, D. Response of mediterranean ornamental plants to drought stress. **Horticulturae**, v. 5, n. 1, p. 1–20, 2019.

TROVÃO, D.DE B. et al. Espécies vegetais da Caatinga associadas às abelhas (Hymenoptera: Apoidea : Apiformis). **Revista Caatinga**, v. 22, n. 3, p. 136–143, 2009.

TURNBULL, L. A.; REES, M.; CRAWLEY, M. J. Seed mass and the competition/colonization trade-off: A sowing experiment. **Journal of Ecology**, v. 87, n. 5, p. 899–912, 1999.

UNGER, P. W.; KASPAR, T. C. Soil Compaction and Root Growth: A Review. **Agronomy Journal**, v. 86, n. 1959, p. 759–766, 1994.

VALENTE, E. DE B.; PÔRTO, K. C.; BASTOS, C. J. P. Species richness and distribution of bryophytes within different phytophysiognomies in the chapada diamantina region of brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 27, n. 2, p. 294–310, 2013.

VARJÃO, R. R.; JARDIM, J. G.; CONCEIÇÃO, A. DE S. Rubiaceae Juss. de caatinga na APA serra Branca/Raso da Catarina, Bahia, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 13, n. 2, p. 105–123, 2013.

VELLOSO, A. L. et al. **Ecorregiões: Propostas para o Bioma Caatinga; resultados do seminário de planejamento ecorregional da Caatinga.** 1ª ed. Recife: Associação Plantas do Nordeste; Instituto de Conservação Ambiental/The Nature Conservancy do Brasil, 2002.

VENABLE, D. L. Size-number trade-offs and the variation of seed size with plant resource status. **American Naturalist**, v. 140, n. 2, p. 287–304, 1992.

VERHEYEN, K. et al. Response of forest plant species to land-use change: A life-history trait-based approach. **Journal of Ecology**, v. 91, n. 4, p. 563–577, 2003.

VIANI, R. A. G. et al. Soil pH accounts for differences in species distribution and leaf nutrient concentrations of Brazilian woodland savannah and seasonally dry forest species. **Perspectives in Plant Ecology, Evolution and Systematics**, v. 16, n. 2, p. 64–74, 2014.

VIEIRA, D. D.; DE MELO, J. I. M.; CONCEIÇÃO, A. DE S. Boraginales Juss. ex Bercht. & J.Presl na Ecorregião Raso da Catarina, Bahia, Brasil. **Biota Neotropica**, v. 15, n. 3, p. 1–17, 2015.

VIEIRA, R. M. S. P. et al. Identifying areas susceptible to desertification in the Brazilian northeast. **Solid Earth**, v. 6, n. 1, p. 347–360, 2015.

VILELA, A. et al. Trade-offs between reproductive allocation and storage in species of Oenothera L. (Onagraceae) native to Argentina. **Acta Oecologica**, v. 33, n. 1, p. 85–92, 2008.

VILLELLAS, J.; GARCÍA, M. B. The role of the tolerance-fecundity trade-off in maintaining intraspecific seed trait variation in a widespread dimorphic herb. **Plant Biology**, v. 15, n. 5, p. 899–909, 2013.

VOLIS, S.; BOHRER, G. Joint evolution of seed traits along an aridity gradient: Seed size and dormancy are not two substitutable evolutionary traits in temporally heterogeneous environment. **New Phytologist**, v. 197, n. 2, p. 655–667, 2013.

VOLIS, S.; MENDLINGER, S.; WARD, D. Differentiation in populations of Hordeum spontaneum along a gradient of environmental productivity and predictability: life history and local adaptation. **Biological Journal of the Linnean Society**, v. 77, n. 4, p. 479–490, 2002.

WALDHOFF, D.; PAROLIN, P. Morphology and anatomy of leaves. In Amazonian Floodplain Forests. In: JUNK, W. J. et al. (Eds.).**Amazonian Floodplain Forests**. Springer Dordrecht Heidelberg London New York: [s.n.]. p. 179–202.

WANG, C. et al. The smaller the leaf is, the faster the leaf water loses in a temperate forest. **Frontiers in Plant Science**, v. 10, n. February, p. 1–12, 2019.

WU, B. et al. Differences in leaf functional traits between simple and compound leaves of Canavalia maritime. **Polish Journal of Environmental Studies**, v. 28, n. 3, p. 1425–1432, 2019.

XU, F. et al. Habitat effects on Leaf morphological plasticity In Quercus acutissima. **Acta Biologica Cracoviensia Series Botanica**, v. 50, n. 2, p. 19–26, 2008.

XU, F. et al. Leaf morphology correlates with water and light availability: What consequences for simple and compound leaves. **Progress in Natural Science**, v. 19, n. 12, p. 1789–1798, 2009.

YANG, D.; LI, G.; SUN, S. The generality of leaf size versus number trade-off in temperate woody species. **Annals of Botany**, v. 102, n. 4, p. 623–629, 2008.

ZANELATO, D. **Comunidades arbóreas em florestas de restinga : o papel das demandas conflitantes e dos inimigos naturais no nicho de regeneração**. [s.l.] Dissertação (Mestrado)-Instituto de Biociência da Universidade de São Paulo. Departamento de Ecologia.,2012.

ZANINI, M. et al. Climatically-mediated landcover change: impacts on Brazilian territory Marina. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 89, n. 2, p. 939–952, 2017.

ZHANG, Y. J. et al. Speed versus endurance tradeoff in plants: Leaves with higher photosynthetic rates show stronger seasonal declines. **Scientific Reports**, v. 7, n. January, p. 1–9, 2017.

ZORGER, B. B. et al. Functional organization of woody plant assemblages along precipitation and human disturbance gradients in a seasonally dry tropical forest. **Biotropica**, v. 51, n. 6, p. 838–850, 2018.